

Oferta
-0. NOV. 1998

ANO III N.º 150
30
MARÇO
1944
PREÇO AVULSO
ESC. 1 \$ 5 0

Qual a vedeta mais popular da nossa Rádio?
Participe neste nosso sensacional concurso

Luís Piçarra à frente da classificação geral!



Maria Matos, actriz de grande classe, é também uma das primeiras figuras do «ecran» português. Os seus êxitos contam-se pelo número de vezes em que foi chamada pelo cinema nacional para uma contribuição honrosa, o que não falta nem arte nem inteligência e devoção. Aqui a vemos numa das cenas do novo filme «A Menina da Rádio», onde tem um desempenho que constitui uma das melhores afirmações do valor da sua carreira artística.

**VIDA
MUNDIAL**

ILUSTRADA

SEMANÁRIO GRÁFICO DE ACTUALIDADES

«BÉLINHA»

UM dia, Bélinha viu-se ao espelho. Compôs o cabelo anelado, preto e comprido, e chegou à conclusão de que era bonita. Depois, mirou os móveis velhos, desconjuntados, as cortinas das janelas feitas de cretone barato já manchadas pelo tempo, o espelho pequeno, redondo, com a moldura rachada. Pensou depois na Laura, uma amiga da infância, que um dia desaparecera do bairro misteriosamente, e voltara mais tarde de automóvel; luxuosa, os dedos cheios de brilhantes. E a Laura era mais feia do que ela, sempre o ouvira dizer aos rapazes. E um daqueles rapazes do seu bairro seria o seu marido, mais dia, menos dia. E trabalharia de manhã à noite, receberia pancadas, e passaria talvez, fome. E foi precisamente dois dias depois de ter pensado assim, que a Bélinha, como já o fizera Laura, desapareceu do pacato bairro operário. Mas ao contrário de Laura, Bélinha nunca mais aparecia luxuosa, e os dias passavam velozes. E os pais choraram, a mãe caiu à cama doente.

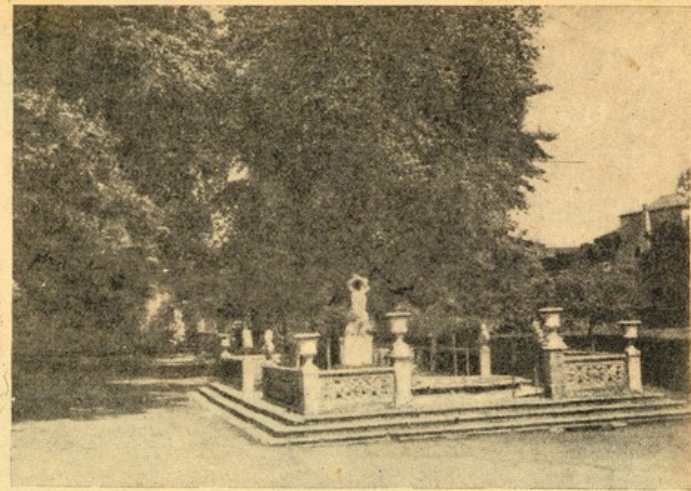
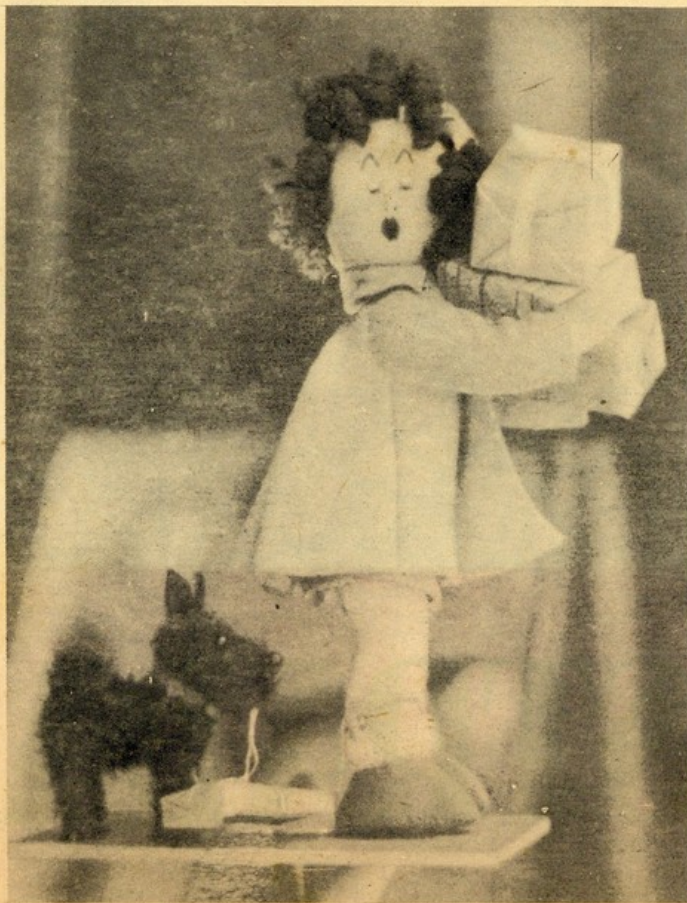
Quando uma noite passava por uma rua da Baixa, uma rapariga nova, mal vestida, rosto pálido e denotando sofrimento, acercou-se. De cabeça baixa a esconder as lágrimas, contou-me a sua história triste. Tinha fome. Acompanhei-a, condoido. E depois, sentado a seu lado num banco do jardim de S. Pedro de Alcântara, ouvi, com mais pormenores, a sua tragédia. Era a mesma Bélinha que um dia abandonara a casa paterna; porque era bonita e porque, por isso, podia viver num palácio, em vez de viver numa casa modesta, dum modesto bairro de operários.

Bélinha, vive hoje na mesma casinha modesta. Fui eu que vencendo os seus receios e a oposição, aliás fraca do pai, a levei para lá no dia seguinte àquela noite em que a encontrei. E hoje, a Bélinha, casada com um rapaz do seu bairro, vive contente e feliz, perdidas as ilusões de que um dia se deixou possuir.

Como Bélinha, existem dezenas de outras Bélinhas bonitas que um dia, pensando da mesma forma, se deixam arrastar atrás da miragem dum casaco de peles, duma casa luxuosa, de jóias cintilantes. E o causal engrossa cada vez mais num número crescente e que faz pena. Que excelentes donas da casa se perdem, que excelentes esposas e mães o destino lança pela porta fora, só por causa da ambição, da ténivel fascinação do dinheiro e do luxo! Pobres Bélinhas!...

ROGERIO DE OLIVEIRA

QUE PÊSO!...



QUELUZ — Saúde do passado...

HA ali, por toda a parte, pelas salas longas, pelas paredes altas, sobre as folhagens frondosas como que o esvoaçar duma saúde sincera que não morre!

O palácio de Queluz! Miragem de sonho, que o sonho dos homens transformou em realidade.

Hoje, é bem uma das mais notáveis relíquias do passado que, nós, portugueses, possuímos orgulhosamente. Num lado, recordamos as brutalidades lendárias de Jean Lannes, duque de Montebello, marechal de França, que depois de ofender Lisboa, com a sua ausência total de cortesia e de tacto diplomático, foi morrer estupidamente na violenta batalha de Essling.

Noutro lado, parece-nos ainda rever as elegâncias espolhafatosas e ridículas de Autoche Junot, o famoso Junot, de Abrantes, que teve Lisboa sob o seu jugo despótico durante algum tempo...

Mais longe, encontramos a sala de D. Quixote. Aí morreu D. Pedro I, do Brasil, num fenecer lento de esperanças e de desejos... Enfim, todo o Palácio de Queluz é isto mesmo: evocação, sonho, saúde. Saúde do passado!...

Que tristeza, a de então. Como era possível que os homens desprezassem uma obra de arte, uma obra de carinho, onde se recordavam alguns dos mais belos episódios da história portuguesa?

Mas—infelizmente—era bem verdade! Os homens esqueciam-se do Palácio de Queluz! E em vez de o transformarem num precioso museu, deixavam, indiferentes, que se tornasse num miserável cemitério de recordações agonizantes...

E as paredes caíam, abanadas pelo furor do tempo. E os espelhos partiam-se mercê da incuria dos homens. E o mobiliário desaparecia, na voragem da ambição duns certos cavalheiros.

Ah, que tempo esse, que tempo esse... Escrevia Álvaro Mala, um dia, com toda a razão dos seus comentários justos e oportunos: «O resto, miséria, máscara de farsa a entrar uma tragédia, a pelintrice a encobrir ruínas e misérias».

Ele referia-se, indubitavelmente, aos restos que ficavam — por graças dos miseráveis usurpadores...

* * *

Hoje, porém, a saúde renasceu. E da incuria e do desprezo e do desdém dos homens — o palácio de Queluz ganhou, de novo, a áurea de sonho a que tem jus direito.

Não, não podemos esquecer aquelas salas venerandas, aqueles jardins dum encanto incedível, aquela mata frondosa, cheia de segrédos de amor, aqueles lagos limpidos em que se reflectia a beleza das mais nobres damas e a ribeira azulada, a ribeira que, por si só, vale um poema de suavidade e de recordação... Não, não podemos olvidar o am-

biente elegante e distinto de todo o palácio!

As vezes, fechando os olhos, quasi temos a impressão de evocar os antigos balles da Corte, com toda a sua sumptuosidade e toda a sua finura. Em cada sala, em cada corredor, em cada metro de terreno — há uma recordação a palpitir.

Perpassam ainda, por ali, as figuras de D. Pedro III, de D. Carlota Joaquina, de D. Miguel, de tantos outros...

Num lado, recordamos as brutalidades lendárias de Jean Lannes, duque de Montebello, marechal de França, que depois de ofender Lisboa, com a sua ausência total de cortesia e de tacto diplomático, foi morrer estupidamente na violenta batalha de Essling.

Noutro lado, parece-nos ainda rever as elegâncias espolhafatosas e ridículas de Autoche Junot, o famoso Junot, de Abrantes, que teve Lisboa sob o seu jugo despótico durante algum tempo...

Mais longe, encontramos a sala de D. Quixote. Aí morreu D. Pedro I, do Brasil, num fenecer lento de esperanças e de desejos...

Enfim, todo o Palácio de Queluz é isto mesmo: evocação, sonho, saúde. Saúde do passado!...

CINCO MINUTOS DE ENTREVISTA

Com sua excelência, dona Primavera

FOI no domingo, 19 de Março, que demos o último passeio com o velho Inverno.

A noite caía sobre a terra bonita e perfumada. O velho Inverno caminhava, a nosso lado, em largas passadas, como que cheio de pressa.

— Mais devagar, amigo... — implorámos nós, a certa altura.

Mas ele firmou-se no bordão e fitou-nos com uns olhos coléricos.

— Devagar? Não posso... Já ninguém me quer... Todos troçam de mim... Estou farto de tudo isto!

Calámo-nos. No fundo, sentíamos que ele tinha razão. Pobre Inverno! Quasi que ninguém deu pela sua passagem. Houve dias de sol, noites luarentas, um céu límpido de nuvens. E para que chovesse e para que ventasse — foi necessário fazer abaxos-assinados ao pai do Céu.

Pobre Inverno! Como ele devia sentir-se triste, ao saber que estava no limiar do seu reinado — um reinado que há muito já lhe fôra usurpado pelos frescores duma primavera prematura.

Ao fim da estrada, o velho Inverno pôs a mão sobre os olhos, a fingir de pala, espreitou e murmurou-nos baixinho:

— Ela vem aí... Não me perdoa nem um minuto.

ESTÁ DE ACORDO COM ISTO?

«Tenho uma filha que é aluna do liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, agora doente com gripe. Ora, para lhe relevar as quatro faltas que ela foi obrigada a dar, foram precisos nada mais, nada menos do que «seis documentos» (quatro em papel selado, com as assinaturas devidamente reconhecidas pelo notário): um boletim da médica do liceu, uma carta minha para a delegada da Mocidade Portuguesa Feminina (estes dois em papel vulgar), um requerimento para a mesma delegada, dois atestados médicos para a reitora e vice-reitora, um requerimento para a reitora. Tudo isto custou-me a pequena quantia de 62\$70.

Não sugiro nada. O facto fala por si. E a cifra fala como facto. Não se pode estar doente?»

FRANCISCO CALADO
Rua de Santa Justa

Há dias, tomei o barco da «Lisbonense» e fui a Cacilhas. A saída, ninguém me pediu o bilhete e eu dei-o fora. Na volta, sem reparar numas pequenas letras que vinham ao fundo, em que se recomendava a conservação do bilhete, e visto que o exemplo da ida fortalecia a minha distração, dei o bilhete fora. A saída, porém, um funcionário zeloso, impenetrável e cara de madeira, exigiu que eu «fosse buscar o bilhete, porque alguém o podia apanhar e servir-se dele, prejudicando, assim, a empresa». Compreendi, voltei atrás, procurei e verifiquei que certamente o deitara ao rio. Pedi ao homenzinho que me deixasse passar mas ele encolheu os ombros, não aceitou a explicação e limitou-se a replicar: «pague outro bilhete, que por aqui não passa!». E tive que pagar outro bi-

lhete — depois de ter passado por um vexame. O homem estava, claro, «dentro da lei» — mas não lhe parece bem que se registre aqui o facto, para aviso dos incautos e a ver se a empresa condecora o zeloso funcionário? Acho mesmo que este é o melhor processo de atrair os turistas...

MARIA DO CARMO LOPES — Rua Saraiva de Carvalho.

O Parque Eduardo VII, que, mesmo assim desarranjado, sujo e mal tratado continua a fazer as delícias de pequenos e grandes, que ali vão buscar o que certamente não encontram quando se acotovelam pelas ruas de Lisboa ou seja sossêgo, ar e sol, está condenado a desaparecer em vista do novo plano urbanístico da capital. O prolongamento da Avenida irá rasgá-lo de alto a baixo. Os automóveis e toda a sorte de maquinetas, que antes ali faziam paragem obrigatória para o tornar porque era um Parque, vão agora ter caminho livre para suas buzinas e correias.

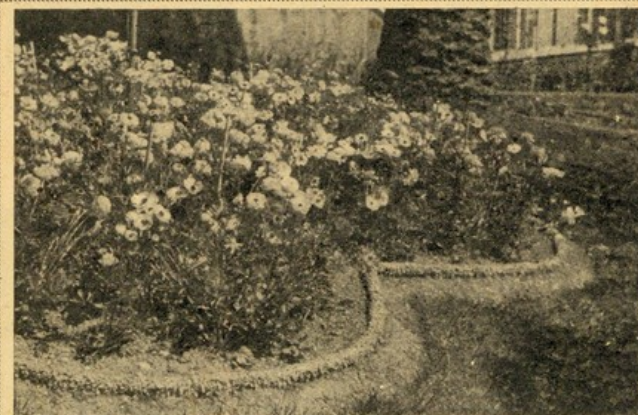
Certamente e principalmente quem tenha, ou melhor, quem venha a ter filhos pequenos e morar para os lados do que foi Parque Eduardo VII há-de ver-se em sérios apuros para mandar ajoitadamente seus filhos tomar, sossegadamente, e à vontade, ar lavado e sol. E mesmo aqueles, que um dia necessitando de sossêgo de espírito e corpo, olbarem para aquelas ruas largas e ajardinadas com prédios grandes e luxuosos, não-de sentir a falta dum lugar dentro da cidade, com fácil acesso, que seja um recanto da Natureza.

Eu, que bastas vezes passo em S. Sebastião e encontro infalivelmente aquelas muralhas do antigo Jardim Zoológico guardarem avaramente muitos metros quadrados de terreno, tenho feito a mim mesmo esta pergunta: que irão fazer daquilo?

Não seria interessante que esta resposta à minha pergunta fosse só esta: Um Parque?

F. LOURENÇO
R. de S. Francisco de Sales, 20

JARDINS FLORIDOS



Chegou a Primavera carregada de flores. E os jardins de Lisboa matizaram-se de cores e de formas bizarras. João Martins passou pelos jardins do Matadouro e de Santana para colher estes braços de flores. Não têm, naturalmente, o perfume e a frescura da arte da natureza que os gerou — mas são uma sugestão do pintor e um convite a uma visita aos lindos jardins floridos da nossa cidade!

REPÓRTER DOIS

De Verona a Argel

BOM seria que sempre aos princípios se atribuisse a justa plenitude do seu império, sem desconto ou sobrecarga ao sabor das predileções individualizadas. Uma norma de moral deveria ter a sua aceitação permanente, independentemente de considerações de ocasião. Por isso, porque se nos afigura ser o direito de privação da vida — a pena de morte — uma prática em desharmonia com o que supomos dever considerar-se o justo nível da civilização, no estado de desenvolvimento a que a técnica — progresso material — nos guiou, tanto essa prática nos parece lamentável a ocidente como a oriente, nos polos ou no equador. Nos casos de crime de opinião — mais ainda. Pela própria natureza desses crimes, pelo seu carácter absolutamente transitório, que de um dia para outro, ao sabor de simples oscilações de factos e de idéias, transforma a mesma atitude, de acto punível no cadafalso, em acto crêdor de glorificação. Isto pode parecer quíski infantil — haver quem se preocupe da ninharia de mais um ou mais uma dúzia de cadáveres numa altura da história em que os homens, por dia, se matam aos milhares. Mas é diferente. Sem entrar na própria razão de ser da guerra — esta existe como recurso — e premiu — em que os povos organizados se lançam uns contra os outros de armas na mão. E cada um não sabe quem é que está do outro lado para receber a bala que se lança. Este anonimato ainda é uma explicação. Mas a atmosfera de guerra civil está a adensar-se. Quando o que sobreviveu do regime fascista italiano mandou fuzilar os fascistas que prepararam o golpe contra Mussolini ou nele participaram, não faltou quem visse erguer-se, no campo de Verona onde soaram as balas ao pelotão executor, uma nuvem a envolver os fuzilados na auréola do martírio que sempre suscita uma instintiva simpatia — piedade, se assim se lhe quiser chamar. E chega o raciocínio a deixar que se apure a memória de outros factos, para ficar só aquê derradeiro, irremediável momento da voz de fogo.

O processo contra Pierre Pucheu pode muito bem ter suscitado considerações idênticas. O antigo ministro de Vichy refugiou-se, primeiro, na neutralidade espanhola e, depois, passou à África quando os americanos se firmaram no seu desembarque. O depoimento de Giraud não foi bastante para o salvar. A acusação de ter cooperado com o inimigo prevaleceu — e nem os argumentos postos em Londres e em Washington, onde se tomou nitidamente posição em favor da vida do condenado, tiveram valor bastante para impedir a execução.

Será que só no banho de sangue os povos poderão lavar a sua consciência e tomar alento para a nova caminhada? A propósito de Pucheu, os jornais ingleses e americanos recordavam que, pelos mesmos crimes que lhe eram imputados, teriam de ser julgados muitos milhares de franceses. Não-de ficar os franceses a fuzilar-se uns aos outros? Por quanto tempo? Giraud, há tempos, disse que, após a vitória, o «metoyement» — a «limpeza»... — seria rápido e que a França desde logo se empenharia pressurosa na tarefa da sua reconstrução. É bom que assim seja, pelo menos que assim se pense. Mas essa tarefa de reconstrução, que o mundo latino espera da França, fazendo crédito ao poder criador do seu génio crítico, pode eficientemente desenvolver-se no clima da guerra civil, ódios cavando outros ódios, o «dever» e o «shaver» da escrita das vindictas e revindictas a reacender-se página após página? É preciso reformar a mentalidade, o estado de espírito dominante, para que a carnificina hedionda da guerra se não prolongue numa outra carnificina, não menos hedionda, por procurada e reflectida, num após-guerra que já de si se anuncia, na sua fase mais imediata, como particularmente doloroso. Não há parto sem dores, é certo. Mas abra-se ao que vier um crédito de esperança, ao de optimismo, para que do trabalho fecundo de todos possa resultar para a humanidade um momento de repouso.

J. R. S.

FRANÇA

A mulher francesa na guerra

QUE nos dizem a esta foto? Não parece um paradoxo? Pois não é. São apenas duas raparigas francesas que estão em Itália e prestam serviço como condutoras de ambulâncias, junto do V exército. O que as raparigas francesas estão a fazer como auxiliares dos combatentes é já uma grande obra — e, como se vê, não obstante a masculinização da profissão, elas continuam a ser mulheres. Nas horas de ócio, ou enquanto aguardam sinal de marcha, fazem «tricot»...

Nas horas de trabalho intenso, as francesas são destemidas e disputam coragem aos homens, indo às primeiras linhas de combate, para retirar os feridos. Depois, para cá da frente tenebrosa, desempenham altas funções ou são obscuras amigas e protectoras das populações sinistradas. São parisienses que passaram a sua graça pelos «boulevards», são camponesas do sul, são antigas universitárias. Para todas há lugar, no serviço do Corpo Expedicionário Francês que combate na Itália Central — sob o comando superior do general Clark, trocando as meias de vidro... pelas peúgas de lã, enroladas até aos sapatos grossos ou às botas do regulamento...

Recentemente, 15 raparigas nascidas em França e recrutadas nos Estados Unidos pela Missão Militar Francesa, chegaram a Rabat, como elementos da Unidade Rochambeau. Servirão como enfermeiras e motoristas e ficarão alojadas numa casa flutuante. Pertencem às melhores famílias da França e os seus apelidos falam-nos de uma história brilhante de Mil e uma Noites: Anne de Bourbon, Jacqueline Lambert de Guise, Yon Cousson Mangin...

Elas abandonaram o bem-estar patriarcal e foram a caminho do trabalho e do desconforto, porque sabem que para lá do que as rodeia, há multidões que sofrem e as esperam, com os seus medicamentos de corpo e alma...



INDIA

Morreu a «Ba»...

MORREU a «Ba»! — foi este o suspiro que o mundo hindu lançou, quando morreu há cerca de dois meses a Senhora Gandhi.

O prisioneiro de Poona perdia, assim, a sua companheira de tantos anos, a fiel esposa que todo o mundo conhecia sob o nome de «Ba», porque os amigos do Mahatma, chamando-lhe a ele próprio «Bapou» deram à Senhora Gandhi o diminutivo do apelido do marido.

Vejamos como Edmond Privat se refere à pequenina figura de «Ba», nesse ano em que, a bordo do «Pilsna», Gandhi regressava a Bombaim. Cá em baixo, no cais, em companhia da filha de Nehru e depois da conferência do marido em Londres, ela esperava trémula e ansiosa, vendo e ouvindo as aclamações do povo:

«Uma multidão imensa, de «bonets» brancos, era sustida por detrás das cordas, pela polícia inglesa, de capacetes coloniais, e saudava com, as suas exclamações ritmadas: Mahatma Gandhi, Ki já!»...

Fomos depois recebidos por «Ba» em companhia da dona da casa em que se hospedaram, acolhendo-nos com as tradicionais grinaldas de flores que passavam em volta do pescoço dos visitantes, como cumprimentos de boas-vindas.

A escadaria estava coberta de sandálias, porque era preciso deixar o calçado à porta, como prova de cortezia...

Havia tanta gente para pernoitar, que foi preciso estender colchões pelos corredores... Porém, a nós, jornalistas estrangeiros, tinham-nos reservado um aposento. De modo que «Ba», muito fatigada, à procura de repouso, foi ter connosco e falou-nos de seus filhos.

Nós tínhamos viajado no «Pilsna» com o seu filho mais novo, o sorridente Devadas, de faces redondas, que é hoje o director do «Hindustão-Times» e genro do patriota Radjagopalchari, considerado príncipe pela im-



presa europeia, por causa das três primeiras sílabas do seu nome.

Quando o Mahatma foi detido, à nossa vista, por oficiais da polícia lavados em lágrimas, sua esposa, de cabelos brancos, quis lançar-se a seus pés, pedindo perdão por não ser capaz de se comportar à sua altura. Gandhi, então, susteve-a ternamente e consolou-a, como se fosse a uma criança.

A vida de uma mulher, ao lado de um grande homem, é sempre difícil. Ao lado de Gandhi, para uma hindu que jamais safu do seu país e que viu tantos costumes seculares destruídos pouco a pouco pela influência de seu marido — o papel devia ser mais difícil de representar.

Como ela gostaria que as suas netas fôsem a certeza do passado, dando-lhes uma educação igual à que tivera! Mas — por causa do marido — pouco a pouco foi preciso abandonar tudo, até às recordações da família, porque eles tinham de ser pobres, como os pobres.

De sacrifício, em sacrifício, de angústia em angústia, por causa dos jejunos do marido — a senhora Gandhi ao princípio renitente, acabou por professar as doutrinas do espóso. Depois, quando os seus cabelos negros se fizeram brancos, «Ba» foi propagandista até se deixar aprisionar, para ficar fiel ao seu ideal, que é como quem diz: à resistência passiva à ocupação estrangeira...

INGLATERRA

Uma burla sr. Churchill!

COMO no cinema, em que os grandes artistas nunca se arriscam a praticar certos actos que lhes ponham a vida em perigo — também na política é necessário procurar sósias que induzam as massas no engano de estarem em presença dos grandes chefes. Sabe-se, por exemplo, que Hitler tem bastantes sósias — o seu tipo não é raro na Alemanha e é fácil de imitar e ainda antes da guerra se poderia encontrar nas ruas de Varsóvia um engenheiro que era espantosamente parecido com o chanceler do Reich.

Raras vezes, porém, se ouve falar de um sósia oficial de Churchill. E, entretanto ele existe. Durante a última viagem aos Estados Unidos, Churchill só se mostrou em público na sessão do Congresso, em que pronunciou um memorável discurso. De resto — foi sempre o sósia que compareceu, o sr. Dudley Field Malone, jurista transformado em actor.

De facto, no filme «Missão a Moscovo», Malone aparece como sendo o Primeiro Ministro. Para completar a ilusão, Malone, quando faz de Churchill, usa lacinho e

fuma charuto em lugar de cigarro — o que ele detesta e lhe faz chorar os olhos...

O público norteamericano recebeu por toda a parte este alter ego do Primeiro Ministro e os reporteres ingénuos não deixavam os telefones às redacções, para relatar as atitudes de... Malone!

O actor inglês parece-se tanto e tão bem imita Churchill que os amigos deste chamam-no... sósia de Malone.

Os americanos, quando souberam o lógru em que tinham caído, fecharam o punho vingativo e gritaram alegremente:

— Uma burla, sr. Churchill!...



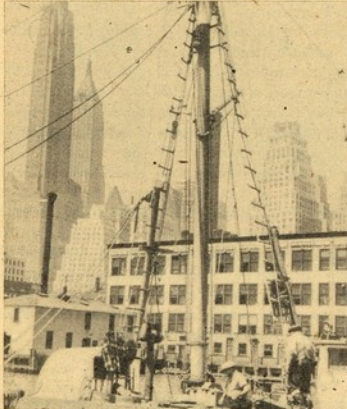
Quem saberá dizer qual é o verdadeiro Churchill?



O barco está carregado de peixe pescado no nordeste da costa do Atlântico dos Estados Unidos e prepara-se para largar a caminho de Fulton Fish Market.



Uma hora de repouso, depois da faina da pesca, sabe bem passada nos camarotes...



O movimento no cais é intenso. E nem o fundo cenográfico dos arranha-céus rouba o ambiente o ar decorativo de todos os portos de pesca.



Foram os bravos pescadores americanos, descendentes de portugueses, quem pescou o peixe que foi meio fresco em barricas. De Fulton Fish Market partidão para todo o país.



«O peixe é esquisito, não? Pois é apenas vulgar — eis vulgaríssimo — bacalhau pescado na última viagem e que está a ser pesado. Mas, mesmo que tenha peso à mais, deste não comeremos nós...»

ESTADOS UNIDOS

grande centro piscatório americano

O maior centro de distribuição de peixe da América, Fulton Fish Market, é banhado pelo East River e fica no centro de Nova-York.

Contrastando com um fundo constituído de arranha-céus e edifícios com estabelecimentos comerciais que lhe dão a nota de centro financeiro da cidade, a actividade de Fulton Fish Market desenvolve-se em muitos armazéns velhos e agências marítimas construídos nos dias em que muitos e grandes veleiros, chegados dos famosos portos dos sete mares, atravavam perto das suas portas.

Nos Estados Unidos, durante a guerra, o peixe não está racionado, sendo grande a sua procura como alimento substituído da carne que é estritamente racionada. Por isso Fulton Fish Market tanto embarca grandes quantidades de peixe para mercados civis espalhados por todos os Estados Unidos, como para as forças armadas e depósitos de abastecimentos das Nações Unidas no ultramar. Antes da guerra, já era a torrente de peixe fresco que ia dar a este porto, levada de todas as partes do mundo em vapores, carroças e comboios. E era assim que Fulton Fish Market podia vender nos Estados Uni-

dos as qualidades mais características, mais apreciadas e mais caras de quasi todos os países.

A história deste mercado data de 1664, quando os índios, pela primeira vez, levaram para ser negociados em Nova York carregamentos de peixe.

Com a entrada dos Estados Unidos na guerra e em cada dia que passa entram ali entre 300 a 500 toneladas de peixe. São portugueses, gregos, cubanos, canadianos de origem francesa, italianos, escandinavos e muitos anglo-saxões os homens que as pescam.

As forças armadas americanas consomem, hoje, cerca de metade de todo o peixe congelado nos Estados Unidos e grandes quantidades são enlatadas e embarcadas para as frentes de combate das Nações Unidas no ultramar.

Hoje, como nunca, na sua história, é grande a labuta no Fulton Fish Market por causa desta guerra que se sobreleva a todas as actividades e interesses.

CHINA STILWELL

está há dois anos a comandar exércitos chineses

ESTAMOS a 30 de Março. A 19 do corrente, passou o segundo aniversário sobre a nomeação do tenente general Joseph W. Stilwell para comandante dos 4.º e 6.º exércitos chineses em operações na Birmânia. Não se pode dizer que a data não mereça registo especial. Sob as instruções do comandante-chefe das forças dos Estados Unidos em operações na China, Birmânia e Índia — ele é como se sabe, chefe do Estado Maior do generalíssimo Chang-Kai-Chek — as tropas sino-americanas iniciaram um avanço formidável, obra de militares que lutam e obra de engenheiros e operários que estão a construir uma estrada misteriosa, através da qual são

transportados abastecimentos de toda a ordem.

Há, nos últimos dois anos de actividade bélica de Stilwell, uma frase que define o vencido da Birmânia. Os seus exércitos tinham sido derrotados e, atrás do tenente-general, a caminho da China, seguira apenas homens fatigados e mal equipados. Stilwell, de rija ténpera, sabia, porém, que não tinha perdido a partida e afirmou:

— «Estados Unidos... significa acção! Não ficaremos satisfeitos, enquanto não virmos as tropas chinesas e americanas reunidas em Tóquio...»

Hoje, nas margens do Chindwin, o inimigo recua.



NORUEGA

Medida radical...

SOB o contróle alemão, o povo norueguês faz como pode para significar que não está satisfeito. Há, naturalmente, o protesto surdo, o protesto barulhento das sabotagens, mas há também o protesto bem humorado, a partidinha de fazer mal sem mal fazer...

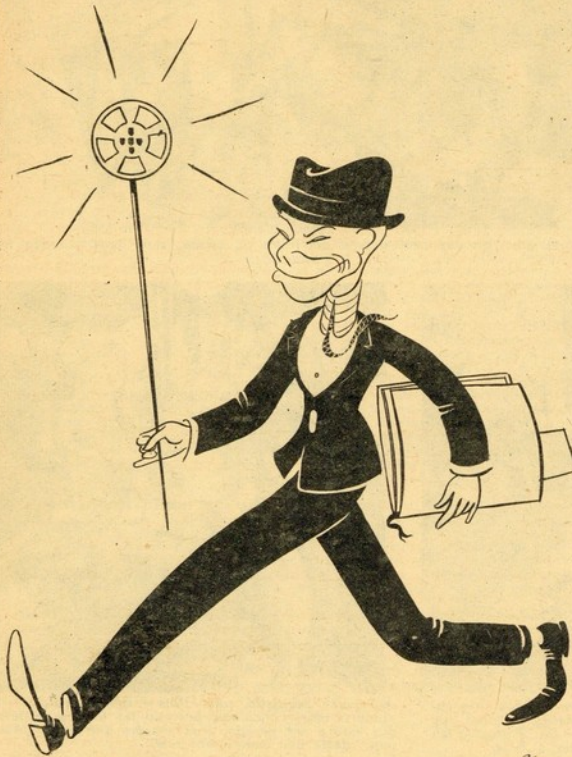
Como se sabe, Hendrik Rogstad foi quem fez executar, em Trondheim, 34 pessoas durante três dias, acusadas de conspiração. Tudo se passou... normalmente. Mas, a partir de certa noite, as coisas começaram a azedar-se. Muitas vezes, quando o sono de Hendrik era naturalmente mais ameno, o telefone chamava.

— «É o sr. Rogstad? Aqui fala o sr. X... O senhor dorme bem?»

Hendrik, de certo furioso, desligava. Mas, daí a pouco outra voz fazia as mesmas perguntas.

As palavras eram sempre as mesmas. Só as vozes e os nomes das 34 vítimas variavam. Os serviços estavam, por certo, muito bem montados mas o pior foi que os alemães resolveram tomar uma medida radical: à noite, todos os telefones públicos e particulares passaram a ser desligados!

Só assim Hendrik Rogstad pôde dormir sossegado e acabar com a acção com a gracinha dos descontentes humoristas...



O SENHOR MARQUÊS

- V. Ex.^a, dá-me licença, senhor marquês de Pombal?
- Pois não... Então como tem passado, senhor António Lopes Ribeiro? Tem passado bem?
- Com um bocadito de gripe, senhor marquês, mas coisa sem importância...
- Folgo, folgo... Em que posso então ser-lhe útil?
- Eu atrevi-me a pedir esta audiência a V. Ex.^a porque desejava convidá-lo para protagonista da minha próxima fita...
- Lisongei-me muito o seu convite, tenho pelas suas virtudes cinematográficas uma grande estima, fui dos que chorei no Trindade com o «Amor de Perdição», mas fitas, não... Confesso que não me sinto com cara para Franchot Tone...
- V. Ex.^a sempre modesto!
- Mas diga-me: que fita era?
- O Marquês de V. Ex.^a, isto é o Marquês de Pombal... Ninguém melhor do que o senhor marquês podia fazer o papel... Era uma autêntica luva.
- O quê? Vai pôr a minha vida em fita?
- Assim o espero. Se V. Ex.^a permitir...
- Eu já não tenho força para impedir seja o que fôr... De resto, creio que o meu amigo respeitará o meu passado e a minha cabeleira branca. Mas lá entrar na fita, isso não. Agradeço, mas não entro.
- Oferecia-lhe cem contos, senhor marquês!
- É tentador, lá isso é... Apesar de tudo, entrar na fita, não, de forma alguma... O António Silva, por exemplo, que me substitua...
- É um actor cómico... E o sr. Marquês...
- O que sou eu na fita?
- Um actor cómico!
- Bem observado! Dê cá um abraço e não se esqueça meu querido amigo, dum bilhetezinho de favor para a estreia... Sou doido por cinema. De graça, claro, de muita graça...

ONTEM E HOJE

ALBERTO de Oliveira, tão fino diplomata como escritor, contava um episódio de que me recordei, há dias, numa acidentada viagem de eléctrico, do Carmo à rua Marquês da Fronteira.

Um dia, no Pôrto, Alberto de Oliveira almoçou em casa de Guerra Junqueiro com certo escritor inglês que estava de visita em Portugal. Depois do almoço exuberante, que se prolongou em amena conversa até meio da tarde, os hóspedes do grande poeta dos *Simples* saíram e tomaram o eléctrico que os devia conduzir ao centro da cidade. Sentaram-se nunt dos bancos e, mal tinham acabado de se sentar, o condutor, mesmo antes de lhes ter vendido os bilhetes, voltou-se para os dois passageiros, que aliás não conhecia, e murmurou com o mais lírico dos sorrisos:

— V. Ex.^{as} não vão aí bem. Dá-lhes o sol na cabeça. Era melhor mudarem para o outro lado. Têm mais sombra, mais fresco e a vista não se compara...

O conselho foi imediatamente seguido, e o inglês, que tinha compreendido tudo porque falava, embora britanicamente, a nossa língua, não se conteve que não notasse, com visível entusiasmo, a Alberto de Oliveira:

— Veja o meu amigo este condutor angélico cujo coração se comove ao ver os passageiros com a cabeça ao sol, e que se lhes dirige quasi em verso aconselhando-os a mudar de lugar! O povo português é todo assim. Parece que de todos os olhos e de todos os corações irradia a mesma luz generosa que ilumina o vosso céu...

Este episódio passou-se há umas largas dezenas de anos, e desde então para cá o mundo tornou-se mais árido, a vida mais material — e os condutores menos líricos. Se aquele inglês que, nessa tarde, acompanhou Alberto de Oliveira, voltasse a Portugal e tivesse feito, como eu fiz, aquela atribulada viagem, entre o Carmo e a Rua Marquês da Fronteira, ao som dum verdadeiro tirotoio de frases, qual delas a mais pesada, lançado pelo condutor sobre alguns milhares de passageiros comprimidos na plataforma, quem sabe se esse inglês não exclamaria, surpreso, no seu tom britânico:

— Oh! Very merdyful!

LINGUA-MORTA



Quem entrar no escritório de Amador Domingues — o conhecido armazém de papéis — verá, num grande quadro pendurado na parede,

esta frase em significativo latim: —

— Vere volenti. Nihil difficile.

Pois bem. Há dias, quem escreve estas linhas quis que o seu amigo Amador Domingues lhe abatesse um por mil no preço duma resma de papel.

— Impossível! — Respondeu-me.

— Vere volenti. Nihil difficile! — exclamei olhando o quadro.

Logo êle, com as lunetas espreendendo-lhe o nariz:

— Em matéria de preços o latim é lingua-morta: o que risca é a boa frase portuguesa: Pão, pão, queijo, queijo...

O DESTINO DAS PEÇAS



Lourenço Rodrigues, experimentado homem de teatro e autor de muitas peças de êxito, dizia-nos, uma tarde destas, durante um ensaio no «Avenida»:

— Antes duma peça ir à cena é impossível profetizar-lhe o seu destino. Pode, pela experiência dos autores ou intérpretes, evitar-se um

fracasso; mas o chamado «grande êxito», êsse é que é obra do destino...

E para documentar o seu ponto de vista contou-nos que o empresário Visconde São Luiz Braga, quando alguém lhe dizia, na noite do ensaio geral, que a peça ia ser um êxito ou um fracasso, comentava sempre, soprando o seu filosófico charuto:

— Não digo nada... Amanhã a peça desmente-o — e o meu amigo faz má figura!

CAMARAS



Leal da Câmara vai lançar a idéia dum grande Congresso abrangendo a região de Mem Martins, Rinchoa e Mercês, confederação de Estados

livres e independentes, a que preside, com raro olfato, o nariz do grande mestre da caricatura. Não hesitamos em afirmar que vai ser um êxito. O que se tem passado para aqueles lados em matéria de progresso, prova-nos do que Leal da Câmara é capaz. Ainda, há dias, em frente do casino richoense, alguém exclamava:

— Admirável. É obra da Câmara...

Logo o ciceroni:

— Não, não... É obra do Câmara...

E é mesmo, não desfazendo.



O HOMEM DO CONTRA-BAIXO

Esse homem que parece um pigmeu é um homem de estatura normal, com 1^m,75. Pósto isto, já podem imaginar de que tamanho será o outro. O instrumento, como não podia deixar de ser, foi feito de encomenda porque ficava mal ver o pobre do músico tocar de cócoras...



Sabe quem foi WALT WHITMAN?

Em 1819 — há, portanto 125 anos — nasceu na América do Norte, no pequeno lugarejo de West Hill, estado de Nova-York, esse homem extraordinário que se chamou Walt Whitman.

Filho de pais humildes, bastante humildes mesmo, Walt Whitman, logo que concluiu os treze anos, foi atirado para a vida em busca do seu próprio sustento. Não houve um trabalho, por mais pesado que fosse, que Walt Whitman não conhecesse.

A necessidade de viver, de procurar um emprego quando o que tinha havia terminado, levou-o a saltitar de terra em terra, a pé, percorrendo todos os Estados. Muitas e muitas vezes a fome o perseguiu. Walt Whitman conheceu dias negros, dias de luta e de pesadêlo em busca do pão duro de cada dia. Até no Canadá procurou trabalho, abraçando tôdas as profissões.

Veio a guerra da Secessão, que dividiu a América em dois campos opostos. Walt Whitman conseguiu melhorar a sua difícil situação, trabalhando, manhã e noite, como enfermeiro de guerra. Entretanto, aproveitava todos os poucos momentos livres para escrever os seus versos que, mais tarde, em 1855, foram publicados com o título «Leaves of Grass», ou seja «Fôlhas de Relva». Este é o livro máximo de Whitman e representa um espêlho nítido da maneira de ser e do pensamento original do seu autor.

Walt Whitman pode considerar-se o iniciador da poesia modernista. Tanto pela forma, como pelo conteúdo humano, os seus versos representam qualquer coisa de novo e de grande na História da Poesia.

Em «Fôlhas de Relva», Walt Whitman surge como um paladino ardoroso da independência democrática. Ama e quer que todos amem a liberdade e acredita que ela é fácil de implantar à base de todos os regimes da vida.

Walt Whitman foi o pioneiro dos cantos livres do mundo, o tecedor dos seus ritmos largos e audazes. O seu amor à natureza e ao homem, sem fazer questão de sexos, fez com que fosse combatido e escarnecido pelos seus contemporâneos, que consideravam, alguns dos seus versos, como elogio do homossexualismo.

No ponto de vista social — o mais importante da sua obra — Walt Whitman foi gigantesco. O seu respeito pelas forças colectivas, pelo povo que tudo produz e nada tem, rasgou novos horizontes no campo da Arte.

Em 1898, em Candem, na Pensilvânia, Walt Whitman viveu o seu último dia...

O caracter dos povos

JORGE Clerk, antigo embaixador da Inglaterra em Paris conhece a nacionalidade de um homem pela forma de brindar. Eis as conclusões a que chegou:

Brindo pelos meus amores — diz o francês.

Bebo pelo meu primeiro milhão — exclama o norte-americano.

Bebo pela grandeza do Império — diz o inglês.

Brindo pela minha morte — diz o irlandês.

Por vocês! — é o brinde espanhol.

Proveito! — grita o alemão.

— E os russos? — perguntaram ao sr. Clark.

— Os russos não brindam...

SABE RESPONDER?

1—Qual foi o último planeta a ser descoberto?

2—Quem foram os decifradores dos hieroglifos do Antigo Egipto?

3—Qual foi a primeira vitamina a ser descoberta?

4—Quem escreveu as «Viagens de Gulliver»?

5—Em que livro se encontram os «Provérbios de Salomão»?

6—Qual o político inglês mais célebre no tempo da Rainha Vitória?

(Ver respostas na pág. 28)

Uma mulher avião...

Esta é a maior bailarina alemã. Tôdas as noites, perante um público tão numeroso como exigente, Hertha Koch — que nada tem de comum com os bacilos do mesmo nome — executa as suas danças acrobáticas.

Estas fotos são três fases da «dança do avião». Hertha Koch consegue apenas com movimentos rápidos de braços e de cintura manter-se no ar — destruindo a lei da gravidade...



UM CASO ESTRANHO

Um acidente ou uma moléstia qualquer levou um polaco ao hospital de Varsóvia. Esse individuo, que se encontrava na força da idade, foi visto e observado pelos maiores sábios do hospital. Auscultando o enfermo, os médicos olharam-se espantados. Não se tratava de nenhum doente que se encontrasse na agonia. Os pulmões, o fígado e o pulso estavam em excelente estado de saúde.

Mas o coração, esse ninguém o encontrava. Com o auxílio do este-toscópio, que fizeram girar à volta do local onde devia estar o coração, nenhum médico conseguiu sentir as pulsações dessa viscera.

O doente fez, então, um gesto para indicar a boa direcção. E encontraram o coração à direita! Inacreditável! Além disso, a disposição singular deste órgão diverte bastante o nosso homem. Ele próprio conta a quem quer ouvi-lo que, aos 20 anos, quando se apresentou aos médicos para ser recenseado para a vida militar, um médico alemão, depois de o ter examinado minuciosamente, inscreveu na ficha que lhe correspondia: «Homem sem coração. Rejeitado». O que, como é de calcular, alegrou extraordinariamente o nosso homem...

ESPÍRITO DESPORTIVO...

Um jovem espadado, atleta conhecido e muito vaidoso da sua força, entrou num restaurante e deixou a bengala em cima de uma cadeira com o seguinte cartão: «O dono desta bengala dá murros com uma força de 150 quilos».

Ao terminar o jantar, procura a bengala e não a encontra. Em seu lugar havia um bilhete: «Quem levou a bengala corre a uma velocidade de 22 quilómetros à hora»...

A Odisseia do volume n.º 12 de Plutarco

Que acompanhou Napoleão na Campanha da Rússia



Este é o volume n.º 12 de «Vidas dos Homens Ilustres», o livro que falta na Biblioteca de Napoleão I e agora em poder de um colecionador genebrino.

O volume n.º 12 de «Vidas dos Homens Ilustres»! Mas teria ele, de facto, desaparecido?

Digamos já que esse livro existe. Não em Malmaison, não na França — mas em poder de um genebrino, devoto de Napoleão I e colecionador de objectos que foram sua pertença.

Habent sua fata libelli... Os livros têm o seu destino...

Se Terence, o velho poeta latino, não tivesse escrito, há 1.500 anos, aquele adágio famoso, seria agora ocasião de o inventar, a propósito da obra que pertenceu a Napoleão. Nenhum outro livro deve ter tido um destino tão maravilhoso, nenhum outro deve ter sido, deste modo, emiscuído tão intimamente, nos acontecimentos da História do mundo. Trata-se, realmente, do livro preferido de Napoleão Bonaparte, do único alfarrábico, que, em 9 de Maio de 1812 leva consigo quando deixa as Tulherias para passar revista ao Grande Exército sobre o Vistula — na realidade, como o mundo o pressentia, para fazer guerra à Rússia...

Este livro jamais abandonou o imperador durante a campanha sobre o solo russo. Sabe-se que, durante a sua noite de insónia passada no Kremlin, de 2 para 3 de Outubro — noite que precedeu a proposta de paz a Alexandre — Napoleão confidenciou as suas aflições a Plutarco. E há ainda outras provas de atenção napoleónica pelo seu autor favorito. No velho livro encontra-

ram-se, à maneira de sinal ou marcação de páginas, alguns boletins de vitória do grande exército, datados de Vilna, a 11 de Junho, Vitebsk, a 31 de Julho de 1812.

No primeiro «boletim», dizia-se: «a nossa guarda avançada está em Dwina. O príncipe Bagration, saído nos primeiros dias de Julho de Wolkowisk, em direcção a Vilna, foi interceptado no caminho. Teve, por isso, de retroceder para regressar a Minsk. Precedido pelo príncipe Eckmühl, mudou de direcção, renunciou a Dwina, dirige-se para Borysthème, via Bobrulsik, servindo-se do pântano de Berezina. O marechal-príncipe Eckmühl entrou em Minsk a 8 de Julho. Encontrou grandes reservas em farinha, aveia, etc. As divisões russas vagueiam na região, perseguidas por toda a parte, perdendo bagagens, incendiando armazéns, destruindo a artilharia e abandonando os seus postos sem mesmo se defenderem. Tudo isto são vantagens que evitam que o exército francês tenha perdas: desde o princípio da campanha contamos, apenas, com 30 homens mortos, uma centena de feridos e dez prisioneiros, ao passo que nós já aprisionámos entre 2.000 a 2.500 russos. Assim, 10 dias depois da abertura das hostilidades, os nossos postos avançados atingiram Dwina. Quasi toda a Lituânia, com os seus 4 milhões de habitantes, está já conquistada. O povo polaco agita-se por toda a parte. A águia branca ergue-se em todos os campos. Pães, nobres, camponeses, mulheres, todos pedem a independência do seu país».

* * *

O segundo comunicado, referente aos combates de Ostrovno e de Moguiliev, e à entrada dos franceses em Vitebsk, a 2 de Julho de 1812, descreve a passagem de Bagration por Berezina e a sua retirada para Smolensko.

Termina assim: «Os combates de Moguiliev e Ostrovno foram brilhantes e honrosos para as nossas armas. Não precisamos de empregar mais de metade das forças apresentadas pelo inimigo, tanto mais que o terreno não comportava outras amplitudes de combates».

Este boletim está ligado a um dos mais cruclantes momentos da História mundial. Foi publicado três dias depois de Napoleão ter anunciado aos seus generais a resolução de ficar em Vitebsk e aí esperar propostas russas de paz. Pouco depois, porém, o imperador, sem notícias do inimigo, mudava de intenção e ordenava o prosseguimento do avanço até Smolensko, e, se fôsse preciso, até Moscovo.

Unânimemente, os marechais irritaram-se com esta decisão. E, ao contrário de todos os costumes, o



Ainda dentro de Moscovo, o livro acompanha o filho da Córsega. Está escrito e demonstrado que, na noite de 2 para 3 de Outubro de 1812, antes de dirigir propostas de paz ao czar, Napoleão releu o 12.º volume das «Vidas dos Homens Ilustres»...

Em 1901, o castelo de Malmaison, residência da Imperatriz Josefina, desde o divórcio até à sua morte, foi transformado em Museu napoleónico. O Estado francês fez ali recolher tudo o que constituísse simples recordação de Napoleão. A biblioteca particular do grande Imperador está completa...

Completa?...?

Não há quem ignore que ali falta alguma coisa. Alguma coisa de esplêndido, uma magnífica colecção: o volume n.º 12 da Obra de Plutarco — «Vida dos homens ilustres»...

Um só volume... extraviado, perdido!

general Duroc sugeriu a Napoleão que o inimigo havia retirado cada vez mais para o interior da Rússia, com o fim de atrair os franceses e desbaratá-los sem salvação. O imperador tinha, porém, previsto todas as objecções e essa não o demoveu, do mesmo modo que manteve a sua decisão quando Daru, o intendente geral do grande exército, lhe lembrou as grandes dificuldades de abastecimento, em pleno deserto russo.

O destino de Napoleão havia de se cumprir a 31 de Julho de 1812!

O estigma da sua sorte estava ali nas páginas de Plutarco que ele porventura lera, pouco antes de tomar as suas decisões. O destino de Napoleão e a história contida no livro eram um traço de união entre duas épocas e quatro séculos: o 4.º século antes de Cristo, século de Artaxexes, rei dos persas, conquistador da Ásia Menor e das costas do Mar Egeu — em cujas páginas biográficas foram encontrados os boletins napoleónicos... e o século I da era cristã, o século de Plutarco, que Napoleão considerava o maior historiador da antiguidade. Por outro lado, o século XIX — e aqui estão assinaladas duas épocas que bem podem entroncar-se nessas outras: a da campanha napoleónica na Rússia, e esta hoje dos alemães que nos fazem ler os velhos comunicados com o interesse com que se lêem os actuais...

HABENT SUA FATA LIBELLI...

O livro nunca deixou de estar na posse de Napoleão, nem mesmo a 19 de Outubro de 1812, quando o Imperador abandonou Moscovo em chamas e se recolheu a Krasnoie, onde alguém o tirou, de dentro da caiche Imperial, a 15 de Novembro, a dar-se crédito à inscrição manuscrita que figura na primeira página, da autoria do capitão Ernest-Alexandre B. Wolff.

Esta indicação é espantosa. Com efeito, nenhuma das numerosas testemunhas que nos falam da retirada da Rússia jamais escreveu ou disse que Napoleão tinha abandonado

nesse dia a confortável e célebre carruagem. Pelo contrário, Caulaincourt, companheiro de viagem do Imperador, fala ainda desta caiche a 6 de Dezembro, dia em que Napoleão, em Smorgone, se despede definitivamente do Grande Exército e regressa a Paris.

Dois dias depois, tendo passado Mariampol — no sudoeste de Kovno, o Imperador vê-se impellido a mudar de carruagem, deixando a sua caiche, onde deixou tudo quanto era supérfluo, por um stremón. Nunca se saberá como aquêle official, a 15 de Novembro de 1812, conseguiu apossar-se do famoso Plutarco... Ao certo, pouco se pode deduzir da legenda inscrita no livro: «Capitão de lanceiros da guarda». E noutra caligrafia: «ficar por aqui. Catorze anos mais tarde... o livro mudava de dono. E lá se lê: «recebido da baronesa de Boyneburgh, como recordação de seu defunto marido. Philippsthal, 24 de Junho de 1833. Ernesto. Landgrave de Hesse-Philippsthal».

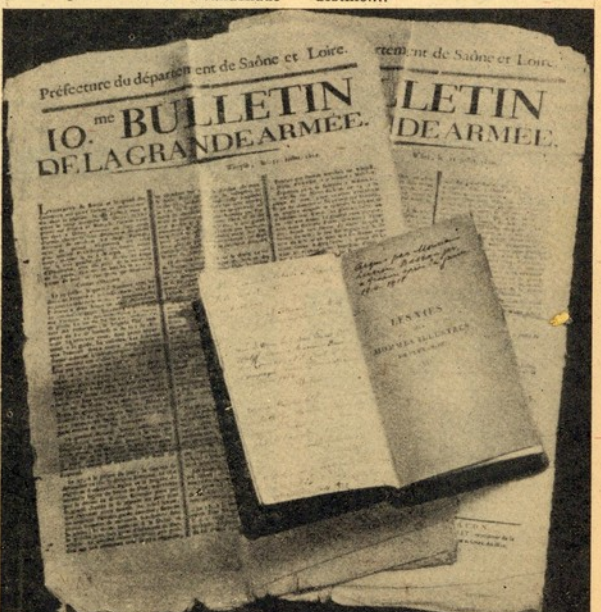
Durante sessenta anos este volume ficou na posse da família reinante de Hesse-Philippsthal, ramo colateral da casa Hesse-Cassel que residia no seu castelo de Hesse-Philippsthal, Werra.

As inscrições francesas atrás citadas, uma dedicatória em alemão ali se foi juntar. É uma caligrafia imprecisa de criança, e quasi que não se lê: «Dada ao meu cavaleiro H. capitão C. Rosenstock v. Schaumburg, Philippsthal, Dezembro de 1888. — Ernesto. Landgrave de Hesse». 1888. 1918...

Para terminar a odisseia do volume n.º 12 da «Vida dos homens ilustres», falta só mais uma frase, escrita numa página, ao alto:

«Acheté par Monsieur Lucien Bazanger, à Genève, après la guerre 1914-1918».

Os livros têm, realmente, o seu destino!...



Eis as folhas do livro em que um official russo conseguiu escrever o seu nome, depois de o ter roubado ao Imperador. Por detrás, as marcas de página — os boletins da vitória — em que Napoleão se referia à Rússia. Que melhor prova do interesse de Bonaparte pelo livro de Plutarco?

O DRAMA DA HUNGRIA



O general Sztójay, antigo ministro da Hungria em Berlim e que araba de suceder a Kallay na chefia do Governo

A PÓS vários dias de confusão em que avultaram as notícias contraditórias e sem confirmação, pode-se, agora, por intermédio da Imprensa e dos telegramas das agências estrangeiras, depreender como se travou nos bastidores das chancelarias o desesperado duelo político que precedeu a ocupação alemã da Hungria.

O novo golpe germânico foi tão rápido, tão fulminante que, segundo o periódico *Berliner Borsen Zeitung*, quando no sábado, 18 de Março, as tropas nazis começavam a concentrar-se como medida preparatória para a invasão da Hungria, o Dr. Clodius, representante comercial do Reich, e o sr. von Nicke, perito húngaro em assuntos económicos, encontravam-se em Viena a negociar um acordo comercial entre os dois países...

No entanto, contrariamente ao que se poderia concluir deste encontro entre os dois economistas — e os factos confirmaram — as relações entre a Hungria e a Alemanha, que durante o ano passado se tinham tornado bastante tensas, degeneraram em conflito surdo quando em fins de Janeiro, segundo instruções do almirante Horthy, o general Szombathelyi, chefe do estado-maior húngaro, deu ordem às tropas, que combatiam na Rússia, para regressarem à Hungria o mais depressa possível.

Poucos dias depois da ordem de Szombathelyi ter chegado ao Alto Comando húngaro em operações, os alemães notificaram o governo de Budapeste que as forças húngaras seriam divididas em pequenas unidades de maneira a poderem ser utilizadas, nas frentes de batalha, englobadas no exército alemão.

Alguns dias mais tarde, o ministro alemão em Budapeste, von Jagow, comunicou ao governo húngaro que, por ordem do chanceler alemão, a Wehrmacht evitaria a todo o custo e pela força, se necessário fosse, qualquer tentativa do exército húngaro para regressar à Pátria.

O ULTIMATUM

Na esperança de resolver o problema por negociações directas, o general Szombathelyi, em princípios de Fevereiro, pediu audiência ao Fuehrer, e dias depois foi recebido no quartel general de Hitler. Este apresentou-lhe, imediatamente, dez reivindicações:

1) Entrega de todos os aeródromos húngaros aos alemães.

2) Autorização para a Alemanha enviar aviões de caça e canhões anti-aéreos para território húngaro com o fim de evitar que a aviação

anglo-americana atacasse os centros industriais austríacos através da Hungria.

3) Contrôlo absoluto sobre o sistema telefónico húngaro.

4) Reorganização do exército húngaro sob o comando de oficiais alemães, tal como sucedera na Roménia.

5) Depois desta reorganização, o exército húngaro participaria totalmente na guerra contra a Rússia.

6) Exploração dos poços de petróleo da Hungria ocidental, sob o contróle do Reich.

7) A Hungria passaria a regular-se pelo sistema monetário germânico, o que lhe daria direito a fazer tratados comerciais sem a aprovação da Alemanha.

8) Solução do problema judaico na Hungria, segundo o «sistema continental».

9) Dissolução dos partidos socialista e dos pequenos proprietários, com supressão dos seus jornais e expulsão dos seus representantes do parlamento.

10) Supressão de todas as escolas e jornais polacos existentes na Hungria.

Nas duas semanas que se seguiram à apresentação deste ultimatum, o governo de Budapeste foi informado de que o chefe nazi considerava as cláusulas n.ºs 2, 4, 5, 6 e 8 indiscutíveis. Exigia, por isso, que o governo húngaro as aceitasse ou rejeitasse tal como eram representadas, mas afirmava que desajava discutir os outros cinco pontos.

Esta mensagem de Hitler não foi enviada pelas vias diplomáticas normais, mas sim levada a Budapeste por um representante especial, o general Lorenz, que é um dos mais íntimos colaboradores de Himmler.

Depois de entregar a nota do seu chefe ao governo de Budapeste, Lorenz deixou-se ficar na capital húngara, mantendo estreito contacto com os representantes da minoria alemã e os chefes dos partidos nazis húngaros.

Na ânsia de evitar um conflito aberto com os alemães, o governo húngaro procurou ganhar tempo, pedindo ao regente que fizesse um apêlo final a Hitler em que salientasse a difícil situação da Hungria.

A mensagem escrita pelo próprio punho do almirante chegou ao quartel-general do chanceler alemão em fins de Fevereiro. Em princípios de Março o governo húngaro foi informado de que em resultado do apêlo de Horthy, Hitler estava disposto a discutir o problema húngaro com uma delegação composta por «estadistas responsáveis».

AS NEGOCIAÇÕES

Temendo que os delegados húngaros pudessem ser dominados pela personalidade do Fuehrer, Horthy resolveu, à última hora, chefiar, pessoalmente, a missão, que era formada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, pelo chefe do Estado-Maior e pelo ministro da Guerra.

A primeira reunião, que teve lugar na sexta-feira, 17, durou apenas uma hora. Além de Hitler, encontravam-se, também, presentes o general Keitel e Himmler. Acompanhava os delegados húngaros o general Sztójay, ministro em Berlim.

Servindo-se dos mesmos métodos

utilizados nas célebres entrevistas com Schuschnigg, da Austria e Hacha, da Tchechoslováquia, Hitler começou por declarar que «a Hungria tinha traído a causa europeia e conspirava com os inimigos da Alemanha». E acabou por afirmar que só poderia considerar a Hungria como aliado do Reich se os dez pontos do ultimatum fossem aceites sem reservas nem discussões.

O regente Horthy respondeu que nenhuma das cláusulas era aceitável, e Hitler informou, então, os delegados húngaros que a partir desse momento estavam proibidos de comunicar com o exterior. Horas depois, Keitel ordenava às tropas alemãs que invadissem a Hungria.

A INVASÃO

A ocupação foi realizada por oito divisões motorizadas que saíram da Austria, Eslováquia e Roménia. A oposição húngara à invasão só começou quando os alemães saíram dos combóios e principiaram a ocupar as estações de caminho de ferro. As tropas alemãs provenientes da Austria incluíam cerca de 20.000 «volksdeutsche», membros da minoria alemã na Hungria, os quais tinham sido recrutados quando do início da guerra na Rússia para os «Waffen S. S.». Na operação, tomaram também parte duas divisões romenas.

Em Budapeste, o edifício do Parlamento, vários ministérios e as esquadras da policia, que estão situadas nas proximidades do Danúbio, foram ocupados por soldados da Guarda Negra germânica que, escondidos em pequenos barcos de carga, tinham chegado de Viena na noite anterior. Este golpe foi planeado pelo general Lorenz e foi realizado no tempo-record de trinta minutos.

Na noite de 22 de Março, o governo alemão em comunicado especial anunciou que a Hungria passava ao regime de mobilização total, e que fora nomeado um novo pri-

meiro ministro e um «gauleiter» alemão para o país recém-ocupado.

O almirante Horthy, como tivesse resolvido, em última análise, aceitar as condições do chanceler alemão, manteve o posto de regente e o general Sztójay, embaixador húngaro em Berlim, que assistira às negociações entre Hitler e Horthy, era o novo primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros.

Porém, o homem que na verdade parece ficar com poderes decisórios na Hungria é Edmund Veksen Mayer, novo ministro em Budapeste e «representante e delegado de confiança do Reich alemão na Hungria». O antigo ministro von Jagow foi demitido e regressou a Berlim, para ocupar novo lugar no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Segundo se deprende dos factos atrás citados, a inclusão total da Hungria no quadro da politica alemã deu bastante trabalho, porque se assim não fosse não se compreenderia que Berlim tivesse demorado quatro dias a comunicação do acordo.

O comunicado oficial, entre outras coisas dizia: «Com o fim de auxiliar a Hungria contra o inimigo comum, dentro do quadro do prosseguimento conjunto da guerra das nações europeias unidas pelo Pacto Tripartido, e em particular para intensificar a luta contra o bolchevismo pela mobilização de todas as energias e no intuito compreensivo de tomar medidas de precaução, as tropas alemãs entraram na Hungria para reforçar o entendimento mútuo.

«Em substituição do antigo governo, que se demitiu, Sua Excelência o Regente confiou ao senhor Sztójay o encargo de formar o novo gabinete. A composição do governo é a seguinte: Primeiro ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros: Doeme Sztójay; ministro sem pasta e delegado do primeiro ministro: Jenoe Rash; Interior: Andor Jaross;

(Continua na pag. 24)



Hitler, acompanhado do almirante Horthy, regente da Hungria

Pobres cinemas da província!

A propósito da necessidade de facilitar e fomentar a construção de novos cinemas na Província, necessidade que temos advogado em sucessivos artigos, escreve-nos um leitor a chamar a atenção para outro aspecto não menos importante, e que consiste nas péssimas condições de funcionamento da maioria das salas existentes.

«Instalações precárias, aparelhagens avariadas, programas velhos e mal seleccionados — eis o dramático panorama da indústria de exibição fora dos grandes centros. Não quero dizer com isto — acrescenta o nosso informador — que não haja honrosas excepções. Mas, em conjunto, a situação dos cinemas provincianos é calamitosa».

Não cabe, evidentemente, no âmbito deste artigo estudar as causas de tal estado de coisas. Tão pouco nos propomos encontrar a fórmula salvadora. As causas tem raízes profundas e as panaceias estão cada vez a provar pior. Mas, no entanto, há alguns aspectos que nos parece ser possível solucionar, com um pouco de boa-vontade.

Ainda não há muito tempo, o acaso fez com que assistíssemos à exibição de um filme português no cinema de determinada vila da Província, sede de Concelho. Não exageramos, se dissermos que não conseguimos perceber uma palavra do diálogo, tal o defeituoso estado da aparelhagem. O público, que foi no engodo da fitinha nacional, viu a sua espectativa gorada.

Com o «Pai Tirano», aconteceu, como devem estar lembrados — pois a história já foi contada em letra de forma — uma coisa mais grave: como estivesse avariado o «leitor de som» e a máquina se limitasse a um farfalhar asmático, o empresário mandou interromper a projecção, poucos minutos da fita principiar, e declarou solenemente:

— Vejam V. Ex. como se trabalha ainda em Portuga! Esta é a gravação das fitas nacionais!

O problema das más aparelhagens, se não compromete definitivamente o espectáculo cinematográfico de um modo geral, arruína por completo todos os esforços levados a cabo pela cinematografia portuguesa. Que não se percebam os diálogos em americano, não tem importância de maior, porque raras pessoas dominam a língua e lá estão as legendas para ajudar a compreender a acção. Mas quando se trata de uma fita nacional, a paciência do espectador é submetida a uma dura prova, ante a qual, aliás, não há nada que resista.

«Mais cinemas, de acordo» — escreve o leitor a que nos referimos. Mas que os existentes tratem, quanto antes, de reparar, reformar ou substituir as péssimas aparelhagens que assassina os filmes e desprestigiam a Arte!».

Por via de regra, as empresas descaram os problemas da cabine, alegando que o público não acorre na medida necessária, para permitir a manutenção da aparelhagem num grau de afinação satisfatória. O público, por outro lado, justifica a sua ausência, com o fundamento de que as salas não são dignas do incentivo da sua presença, uma vez que não dão um passo para melhorar as instalações. Cairmos, assim, num círculo vicioso: os cinemas são maus, porque o público não vai. O público não vai, porque os cinemas são maus.

Sabemos perfeitamente, que as salas da Província lutam com graves dificuldades, e que têm, comercialmente, uma vida precária. As peças sobressalentes, as lâmpadas, as válvulas — as células da complicada engranagem de uma máquina de projecção — custam, hoje, uma fortuna. Mas todas as economias feitas, sob este aspecto, redundam em prejuízo do espectáculo cinematográfico — e reflectem-se, forçosamente, na afluência do público. Por vezes, a distância a que as salas se encontram dos grandes centros, dificulta a assistência de técnicos — e as máquinas, reparadas por curiosos, não dão o rendimento necessário.

Este é, de facto, um dos aspectos mais graves dos cinemas da Província. Para o resolver basta, como dissemos, boa-vontade — e algum dinheiro. Pretendemos, com este artigo, demonstrar que vale a pena gastá-lo e que todas as economias feitas à custa da velha fórmula «deixa estar, enquanto andar» são nefastas e só contribuem para afastar o público e para desacreditar o espectáculo cinematográfico.

O público prescinde, facilmente, da boa cadeira estofada, mas não perdoa que a sala que lhe vai revelar o «Costa do Castelo» ou o «Amor de Perdição», transforme a língua portuguesa no estranho ruído de uma vara de porcos a chafurdar no chiqueiro...

FERNANDO FRAGOSO

Um dueto de estranhas harmonias...



No intervalo dos seus trabalhos na «Menina da Rádio», Teresa Casal e Fernando Ribeiro não resistem à tentação de maracujar os circunstâncias, com um dueto de estranhas harmonias.



CURVAS PERIGOSAS!...

Lana Turner é certamente uma das mais belas mulheres do cinema americano! Um verdadeiro capricho da Natureza, que reuniu nela o máximo da perfeição, dentro duma personalidade atractiva e dominadora.

Lana acaba de interpretar um filme que se intitula exactamente assim: «Curvas Perigosas».

Pela nossa parte, concordando com o título, sugerimos que a vedeta traga consigo um grande letrado, para afixar sempre que atravessa uma rua ou siga destacada num passeio: «Atenção, automobilistas! Curvas Perigosas!».

De contrário, deverão registrar-se muitos desastres!

Uma revelação inesperada

Os filmes portugueses necessitam de legendas para ser compreendidos no Brasil!

ENCOTRAMOS, há dias, um português que regressou do Brasil. Quatro anos no Rio de Janeiro e um longo contacto com os meios cinematográficos dão excepcional autoridade às suas palavras. Não divulgamos o nome, por motivos que não vêm para o caso. Mas nem por isso as suas declarações deixam de revestir-se de maior interesse.

— O cinema português, no Brasil, continua a interessar o público?

— Incontestavelmente, se, por público, subentendemos a colónia portuguesa. Essa vibra com os nossos filmes. Vai vê-los uma, duas, muitas vezes. Enche as salas, durante semanas e semanas. Quanto ao brasileiro, desinteressa-se, porque não os entende.

— «Porque não os entende?!» — sublinhamos com estranheza.

— Tal qual como lhe digo. Muito embora portugueses e brasileiros falem a mesma língua, ela tem profundas diferenças, quer nas maneiras de dizer, quer no sotaque. Depois, os portugueses falam muito depressa e «comem», por via de regra, as últimas sílabas de cada palavra. Tudo isto agravado por registos de som, que não são impeccáveis. As nossas fitas, em vista de tal facto, têm um enorme «handicap» sobre as de outras nacionalidades: na ausência de que todo o público as per-

cebe, não lhe põem legendas. E, no entanto, elas são bem precisas...

Encaramos, com desconfiança, a sugestão. Mas o nosso interlocutor insiste:

— Se as fitas portuguesas tivessem legendas é muito possível que houvessem registado nos cinemas do Rio carreiras muito maiores.

— Mas é sensível, de facto, essa incompreensão?

— Extraordinariamente sensível: o cinema Odéon, quando exibiu uma fita portuguesa, a «Adeia da Roupa Branca», se não estou em erro, inseria, no programa, um autêntico dicionário de termos portugueses, sobretudo os de «caão» que o uso consagrou. Assim, por exemplo: «Papo-sêco», o mesmo que «grã-fino»; «ca-trais», o mesmo que «guri», etc., etc. Tal facto, parece-me suficientemente elucidativo.

— Em seu entender, portanto...

— ...As fitas portuguesas deveriam ser legendadas por um brasileiro antes de iniciarem a sua carreira em terras de Santa Cruz. E veriam como o público afluiria muito mais. De resto, os portugueses não fariam prejudicados por esse facto — e os nossos filmes reuniram os requisitos necessários para poder ser vistos e entendidos por brasileiros.

Aqui fica a sugestão. Tem a palavra os produtores nacionais.

AS TRÊS PANCADAS

A EUROPA EM QUATRO IMAGENS DE TEATRO

TEATRO PARA SOLDADOS

Afinal, ainda não é neste número que iniciamos o nosso inquérito às entidades teatrais para que deem as suas opiniões sobre o alvitre que apresentámos de «Teatro para os soldados do Império», como meio de diversão, de educação e de camaradagem.

Em breve, porém, empresários e artistas passarão a depor sobre o mesmo assunto, o qual tem despertado bastante interesse e curiosidade nos meios teatrais.

SERÁ VERDADE?

Diz-se que um dos nossos locutores mais conhecidos val interpretarem em teatro — teatro verdadeiro, com T grande — o protagonista duma obra recentemente traduzida para o português.

Mas será mesmo verdade?

No dia do exame final surgiram-lhe caprichos, más-vontades, e sabe-se lá que mais... A alma do homem é tão mesquinha, às vezes...

Contudo, Bárbara Virgínia nada perdeu do seu valor. A grande Adeline, levantou-se no meio do seu exame para lhe erguer um «bravo!», um dos seus «bravo!». E no final da sessão, disse bem alto: «Esta, sim, é a minha neta!».

Alves da Cunha, por seu lado, que a escolhera sempre como discípula predilecta, que contracenara com ela na própria prova de exame — gravou-lhe uma frase sincera no seu coração: «Mesmo que os maus não queiram, tu hás-de vencer!».

E ela vai vencendo — porque é artista, porque tem sensibilidade de artista, porque tem talento de artista.

Que importam as presunções enfastiadas, os orgulhos despertados duma família atrasada no tempo — se, apenas com o nome de artista, a rapariga triunfa e segue a vocação sem necessitar dêsse pomposo nome de família?

Que interessam as invejas, as malquerenças — se ela vive longe disso tudo, entregue sómente ao seu sonho de arte?

Raparigas de hoje, attemem no exemplo desta menina que desde a infância traz consigo a ansiedade de realizar o seu sonho. Foi expulsiva pela família — porque quis ser artista! Foi prejudicada — porque era sincera! Mas é assim, através das dificuldades, dos obstáculos e dos sacrifícios, que se revela a personalidade e que se ganha a glória!

REPORTER DOIS



A família expulsou-a, porque ela quis ser artista!

HÁ vidas que, desde muito cedo, se começam a revestir de certos aspectos, como que lendários. Mais tarde, geralmente, essas vidas firmam personalidades destacadas na amálgama do mundo. Não são raros os exemplos: Queiros, sábios, artistas — tiveram, às vezes, de lutar com persistência infinita e até com estolco sacrificial para conseguir alcançar o que ambicionavam — contra a indiferença dos outros e mesmo contra o desprezo da própria família.

Nomes ao acaso: Edison, Joana d'Arc, Linneu, Beethoven, Talma e tantos outros e tantos outros...

Eram uns incompreendidos — na sua ânsia de horizontes mais largos. E as famílias revoltavam-se contra êsse belo sonho de seguir uma vocação. Pelo contrário, pretendiam impor a sua vontade tirana. Mas êles venceram, finalmente!

A HISTÓRIA DE BÁRBARA VIRGÍNIA

Por isso mesmo — ao recordar êsses velhos nomes imortais — não queremos deixar de vos contar a história de uma rapariga de hoje que, apesar de viver no século XX, em plena civilização, e apesar de ainda estar na sua vigésima primavera — teve já de enfrentar grandes contrariedades.

Vamos contar a história de Bárbara Virgínia — uma linda menina que desde a infância teve o grande sonho da Arte.

Felizmente, os pais de Bárbara Virgínia souberam-na compreender. E acarinham-lhe o sonho pela vida adiante, incluído-o, dando-lhe coragem nos momentos de desalento, estando a seu lado nas horas de triunfo.

Sobretudo, sua mãe. Alma de artista, ela percebeu imediatamente o temperamento excepcional de sua filha.

Com um ano de idade — Bárbara Virgínia ganhava o primeiro prémio num Concurso de Beleza Infantil, organizado pelo «Século». Então, ainda a menina só sabia rir e chorar. Desconhecia por completo as hipocrisias da vida, as invejas do mundo...

E o tempo foi passando com seu cortejo de ansiedades e de ilusões, de esperanças e de projectos.

A menina ganhou corpo, perfeição — tornou-se uma rapariga bonita, atraente, em cujos olhos se espelhava, bem nítido, o seu sonho de sempre: ser artista!

Ela nunca se cansou de estudar. E dias houve em que não conseguiu dormir, porque o tempo não dava para isso. Era necessário que sua mãe a fizesse repousar. Bárbara Virgínia encostava a cabeça no colo materno e, assim, ficava uns minutos, quieta, de olhos cerrados, de mãos estendidas...

Depois, quando se erguia, tinha novas forças. Conseguiu realizar num só ano o que poucas raparigas conseguem em vários anos. A sua vontade, o seu talento — não tinham limites. Ela nascera, de facto, para ser artista.

Mas um dia...

REUNIÃO-SE O CONSELHO DE FAMÍLIA

Sim, um dia refútiu-se em casa de Bárbara Virgínia o Conselho de Família. Custa a acreditar que, ainda hoje, no século da luz e da liberdade, seja necessário ouvir o julgamento

da família sobre os sonhos sinceros que trazemos dentro de nós.

Assim foi, porém. Fidalgos de braços e pergaminhos, os parentes de Bárbara Virgínia não podiam consentir de modo algum que ela frequentasse o Conservatório e que quisesse ser artista de teatro.

Aí, em plena sala, com o ar solene dos antigos tribunais, a família de Bárbara Virgínia pretendeu obrigá-la a renunciar à carreira que era a sua vocação.

Mas ela tinha consigo anseios que vinham de longe. Essa vontade enorme — era capaz de ir até ao sacrificial. Já avançara demais, para poder recuar.

E Bárbara Virgínia, solenemente, também jurou que continuaria a ser artista. Não mais usaria o nome da sua família. Seria, para sempre, apenas Bárbara Virgínia, êsse pseudónimo paradoxal que escolhera para os seus primeiros trabalhos.

E a família expulsou-a do seu meio. Expulsou-a com desprezo, com soberano desprezo. Ser artista — era um desvario.

MAS ELA É ARTISTA!

Apenas o pai e a mãe, como sempre, ficaram ao lado de Bárbara Virgínia. Ela foi para o Conservatório — e venceu.

Venceu, sim, mas a sua odisséia de artista autêntica não terminou.

SERGIO LIFAR — 1944

CONVIDADO pelo governo alemão, Sérgio Lifar deslocou-se recentemente a Berlim.

O grande bailarino francês — uma das expressões máximas do bailado de todos os tempos — interpretou alguns dos seus maiores triunfos.

Na selecção do seu repertório, incluiu «fcaro», «O cavaleiro e a donzela», «Bolero». Este reportório é sintomático, sem dúvida alguma, pois representa a afirmação prática dum manifesto do próprio Sérgio Lifar, em prol da supremacia da coreografia sobre a música.

De facto, «fcaro» vale como um extraordinário poema coreográfico em que o acompanhamento musical, devido ao director de orquestra Szyfer, foi escrito apenas para instrumentos de percussão, subordinando-se portanto às exigências rítmicas da dança.

Temos, assim, em 1944 um renovado Sérgio Lifar, rasgando mais horizontes à arte do bailado, com o seu incomparável génio criador.



LITERATURA

"MEMÓRIAS E TRABALHOS DA MINHA VIDA"

por Norton de Matos.

As «memórias» não têm significação literária perfeitamente autónoma, como outras criações que se destinem a representar o homem e as suas verdades na poesia ou na prosa. Ou aparecem como obra única em que o autor se retratou inteiro e, nesse caso, só se justificam pela riqueza e profundidade de testemunhos psicológicos e sociais que apresentem; ou partem de outra obra muito mais vasta, realizada na literatura ou na vida — e então só podem ser compreendidas e explicadas à face dela e em função do que representar para a humanidade.

Além disso, «memórias» são evocações a distância e na distância se mede a amplitude da sua significação humana. Prendem-se muito mais ao autor do que outra qualquer criação intelectual e devem representá-lo na dimensão do tempo em que vivem e nas dimensões múltiplas da sua própria vida: pelo conteúdo do espírito e da sensibilidade, pelo julgamento de homens e situações alheias; pela visão panorâmica da vida desprendendo-se como símbolo supremo da prolixidade necessária em que tais obras se desenvolvem. E a prolixidade deve ser só dos elementos que constituem as «memórias», não da sua mais larga significação no todo.

Ora este primeiro volume das tão apegadas «memórias» do sr. general Norton de Matos possui muito poucos dos caracteres essenciais em obra encimada por esse título e com esse declarado objectivo. Tem o carácter de recordações na dimensão do tempo em muito poucas páginas em que é mais difícil definir-se o homem como ele realmente existe e vale para os que o conhecem de qualquer maneira: na primeira fase da infância. Acrescenta alguns dados secundários de ordem biográfica sobre fases posteriores da vida — mas desocidas umas das outras e não representando a coerência fundamental de uma trajectória na vida. E quase tudo o que se segue — e é quase todo o livro — é colectânea de artigos, conferências e extractos de apontamentos sobre questões gerais que nunca atingem a índole de autênticas memórias.

O valor literário da obra é quasi nulo, se exceptuarmos páginas raras, como essas em que evoca um episódio das lutas da «Maria da Fonte» em Viana do Castelo. O que realmente importaria, portanto, é que estas pretensas «memórias» apresentassem o julgamento e a documentação original do autor sobre o significado da sua própria vida em relação com o tempo, visto que no tempo e na vida a personalidade do gene-

ral Norton de Matos se afirmou com especial destaque. Misturam-se demasiadas coisas nesta obra — e não surge dela o valor fundamental que seria a vida vista desassombadamente por quem a viveu.

Têm estas «memórias» predominante significação doutrinária, em matérias económicas e sociais — visto que as políticas parecem deliberadamente banidas. Sob esse aspecto, a figura deste grande vulto da República aparece manifestamente generosa e inspirada pelos melhores intuitos. Mas também se reconhece na desconexa ideologia económico-social — e política, nos aspectos coloniais — que o sr. general Norton de Matos expõe a desastrosa preparação para as indispensáveis falhas de reforma nacional de que deu fartíssimas provas toda a geração republicana a que pertenceu. Arrastados pelas aspirações confusas — e algumas, vezes francamente retóricas — de uma política romântica, confinados ao sentido legalista e institucional das reformas que a decadência da grei exigia; admiravelmente aptos para sentir os grandes males nacionais, mas sem a coragem intelectual e cívica para levar às extremas consequências as soluções deslambados pelo ideal de uma orgânica política de dignificação humana que não os deixou ver a suprema gravidade das misérias sociais — os melhores políticos da República não deviam estranhar que a sua experiência redundasse num fracasso. Em vez disso, o que encontramos nestas páginas em que há muito mais aspiração para o futuro do que visão retrospectiva dos problemas nacionais, é a reincidência nas mesmas ilusões, nas mesmas ingenuidades e, porque não dizer, nos mesmos estereótipos de solução das questões perante os problemas de sempre; ausência de sentido económico-social concreto; fraseologia de velho estilo perante as questões novas da vida pública. Nem se compreende, de resto, como o sr. general Norton de Matos concilia o seu humanitarismo político ingenuamente sincero, com outras atitudes ideológicas que expõe nesta obra — com especial e desconcertante destaque a respeito da política colonial portuguesa.

Quanto ao sr. Norton de Matos, pouco do seu autor, também estas «memórias» não oferecem um roteiro certo aos novos que as procurem em baldada pesquisa de exemplos; e se não se reduz o apêgo pelo homem que nos traz de longe a sua voz remota, não traz novo se o descobriremos numa mensagem com grandes responsabilidades e de que muito haveria a esperar.

ALVARO SALEMA

Leão Fleuchtwanger e o eterno exílio



As grandes biografias históricas constituíram no agitado intervalo das duas guerras uma das expressões mais flagrantemente do esforço do homem moderno para se definir a si próprio e compreender o seu destino. Grandes escritores judeus — talvez pela índole da sua raça os encaminhar melhor ao nível da compreensão universalista, liberta do espaço e do tempo — consagraram a esse género as suas criações mais notáveis. Escusado seria lembrar Stefan Zweig, um dos raríssimos escritores de autêntico génio que conseguiram impor-se no grande público do nosso país — e este romancista, biógrafo e historiador, Leão Fleuchtwanger, que a odisséia judaica tem arrastado pelo mundo em busca de uma pátria, a terra de eleição em que se esteja bem, como dizia Goethe.

No tumulto da guerra e dos seus dramas, este arguto observador da vida, historiador da decadência de Roma e biógrafo admirável de Flávio Josefo, tem divagado por toda a parte em busca da paz. Assim o seu aventureiro antepassado, foragido à vingança de Vespasiano e Tito, passeava na indiferença o seu melancólico olhar de homem de génio que não foi ainda justamente compreendido. E esse exílio da alma, pior do que todos os outros, talvez Fleuchtwanger nunca consiga resgatá-lo, nem mesmo com a sua obra magistral.

Pio Baroja e os boémios artistas de Madrid

Pio Baroja nunca se cansou de procurar na vida todas as facetas que pudessem enriquecer a sua experiência humana, acrescentar uma folha mais a essa «árvore da ciência» que foi o alicerce do seu grande génio. Muito novo ainda, percorria as tertúlias madrilenas em busca de episódios, ditos, personagens. E um deles foi esse escritor ignorado e infeliz, Alejandro Sarva, que se destacou por alguns rasgos pitorescos de boémia e excentricidades de artista: vestia como os pintores de Montparnasse, usava imensas barbas negras e contava-se que

durante muitos anos não lavou a cara porque numa das faces lhe dera um beijo Verlaine.

Pio Baroja quis conhecer esse curioso tipo humano a que os frequentadores dos cafés de Madrid davam uma auréola ibseniana. Certa tarde seguiu-o, respeitoso e tímido pelas rueiras da velha Madrid de Galdós. Quando Sarva entrou numa taberna digiu-se a ele:

— «Perdõe, senhor Sarva, eu sou um admirador seu que...»

Sarva interrompeu-o logo:

— «Tem dinheiro para bebermos?»

— «Aqui não; mas em casa...»

— «Pois vá a casa e traga-me um duro. Depois conversaremos». E o boémio afastou-se com a alta dignidade de um rei destronado.

10 minutos com Eduardo Dias

modernos da tafalaria ocidental, espero que não tardem muito a surgir o 5.º e o 6.º volumes (os últimos) de «As Mil e uma noites».

— E em seguida?
— A seguir, e em colaboração com o ilustre historiador e brilhante cronista dr. Rodrigues Cavalheiro, virá uma obra que deve prestar serviços aos futuros historiadores. Trata-se de um estudo sobre relatos e conceitos de alguns visitantes e «observadores» em terras de Portugal e do Brasil. Veremos assim o que se tem dito da nossa terra e da nossa gente, desde o século XII até o XIX. E quanto ao Brasil, serão apreciados os melhores depoimentos de cronistas e aventureiros que lá aportaram desde a descoberta até à independência. As pesquisas são adelantadas, e se persistirem as nossas actuais intenções, a obra denominar-se-á *Viagem em volta de viagens*.

— O que pensa das novas correntes literárias?
— Ah, sim, as tendências da literatura moderna... O meu excelente amigo e cintilante colaborador da «Vida Mundial Ilustrada», dr. Luis de Oliveira Guimarães, parece laborar tendência para a síntese, e comina tratos infernais (como o primeiro prémio da Academia) para certos delinquentes. Creio que o delicioso ironista chega a ter suposição em vista da praga das *Coleções*, em regra simples apertivos, e que, exarantando como o «cock-tail» exótico e outras epidemias, há-de passar. Ou então foi o débil aspecto do livro português que o impressionou. Essa anemia, porém, é imposta pela necessidade que têm os editores de dar

o menor número possível de folhas ao comprador que lhe regateia o valor do livro nacional, e pela tendência do escritor em produzir somente as páginas que constituam o volume comum, baseado em que a fritura de molhos só lhe rende os clássicos tanto por cento sobre o «preço de capa».

— Já o escriba anglo-saxónico, esse privilegiado, pago à razão do número de palavras, despeja em cada volume todos os adjectivos e sinónimos do mastodóntico Webster... E, como véio, o respeitável público devora gulosamente os cartapacios que aparecem agora em traduções apressadas.

— Parece-lhe que a literatura sofrerá grande influência da guerra?

— Fimda a guerra, surgirão as memórias dos combatentes e as paradas das dos que não foram, em bojudos calhamaços — e o público, longe de querer sínteses, há-de preferir avidamente o que lhe descrevem até a côr e mais particularidades das roupas e outras coisas íntimas dos heróis. Verá...

— Continua pessimista sobre as possibilidades do nosso público? — O mal já vem de longe. Lembra-me o que Jacinto Freire de Andrade afirma no prólogo da «Vida de D. João de Castro»: «...compro os livros pelo peso, e não pelo feitiço». E corria a esse tempo o ano de 1651 da era cristã... Ora como ainda hoje o chamado escol, extremamente magro para satisfazer os legítimos interesses editoriais, segue-se que o rumo inevitável no futuro, como no passado, será o dos apertados do soberano «grande públicos».

FAÇA DE PAPEL

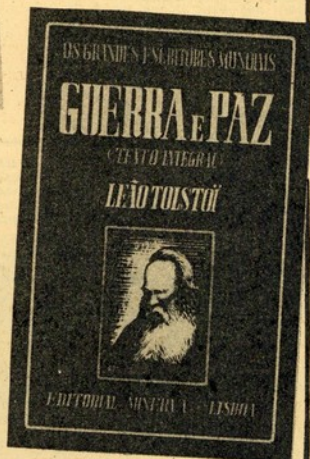
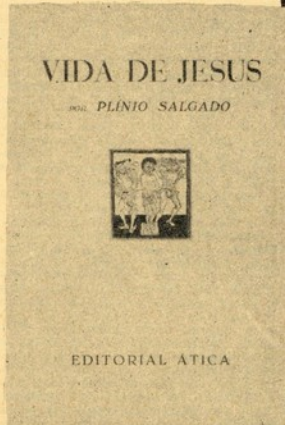
— As crónicas taurinas de Saralva Lima, intituladas «Da barreira», apresentam ao público, em julgamento de um entendido, os mais interessantes e actualizados aspectos da vida tauroquímica. Em estilo fácil e animado, os apreciadores desse espectáculo não terão dificuldade em compreender a linguagem desta obra que usa com bom-senso e gosto a terminologia da especialidade.

— Leão Penero prepara para publicar ainda este ano um novo romance, «Circos», em que fará a história dolorosa e irrequieta dos artistas ambulantes a quem sempre falta um lar e que nunca encontram a paz.

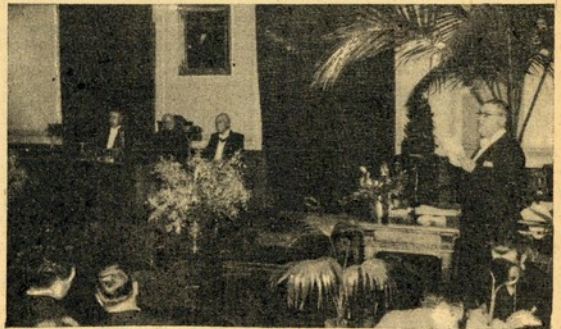
— Muito brevemente projecta Augusto da Costa a publicação do romance «Verónicas», em que representará o drama da mulher abandonada à si própria e tendo que construir um dor e nas desilusões o seu destino.



OS LIVROS DO MOMENTO



NOTAS RÁPIDAS



O Montepio Geral comemorou o 1.º centário das Caixas Económicas. O facto, realmente, não podia passar despercebido do mundo português e, por isso, as comemorações tiveram assinalável expressão. Vemos, na foto, o sr. dr. Guerreiro Murta, presidente da direcção do Montepio, falando, perante o Chefe do Estado, na sessão solene de abertura.



Tomaram posse os novos corpos-gerentes da Sociedade de Geografia. O presidente, sr. almirante João de Azevedo Coutinho, saudou o novo director, sr. almirante Magalhães Correia, antigo estadista e colonialista de quem a Sociedade de Geografia muito terá a ganhar em dinamismo e nobres iniciativas.



Teve particular interesse a exposição que o sr. embaixador de Inglaterra e sua esposa inauguraram, há dias, no Salão de festas de «O Século», na presença de altas individualidades portuguesas e inglesas. Havia ali uma coleção de excelentes trabalhos de pintura, desenho e fotografia, executados por amadores, revertendo o produto de vendas a favor da Cruz Vermelha Britânica.



Lisboa tem hoje uma organização para colaborar com artistas nacionais e estrangeiros. Trata-se da Galeria Molder, na rua 1.ª de Dezembro, onde acaba de ser inaugurada uma nova coleção de óleos a todos os títulos notáveis.



JULIO DE SOUSA

o mago do humorismo e da forma

QUANDO se deixa o estúdio, sente-se que alguma coisa de nós ficou lá dentro ou que, pelo contrário, muito do que vimos lá dentro ficou dentro de nós...

Júlio de Sousa já não é uma revelação ou uma surpresa. Mas a sua arte é tão fresca, tão natural e tão pura, como a água das fontes ou o renovo eterno dos roseirais. De cada vez que expõe, traz-nos sempre uma sensação de novidade, de apetite à nossa curiosidade — qualquer coisa de muito subtil que fez deste escultor um caso à parte da nossa escultura, deste pintor que, segundo ele, só faz apontamentos. Júlio de Sousa é, realmente, um caso único na arte moderna da nossa terra. Moderna e antiga, está claro, porque ninguém fez como Júlio brotar a vida de uns trapos, insinuar uma atitude psicológica com uma dedada no barro. Parece que dos bonecos do escultor saem torrentes de humorismo — e dir-se-ia que o autor de «Lucília», feita de retalhos, não poderia modelar a máscara formidável de mestre Araújo Pereira. Quere dizer, a arte de Júlio de Sousa não se repete, não se confunde nem se abastarda: ali está o humorista, mais além o escultor e, depois mais em cima — nas paredes... — o pintor que aprendeu a colorir desenhos, muitos deles preciosas manchas. São três artistas verdadeiros — e todos distintos, pelo complexo e arrumação de cada um deles, e ainda, pelo valor de todos.

Um dia, Júlio de Sousa veio dizer que muito gostaria de «praticar» escultura — a escultura de material caro que só alguns bafejados da sorte estão possibilitados de utilizar.

Pois bem: o sonho de Júlio de Sousa deve estar de algum moto satisfeito. Nesta exposição agora aberta no Secretariado, a São Pedro de Alcântara, Júlio de Sousa consubstanciou alguns dos seus melhores anseios de artista. «Vida» — três cabeças de três idades — são de uma tocante realidade na sua eloquência simbólica e «Graça», de uma imponderabilidade etérea em que não se sabe que mais apreciar: se a «finesse» do modelo, no classicismo das linhas, se a «finesse» do artista que não maculou o graciosismo do modelo.

E há outras coisas boas, muito boas mesmo, nesta exposição em que avulta um retrato — «Postal ilustrado» — uma N. S. do Perpétuo Socorro modelada em linhas helénicas e uma cabeça expressiva, forte e vencedora de Maria Adelaide Lima Cruz. Isto, no que diz respeito à arte que poderemos chamar «sisuda».

Negaríamos, porém, a verdade, se não dissessemos que um dos melhores motivos desta notável exposição está nos seus bonecos de trapos — as traquinices brêjeiras do artista que chamam sempre aos seus certames um público intelectual, sim, mas inimigo do amigo e de si próprio — só para ver se o alvo predilecto foi alvejado pelas setas inofensivamente graciosas do humorismo de Júlio de Sousa...

Neste ponto, ainda, a curiosidade do visitante não é iludida; o artista serve dos pratos mais saborosos da especialidade — como sejam: Jorge Brum do Canto — é de barro — Amélia Rey Colaço e Judy Garland — também ambas de barro... E, em trapo: uma Teresa Casal, figura helénica de doce evocação; uma Mãe West espalhafatosa; uma Lucília Simões e uma Herminia Silva de flagrantes atitudes felinas — sem falar de muitos outros motivos de interesse — ou sem falar de tudo quanto se vê e aprecia — porque esta exposição de Júlio de Sousa é mesmo um apetite! — M.

A ARTE MODERNA

VISTA PELO

Dr. Arlindo Vicente



O artista Arlindo Vicente ocupa, na moderna geração, um lugar de destaque. Licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, se as leis e os códigos lhe tomam o tempo, nem por isso deixa de aparecer nos domínios da arte com a sua clara visão de artista moderno de boa escola. Ainda este ano apresentará, em exposição pública, alguns dos seus melhores trabalhos. Com João Carlos, Almada Negreiros e Mário Elói fez, em Lisboa, no I Salão dos Independentes, uma curiosa exposição de artista moderno que o público acolheu com simpatia. Ouçamos-lo, portanto, que é muito tem para dizer:

— A arte moderna, definição por que é conhecido o movimento artístico da nossa época, representa uma das maiores revoluções da arte em todos os tempos. Por arte moderna tem de entender-se uma «arte livre» de todas as peias ou preconceitos, contra a realidade objectiva e imposta até então e contra todas as estéticas convencionais. Os seus arautos pretenderam ir até ao fim de todas as possibilidades sem carecer doutra preparação espiritual ou técnica que não fosse a força do seu próprio destino de artistas, a força da sua própria mensagem. Historicamente, o problema surgiu em França durante o século XIX, por divergência entre a arte oficial do «salon» e os artistas que não seguiam os cânones oficializados. Essa divergência avolumou-se de tal forma que, em 1863 surgiu o Salão dos Recusados, em 1890 dos «Independentes» e 1903, o Salão de Outono.

— E a arte triunfou mesmo dentro das novas linhas estéticas...

— Mas sem dúvida. E só lembrarmos-nos de Paul Cézanne, Van Gogh, Renoir e Gauguin que lançaram, fora das esferas oficiais, os fundamentos da arte moderna! Evidentemente, tudo isto custou muito... Mas o que é inegável é o grande alcance e amplitude do movimento. Da pintura formal, domiciliada pela nulidade, enclausurada em fórmulas e preconceitos passou-se a uma pintura livre, sem outros condicionais que não fossem as próprias possibilidades do artista. Da representação dos elementos essenciais duma realidade — com Cézanne — elementos determinados pela sensibilidade de artista, sem qualquer limite, chegou-se à transposição de estados de alma.

O Dr. Arlindo Vicente recorda, então, nas suas linhas gerais, a confusão gerada na arte moderna, cada artista representativo formando o seu grupo. Alguns eram críticos e escritores, pessoas de responsabilidade na arte:

— Foi nesse momento que surgiram as escolas em ismo: ao neo-traditionalismo, o impressionismo,

a este o tautismo e o cubismo, passando pelo purismo e expressionismo... A cada ismo correspondeu uma posição do espírito dos seus apóstolos

— Algum merece do seu gosto artístico particular preferência? — perguntámos: — O mais notável dos pintores modernos é, incontestavelmente, Paul Cézanne — o mais do seu tempo e um dos maiores de todos os tempos. Morreu em 1906, com 62 anos de idade. Pode dizer-se que toda a arte moderna está fundamentada na sua obra. Incompreendido dos seus próprios amigos íntimos que o consideravam um falhado — tal aconteceu com Zola — Cézanne isolou-se numa quinta em Aix-en-Provence e aí trabalhou até à morte.

Percebeu ao grupo do «Tautismo», que está na base da mais notável corrente da pintura moderna. Os seus quadros resumem uma força e equilíbrio, uma simplicidade e volumes tão juntos, uma decoração tão pessoal e uma tão grande justeza de planos, uma utilização tão segura dos elementos fundamentais da composição plástica que não mais a arte moderna se pôde furta à sua influência. As suas cartas e escritos são superiormente inteligentes. Mas, enfim, fora da França, quero citar-lhe Van Gogh que era holandês e Chirico, italiano. Ambos trouxeram à arte uma valiosa contribuição.

— Que lhe parece que venha a ser o destino da arte moderna? Continuará no cadinho das experiências inquietas ou regressará ao formalismo das coisas serenas e definitivas?

— Em França, meu amigo, as tendências dos mais jovens pintores parecem determinar um regresso à Tradição, com Matisse e Rouard. É um complexo humano, constatado através de todas as civilizações. Depois das lutas, a paz e a utilização das conquistas da luta. É evidente o prejuízo que resultará dum equilíbrio ou ordem externa na arte. As obras produzidas nesta sofreguidão e incomformismo não serão isentas de imperfeições, mas é, tantas vezes, nessa imperfeição que reside a força criadora da obra de arte. Entraremos então, numa nova idade clássica!

— Vamos para fazer algumas perguntas sobre a arte moderna em Portugal mas um continuo velo anunciar discretamente uma visita e o dr. Arlindo Vicente olhou para nós com o ar de quem suplica:

— «É melhor não dizer mais!...»

MANUEL MARTINHO

John Sloan é há muito um dos artistas impressionistas mais apreciados nos Estados Unidos. Gravador e litógrafo, passa o inverno em Nova York e o verão numa colónia de artistas de Santa Fé. No quadro que reproduzimos, intitulado «Backards, Greenwich Village» avulta o sentido humorístico e o seu amor pelas crianças e pelos animais.



Mais um quadro de Rubens

DE vez em quando, o mundo culto e artístico tem conhecimento de que renasceu mais uma obra de arte desviada por mãos ímpias ou ignorantes para um destino imerecido. E, muitas vezes, essas notícias são verdadeiras — mas muitas outras são rebate falso por ingenuidade ou mercantilismo criminoso. Quantas grandes fortunas se têm feito à sombra de pseudo-celebridades!

Nas Américas, abundam nos museus tantas colecções autenticamente preciosas, que nós até nos perguntamos como teria sido possível a um Dickens

ou a Rembrandt pintar tanta obra... prima!

Enfim, a Alemanha dá-nos uma notícia: apareceu em Bielefeld um novo quadro de Rubens. É uma pintura em madeira, representando a Adoração dos Reis Magos, com 74 centímetros de largura, por 50 de altura, e pertencida a um particular que atribua a obra a autor desconhecido.

Ludwig Fuch, de München, considerado um grande perito, confirmou a opinião de outros peritos: trata-se de uma obra-prima de Rubens.



TELEVISÃO

Por esta imagem que aqui publicamos podem os nossos leitores avaliar os progressos mais recentes da televisão.

Eis um dos momentos de trabalho no estúdio, apanhado com magnífica oportunidade.

A própria fotografia dispensa quaisquer comentários. Amanhã, a televisão substituirá a rádio, com largas vantagens, sem dúvida alguma.

Um português na Orquestra de Bob Crosby

TODOS os apaixonados de música moderna conhecem, e muito bem, a célebre orquestra de Bob Crosby, uma das mais completas e das mais famosas orquestras americanas.

E por isso parece-nos de grande oportunidade esta revelação que hoje fazemos aos nossos leitores: na orquestra de Bob Crosby há um português.

Sim, senhores, um português nascido mesmo em Portugal e filho de pais portugueses.

Com doze anos, apenas, ele abalou para a América, à conquista de novos horizontes. Estudou, com algumas dificuldades, e conseguiu vencer, por fim.

Matriculou-se num curso para engenheiro e formou-se com uma magnífica classificação.

Contudo, havia nele um amor mais forte e mais sincero: o amor pela música. O violino era a sua grande paixão. O nosso Berardo de Oliveira—é esse o seu apelido—foi trocando aos poucos os problemas de engenharia pelas pautas musicais.

E, hoje, tendo americanizado o seu nome, ele esqueceu-se por completo das engenharias e é um dos mais destacados elementos da célebre orquestra de Bob Crosby.

Um decálogo para as cantoras de rádio

PERMITIMO-NOS transcrever um sugestivo e útil decálogo que nos mostraram e que se dirige especialmente às cantoras de rádio. El-lo:

- 1.º — Não imites ninguém. Quem imita não tem valor próprio.
 - 2.º — Não cantes muito perto do microfone.
 - 3.º — Escolhe com discrição um repertório variado.
 - 4.º — Interpreta com sentimento, mas sem afectação.
 - 5.º — Faz o possível por ter uma perfeita dicção.
 - 6.º — Aceita, com boa vontade, a opinião dos críticos.
 - 7.º — Corresponde às gentilezas dos teus admiradores.
 - 8.º — Foge ao cabotinismo que irrita os ouvintes.
 - 9.º — Sé pontual aos ensaios e às emissões.
 - 10.º — Não durmas sobre os louros colhidos.
- Então, que nos dizem a isto? Não será para aconselhar que algumas das nossas cantoras dediquem um pouco de atenção a estas dez regrinhas tão fáceis e tão úteis?...

QUINZE MINUTOS DE "VIDA MUNDIAL"

A partir do já próximo dia 5 de Abril, Rádio S. Mamede emitirá todas as quartas-feiras, pelas vinte e uma horas e trinta minutos, um novo programa intitulado «Quinze minutos de Vida Mundial», com a colaboração de «Vida Mundial Ilustrada».

Estamos certos de que vamos ao encontro do interesse dos nossos leitores, fornecendo-lhes agora um noticiário vivo e sugestivo de tudo o que se passa no mundo.

Rádio S. Mamede, um dos mais antigos e dos mais populares postos emissores da capital, dará em «Quinze Minutos de Vida Mundial», com a colaboração das grandes acontecimentos e das grandes reportagens que a nossa revista contém.

Portanto, não se esqueçam, leitores: na quarta-feira futura — 5 de Abril — às vinte e uma horas e trinta minutos, ligue o seu receptor para Rádio S. Mamede e escute o «Quinze Minutos de Vida Mundial».



O NOSSO SENSACIONAL CONCURSO

Dupla vitória de Luís Piçarra:

Venceu a 4.ª etapa e colocou-se à frente da classificação geral

INDISCUTIVELMENTE, o êxito do nosso Concurso aumenta de número para número. Assim o provam os votos que se amontoam na nossa secretária, todas as semanas.

De Portugal inteiro, acorrem os admiradores das vedetas mais populares da nossa rádio, a dar o seu voto nas suas favoritas.

Porém, mais uma vez, temos de chamar a atenção dos leitores para o seguinte: De nada serve enviarem-nos autênticos abaixo-assinados de voto em qualquer artista. Falta o cupão. E sem cupão, os votos não são contados.

Fica isto assente para sempre? Pensamos que sim. E aconselhamos apenas aqueles que têm enviado a sua votação, sem préstimo, a repetirem-na, mas com cupão e com préstimo.

Outro pormenor de interesse é o das assinaturas. Habituem-se a escrever os vossos nomes, com uma letra bem legível. Lembrem-se que nós somos obrigados a anular todos os votos que tragam assinaturas irreconhecíveis.

Portanto, leitores amigos, não desistam da luta. A vossa vedeta preferida espera por vós, pelo vosso voto. Ele pode influir sem dúvida na classificação geral. E vós ficareis com o orgulho de ter contribuído para a consagração da vossa favorita como «a vedeta portuguesa mais popular da rádios».

COMENTARIOS A QUARTA ETAPA

Eis a classificação da 4.ª etapa do nosso Concurso, no respeitante aos primeiros dez postos:

- 1.º — Luiz Piçarra — com 539 votos.
- 2.º — Maria da Graça — com 147 votos.
- 3.º — Maria Gabriela — com 111 votos.
- 4.º — Maria Sidónio — com 65 votos.
- 5.º — Curado Ribeiro — com 30 votos.
- 6.º — Fernando de Oliveira — com 28 votos.
- 7.º — Graciete de Melo — com 12 votos.
- 8.º — Orlando Setimeli — com 10 votos.
- 9.º — Milly — com 9 votos.
- 10.º — Cidália Meireles — com 8 votos.

Realça imediatamente o feito extraordinário de Luiz Piçarra que conseguiu um grande duplo triunfo desta vez: vencer a etapa e passar para a vanguarda da classificação geral.

Desta vez, os admiradores de Maria Sidónio não foram muito constantes. E a popular vedeta perdeu o primeiro lugar da classificação geral e, na própria quarta etapa, ficou em 4.º lugar, o que lhe sucede pela primeira vez.

Graciete de Melo — vamos lá, com Deus... — voltou a figurar no número dos classificados, ainda que com uma votação pequena: apenas onze admiradores!

De apreciar a boa posição de Fernando de Oliveira que tem estado a manter os seus créditos, firmados desde o início deste Concurso.

E como restantes observações à quarta etapa, revelaremos somente alguns factos pitorescos: Oscar de Lemos teve 1 voto!!! Carmen Dolores mantém o mesmo ritmo: em cada etapa apenas um único voto!!! José Pessoa foi votado pela primeira vez. Julieta de Castro, também. Nesta etapa classificaram-se unicamente vinte e quatro vedetas concorrentes...

ORDEM DA CLASSIFICAÇÃO GERAL

Como de costume e por absoluta falta de espaço, daremos apenas a ordem e a votação dos primeiros cinco classificados:

- 1.º — Luiz Piçarra — com 1.436 votos.
- 2.º — Maria Sidónio — com 1114 votos.
- 3.º — Maria da Graça — com 1110 votos.
- 4.º — Maria Gabriela — com 700 votos.
- 5.º — Graciete de Melo — com 472 votos.

Aqui temos pois uma boa alteração: Luiz Piçarra passou para primeiro, com uma diferença de 322 votos do concorrente mais próximo, Maria Sidónio. Entre esta e Maria da Graça há uma diferença deminuta: apenas quatro votos. O Concurso toma novo interesse. Quem vencerá? Luiz Piçarra ou qualquer das três Marias que o perseguem? A decisão cabe aos nossos leitores e aos seus votos... Ainda faltam seis etapas!

QUANTO AOS PREMIOIS...

Nada mais revelamos por enquanto. Faltam ainda seis semanas para o Concurso terminar — e as boas surpresas não se podem gastar todas duma vez. Portanto, os leitores estejam alerta. Talvez de repente surja mais alguma boa novidade...

Por agora já sabem: cinco prémios tentadores e fotos autografadas pelas primeiras cinco classificadas. E que é necessário para tudo isso? Apenas concorrer, enviar o seu cupão e ajudar a triunfar o artista de rádio que lhe seja mais simpático...

CONCURSO DE RÁDIO «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»

6.ª etapa

Voto em

Pósto em que trabalha

Nome

Morada

A pergunta — será a guerra um mal? — teima em bailar nos lábios filosóficos de um rôr de gente integrada nos mais diversos escolas.

— A guerra — dizem uns — é precisa entre os povos, obedece a uma lei natural e por isso imperiosa. Dela surgem o progresso e tudo o mais — descobertas sem fim que na paz se fariam a longo prazo, transformações na vida dos povos que de outro modo só tarde se perceberiam através da rotina acabrunhante dos tempos.

— As guerras — conclamam por sua vez os sentimentais e mais humanos — trouxeram em tôdas as épocas o luto e a dôr. Há guerras desde que existem homens; dentro de futuro conceito, porém, mais rico em justiça e moral, o homem acabará um dia por concluir que o bem resultante delas de forma alguma compensa as desgraças que fazem.

— Afinal — em que ficamos? Em coisa nenhuma, visto que não vem ao caso discorrer aqui sobre as razões de tal melindre. O que acima fica, serve apenas para assinalar — digamos — um facto: a guerra trouxe aos portugueses o convívio directo de muitos homens ilustres, vindos de todos os países. Estiveram uns, passaram muitos, ficaram outros. Quem são e o que fazem alguns dos que em Lisboa vivem à sombra da nossa casa, gozando saborosa paz, embora ansiosos e de olhos postos sempre, onde sempre se quedou o coração?

MULTIMILIONÁRIO, MÉDICO
E DRAMATURGO

ROTHSCILD... — um nome que há muito correu fronteiras e chegou aos confins do Mundo. Além dos seus milhões, este, o dr. Henri de Rothschild, tem o mérito de ser escritor e homem de ciência, com diploma de médico na mão aos 25 anos, obtido na Universidade de Paris.

— Sem precisar, evidentemente, de ter um dia de trabalhar em consultório — dirá impado o leitor.

— Pois é — mas ainda assim sempre lhe dizemos que o dr. Rothschild, nosso hóspede, exerceu clínica, em França, cerca de 30 anos, de 1897 a 1926.

— Simples desporto, claro...

— Não, que o trabalho de outro jeito também sempre o seduziu, mesmo agora, aos 72 anos; obras sobre medicina e assistência e notável produção teatral. Uma peça, duas peças? Isso!... cerca de 40, entre as quais, como mais conhecidas, figuram «La rampe» e «Le caducée». «Le grande patron», outro trabalho da sua autoria, foi representado há anos há anos em Lisboa, por Alves da Cunha e Berta Bivar, com o título de «O Mestre». em Lisboa, por Alves da Cunha e Berta Bivar, com o título de «O Mestre». Recordam-se?



O Barão de Rothschild, no seu palacete do Bairro Alto, pensa e escreve o drama da sua vida e da pátria...



Só Noguês se recolhe ao silêncio do hotel e ao bulício das gentes, no meio das quais se perde anónimamente...



Eleutério Tzelepis não abandonou as lides literárias sob o calor maldoso do nosso sol...

Quem são e o que fazem em Lisboa estes refugiados ilustres?

O multimilionário, barão e médico Henri de Rothschild esteve em Portugal já por diversas vezes, a primeira das quais em 1904. Foi, nessa altura, recebido pelo rei D. Carlos com quem jantou um dia. Pode julgar-se, atendendo à sua posição e idade, que o barão de Rothschild se entrega exclusivamente ao gósto de uma vida de refugiado a quem nada falta. Não é assim. Aqui escreveu já o livro «La lignée française de la famille Rothschild», parte dos seus «Cinquenta anos de memórias» e... — atenção noticiários das coisas teatrais — mais uma peça — «Le coeur sur les braises...» (Coração sobre brasas), em vésperas de traduzir-se para ser levada à cena este ano ainda, provavelmente.

O dr. Henri de Rothschild vive discretamente numa casa perdida num bairro da Lisboa antiga. O alfacinha curioso vê-o, às vezes, descer de um automóvel vulgar no barulhento Chiado e penetrar com ares que roçam a imponência, nas lojas plenas de novidade e riqueza...

UM BELGA COMPANHEIRO
DO REI-SOLDADO

Quando Portugal festejou 800 anos de vida, pisou os adictos senhoris da veneranda figura um belga de cujas maneiras se disse pouco depois, haviam conquistado toda a grei: Pierre Goemaere. O autor do «Pelerin du soleil» discorda do elogio, opinando que foi Portugal que o dominou a ele, todo inteirinho... Vive para os lados das avenidas novas, numa casinha cheia de sol e de fotos que são saudades — quantas saudades... O leitor conhece-o, certamente, através dos escritos que publicou nos jornais diários ou de ouvi-lo, encantado, nos salões de que se fez rei ou «príncipe conferencista» como alguém entre nós o chamou já completando justiceiramente a fama trazida das grandes cidades europeias de antes-guerra.

Há trinta anos, depois da outra batalha internacional, quando Alberto I visitou os Estados Unidos da América, o Brasil, a Itália e outros países, Pierre Goemaere participou da sua comitiva, ligado como é à família real belga e de quem, em várias circunstâncias, tem sido o historiógrafo e autor de obras assim como «Alberto I loin des foules».

Devido aos acontecimentos ficou-se o escritor no nosso país onde se ocupa do envio de artigos para jornais ingleses e suíços, na preparação de uma obra «La féerie portugaise», e ainda a gizar uma conferência extraordinária sobre motivos portugueses que intitulará «Sui-vez moi au Portugal» e destina aos seus audientes de além fronteiras. Já antes da guerra Pierre Goemaere dispensava a Portugal a sua amizade, dedicando-lhe até um número da sua «Revue Belge», importante periódico que dirigiu e ao qual o «Figaro» um dia chamou a revista dos dois mundos dos nossos vizinhos do norte. Autor de uma dúzia

de livros, merecem especial apontamento, o romance «Le Pelerin du soleil»; um estudo sobre o problema judaico. «Quand Israël rentrez chez soi», e um trabalho já feito em Lisboa sobre medicina social no nosso país.

Quando os homens fizeram as pazes e Pierre Goemaere abalar com destino a terras martirizadas, não admira que tornemos a vê-lo, pouco depois, descer sorridente na gare do Rossio... Entretanto, «monsieur» Goemaere — quando nos dará o prazer de mais uma das suas conferências?

DA IMORTAL ATENAS
À LISBOA INFINITA...

Esquecendo o traje — ao primeiro «coup d'oeil» sobre este grego refugiado, imediatamente aflora aos lábios o que se lê no romance do malogrado Ibanez: «Es de Atenas, não é verdade? Não o podes negar. Parece Ulisses quando peregrinava pelo mundo nas aventuras que relata o pai Homero. Eu te saúdo, filho de Pallas!»

Eleutério Tzelepis, jornalista e escritor, dirigiu um dos maiores diários da Grécia, o «Vradyni». Em Paris, para onde foi em 1931, publicou vários livros sobre questões políticas internacionais, enriquecidos com prefácios de Jacques Bainville, Wladimir e Pertinax; colaborou na «Revue Universelle» dirigida por Bainville, no hebdomadário «Vu» de Lucien Vogel, no jornal «L'Ordre» de Emile Buré, e foi crítico de obras políticas na revista «Europe» publicada sob a direcção de Jean Cassou. Eleutério Tzelepis considera Lisboa uma cidade interessantíssima e acolhedora, que tecebe o estrangeiro com a bonhomia e cordialidade de velhos amigos. «Lisboa é assim: surge qual flor magnífica aberta ao sol para delícia dos olhos que chegam... Tem carácter próprio, atmosfera trasbordante de charme original — mistura de fausto e magnificência de um passado sempre vivo e único. A vida popular é ruidosa, colorida e as ruas estão cheias de pitoresco e imprevisito. Como Veneza, de Lisboa pode dizer-se que é infinita... com a sua praça do Império aberta sobre o mar, onde se respira a epopeia lusa trazida pelo vento falso que vem do largo e cuja imensidade torna a história portuguesa uma coisa evidente e real.» Eleutério Tzelepis considera supérfluo afirmar que viver em Lisboa, para um estrangeiro, é um verdadeiro encanto. No nosso país, onde se encontra refugiado desde 1941, escreveu entre outros trabalhos, sob o pseudónimo de Atticus, um livro a respeito da luta italo-grega intitulado «O milagre grego» obra que hoje se encontra traduzida em diversas línguas.

DESDE MENINO, ANSIOSO
POR CONHECER TERRAS DE PORTUGAL

M. C. M. Woorbeytel, jornalista holandês, agora em Lisboa, desde menino que tinha um sonho: conhecer Portugal.

Os «porquês» explicam-se assim: o seu mestre escola, por certo um homem entendido e justo, ensinou-lhe que muito antes dos neerlandeses, já os homens de Portugal tinham sido ousados nautas, esforçados colonizadores de terras longínquas e, como ele, sofrido reveses na luta contra os povos que se cruzavam no seu destino — acima dos quais, aliás, a sua vontade de povo livre se sobrepôs. De tal forma falava o velho mestre que logo no espírito infantil do pequeno Woorbeytel germinou a par da admiração pelo «nobre povo» o desejo de conhecer a terra do Gama e de Cabral.

Quando se fez homem... Mas o homem nem sempre manda em si próprio, e o tempo passou, sem contudo diluir o sonho da sua infância. Estalou a guerra. Portugal era uma estrela a cujo poder de atracção não podia esquivar-se. Não se enganou Woorbeytel. Esta terra era bem o país da gente boa, das flores e do sol, das paisagens de maravilha, com sua expressão máxima na policromia de Sintra.

Portugal! Até que enfim matava o desejo que desde criança o tomara. Mas em que circunstâncias, em que momento, em que dias de desespero tão profundo! «No entanto, é verdade que muitas desditas aqui já esqueci! «a quelque chose malheur est bon». A tempestade, o sismo que neste momento agita o mundo, tem ao menos a vantagem de fazer com que milhares de seres, cujas ilusões se perderam nos escombros das suas pátrias, tenham ocasião de conhecer o povo que bondosamente os acolheu. «Por mim nunca o esquecerei!»

W. C. M. Woorbeytel trabalhou durante mais de trinta anos para o maior jornal de Amsterdão o «Handelshlad».

Uma vez em Lisboa, não deixou o «prazer da arte» a contas, como está com os serviços de Imprensa na Legação do seu país.

UM GENERAL DE... «LA DOUCE FRANCE»

Estamos no pequeno «hall» de um hotel lisboeta, a contas com assunto estranho à profissão. Para o repórter, contudo, é sabido que toda a hora lhe serve para ver, saber e cumprir, desde que o santo protector, se o tem, não se faça preguiçoso ou coisa assim. Por isso...

Do elevador, ao fundo, surge um homem que saúda com amável «bonjour» quem ali estava em funções de obriga.

— «Bonjour!» — Monsieur le general!»

— General... Esta cara... Quem é? — preguntamos.

— O general Noguês — responde um dos presentes.

Óptimo! Não se diga mal da sorte — que isto vem de propósito. Mandamos logo ao antigo Residente Geral do Marrocos Francês um pedido de «rendez-vous»,

para um retrato. Mas a resposta amável é decisiva — «não» — e um complemento a doirar a expressão desgostosa do «repórter» — pas possible...

Como o leitor sabe, foi à mata ridente e sábia do Buçaco que se acolheu o general Noguês — logo, após a invasão da África do Norte pelos anglo-americanos, onde durante tempo se conservou embebido na barafunda cruel das suas recordações. A confusão da Lisboa imensa, onde agora vive, tê-lo-ia atraído por razões que não cabem aqui. De momento ele é, afinal, apenas um homem; um francês distante do seu doce país; um ser a mais no mundo enorme dos que a guerra atirou para longe. O Chiado, tôdas as ruas da «urbe» lhe servem para o seu diário «promenade». Lisboa, no entanto, confusa, barulhenta e grande, não vê, não conhece o general. E isso é do seu gósto, só lhe dá prazer...

Em Lisboa e salpicando a província de manchas que lhe dão certo «ar», estão muitos — quantos! — oriundos das mais remotas paragens; uns, gente ignota, simpplórios comparsas do drama pungente; outros, mais grados, mas todos bendizendo a ilha que lhes serviu de arrimo no mar feroz das suas desditas. Figuras notáveis que se foram, como Carol da Roménia, Maeterlink, Stefan Zweig, Van Zeland, Gabriela Mistral, e que andaram talvez ao lado de outras que por cá ficaram: os ministros Pangal e Diano da Roménia; o conde Szenbek e Leon Litwinski, diplomatas polacos; Dino Grandi, figura notável do fascismo; Charles Oulmont, escritor francês, e outros que a pena agora esquece.

Pobres e ricos, gente modesta ou a volúpia pelo valor do que são ou já foram, tomarão um dia o rumo dos seus países.

O retrato de Portugal, cantinho acolhedor, esse andarà por tempo de mão em mão através de gerações, lá longe, como afirmativa eloqüente de que para cá da meta até onde o fogo chegou, existe uma nação, povo generoso e sempre capaz dos mais nobres cometimentos.

ARTUR ALPREDINHA



Um jornalista é sempre um jornalista, mesmo quando o exílio lhe proíbe o exercício de escrever. Na secção de Imprensa da Holanda, Woorbeytel retoma o contacto dos jornais.



Também Pierre Goemaere, forçado ao exílio, sonha com a Bélgica distante e escreve sobre Portugal presente.

Médicos e doentes

E já uma idéia de reconhecida evidência em sociologia, afirmar que ao desenvolvimento e transformação da estrutura econômica, à crescente complexidade social, nem sempre corresponde uma correlativa transformação jurídica e ideológica.

Fenômeno semelhante se está a dar com a organização médica em quase todo o mundo civilizado.

Desde bem cedo, na história da civilização, se verificou a necessidade da existência de uma assistência coletiva, para acudir às classes mais baixas e pobres. Todavia, o que predominou vincadamente até aos princípios do século XIX foi uma medicina individualista.

Se já no século XVIII, a obra de Romazzini, o «pai da medicina industrial», indicava o novo caminho das preocupações de alguns médicos, só em pleno período do desenvolvimento industrial na Europa, com os gigantescos centros urbanos povoados por multidões de trabalhadores rasando pela miséria ou mesmo afundando-se nela — só neste período se podia afirmar que se delineava a traços firmes os planos para uma utilização social e planificada dos serviços médicos. Torna-se evidente que a medicina individualista dispersada, receberia, tarde ou cedo, o seu golpe de morte, o mesmo sucedendo com a assistência sanitária, estadual ou particular apresentada com um cunho mais ou menos caritativo e de «favor».

O partidarismo da medicina social, com uma visão lúcida das realidades, não pode conceber que um homem qualquer receba uma assistência cuja qualidade e continuidade dependem da sua posição social e possibilidades económicas.

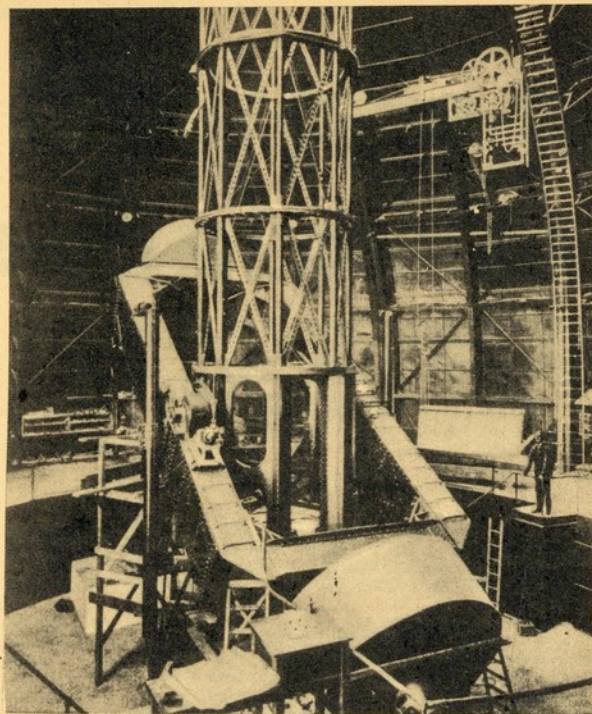
A modificação do conceito de assistência implicava a transformação do conceito de doente. De facto, um doente não é uma personagem abstracta, saída inteiramente dos tratados de patologia, mas um ser social, um indivíduo que vive nalguma parte, em determinadas condições económicas e familiares, que tem um passado márbido e antecedentes hereditários e pessoais.

O tratamento racional do doente não é o abordar ao «terreno» em que a doença evolui, mas também às suas condições mesológicas sociais. É necessário acompanhar o paciente do princípio ao fim, cuidando até daqueles que compartilhavam da sua vida.

Supunhamos na nossa frente um operário doente, afectado com uma tuberculose ou uma anemia. Estabelecido o diagnóstico, convém enviar o nosso homem para um sanatório, obrigá-lo a repouso completo. Se hoje, chegado a este ponto, tudo se derruiu por que o médico não tem poderes para conceder esse repouso, num país onde a assistência fosse perfeita, ele iria, sem delongas, para o lugar devido e com a certeza de que os elementos da família a seu cargo receberiam os meios suficientes para manter uma vida normal e sã. E longe do assistido se julgar numa posição sempre humilhante de «indigente», recebendo os benefícios da caridade, julgá-lo, pelo contrário, usufruindo regalias a que tinha pleno direito na sua qualidade de membro produtivo e criador de riquezas.

Não é preciso um raciocínio muito cerrado para concluir as grandes transformações que se operariam.

As relações dos serviços médicos com o Estado e a vida produtiva de uma nação teriam de se intensificar numa escala insuspeitada. Daqui, a dependência dos problemas económicos e sociais; daqui, também, a inquietação com que os médicos olham o futuro, aspirando a possibilidade de exercer plenamente a sua acção preventiva e curativa.



Aqui vemos o maior telescópio do mundo, medindo 2,5 de diâmetro. Está colocado no Monte Wilson, nos Estados Unidos. Pelo tamanho do homem que vemos na figura, podemos imaginar a grandeza das instalações dum observatório astronómico. Desde a luneta astronómica de Galileu, até hoje, que aperfeiçoamentos técnicos não houve, e que descobertas não se fizeram na imensidade do espaço!

Novas aplicações da madeira

A descoberta do alumínio e de outros metais leves, fez com que a madeira fosse relegada a um plano inferior, sempre que houvesse necessidade de aplicar material leve e forte. Mas agora, a descoberta de que lâminas de madeira coladas se tornam mais resistentes que o aço, em igualdade de peso, veio revolucionar quase todas as indústrias manufactureras.

Os três processos principais para a fabricação da madeira folheada ou «plywood» — o do corte, o da ligação, e o da moldagem — foram muito aperfeiçoados.

As máquinas para fazer as lâminas, são gigantes. Depois do corte realiza-se a colagem das fôlhas com colas especiais e adesivos químicos. Finalmente, a moldagem das táboas justapostas é feita em fornos enormes; sob a pressão do vapor a madeira folheada é comprimida contra formas feitas de betão ou aço, e ela ajusta-se até aos pequenos recantos dos moldes.

Os aviões «Mosquito» ingleses são construídos em madeira folheada; milhares de peças dos aviões de combate e até certos depósitos de gasolina são moldados em madeira. Mas, de maior importância para nós é a imensidade de coisas úteis à vida de paz que poderão ser feitas em madeira, substituindo os caros e raros metais.

A B C sobre as frieiras

As frieiras são lesões cutâneas produzidas pelo frio, mas como nem toda a gente tem frieiras, embora muitas vezes se vejam em sensível igualdade de condições, há que atender à constituição dos indivíduos.

As frieiras só aparecem nas extremidades onde a circulação cutânea sanguínea e linfática é deficiente. As extremidades tomam um aspecto violáceo, ficam extremamente secas ou ligeiramente umedecidas, e quase sempre um pouco inchadas. A este conjunto de características dá-se o nome de *aeroclanose* ou *ctanose* das extremidades.

A deficiência de circulação sanguínea nas extremidades está na dependência de causas externas, como o frio, mas está sempre na dependência de perturbações gerais quando a má circulação é crónica.

As perturbações endocrínicas e a insuficiência respiratória são em geral a origem da aeroclanose. Mas o aparecimento das frieiras parece também relacionado com a carência do organismo em vitamina B1 e PF.

As pessoas que costumam ter frieiras, devem consultar o médico, que tratará, conforme os casos, o linfatismo, a insuficiência respiratória, os desequilíbrios endócrinos, e sobretudo as múltiplas carências alimentares. Localmente, deve-se fazer o possível por activar a circulação das extremidades, fazendo exercício com as mãos e os pés, tratando as frieiras com pomadas especiais, e as úlceras, que se podem formar, como se fossem queimaduras.

Como funciona uma garrafa «termos»?...

UMA «termos» não aquece nem arrefece os líquidos que nelas pomos, nem o segredo do seu funcionamento está na ponta de vidro existente no fundo da garrafa. A «termos» limita-se a conservar a temperatura dos líquidos, impedindo tanto a entrada como a saída de calor.

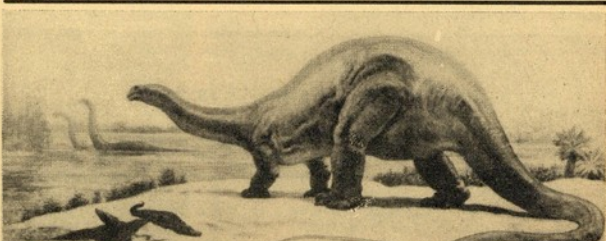
Para atingir o seu fim, a «termos» apresenta-se como uma garrafa de vidro, de paredes duplas, havendo, portanto, um espaço vazio entre elas.

Pela parte inferior da garrafa, por um pequeno orifício, extrai-se o ar contido nesse espaço, fazendo o vácuo. O orifício é, depois, fechado a fogo, derretendo o vidro, o que ocasiona a formação daquela ponta.

Por consequência, além do vidro que já de si é mau condutor do calor, o vácuo entre as paredes duplas da garrafa impede que o calor ou frio do líquido armazenado se perca para o exterior. Para maior ajuda, sabendo-se que o calor se reflecte nas superfícies polidas, tal como a luz, as paredes da «termos» são espelhadas.



A foto mostra um embrião humano no segundo mês da sua formação. Mede 25 milímetros. Nesta altura já começa a ter um aspecto vincadamente humano. Note-se o volume desproporcionado da cabeça, e a pequenez da face. A mandíbula superior sobressai, o nariz é achatado e as narinas tapadas por uma membrana; o peito é curto, e em compensação o ventre é grande. Que grande labor de criação até se completar a maravilhosa obra que o homem representa!



O animal representado na foto viveu muitíssimo tempo antes de surgir a espécie humana, talvez há uns 20 milhões de anos, na região lagunar da América Setentrional. Era um réptil herbívoro, pesando mais de 20 toneladas e medindo perto de 25 metros. Reparem nas dimensões mínimas do cérebro! A montagem do esqueleto completo deste «Brontosaurus» levou sete anos a fazer-se e está no Museu de Nova York.

ANGELINA VIDAL

na sombra do olvido

EM pleno estio de 1917, quando o sol inundava com os seus raios vermelhos de Agosto uma casinha humilde da rua de São Gens, extinguiu-se o alento vital, parpadeava a serena e nobre cabeça com palavras de génio, sonho e conforto, daquela que em vida fora ensino, exemplo, espelho de virtudes e se chamara Angelina Vidal. Bondosa, cultíssima, mãe exemplar, jornalista fulgurante, poetisa dos humildes, professora liceal que praticava o ensino livre numa voluntária renúncia de sacerdotisa, essa matrona cuja austeridade era, na vida, a máscara de intensos sofrimentos — representa, durante meio século, junto à mais humilde das classes operárias, a dos tabaqueiros, a coerência e o talento no seu esplendor meridiano.

Ela, professora também do Conservatório, é a figura de marfim velho que consta de uma foto dourada de centelhas de fogo pelos anos. E, na sua organização privilegiada, é bem o caso único, sem precedente, par de si própria no Reino da inteligência laboriosa. Aqui a vemos, agarrada, no sorriso com que afagava os humildes e repreendia os impertinentes, à secretária de jornalista do povo. Tem alguns escassos volumes perto de si; mas, o que predomina, de manhã, à tarde e à noite, é o prato único chamado... «linguados». Perto dela terá a pena ou o lápis. O papel branco, ou já cheio das suas formosas lições, ou, então, dos seus harmoniosos versos, vive com ela, e acompanha-lhe as incessantes vigílias.

Angelina Vidal foi feliz porque viveu a sua vida. Ela, que tinha o desassombro de todos os endurecidos trabalhadores, possuía o feminino e delicado esmalte azulino, próprio do seu sexo e da sua bonhomia. Recordo-me, nitidamente, do amplo período em que a sua pena fazia palpitante as classes imensamente desventuradas e inorganizadas do proletariado lisboense: e, ao impeto da sua palavra, que era escaldante e verdadeira, semanário humilde que atingiu e se mantém, há muitos anos já, nos cinqüenta mil exemplares,

um período áureo. Logo após os operários dos tabacos, seguiu-se o caixeiro, esmagado então por um horário desumano, afrontoso da dignidade em qualquer escala social ou cultural. E surgiu o Ateneu Comercial e, à sua volta, as academias «de instrução e recreio», cujo papel foi tão fundamental na vida corporativa portuguesa. Em todas elas, nesses recantos de sol e de luz, construídos laboriosamente em densos formigueiros humanos, por classes, bairros ou círculos civis, vibrava a voz de Angelina Vidal. Há vinte e sete anos que ela se foi e, todavia, o seu exemplo, sem precedente e sem descendente, ilumina o amplo quadro das dores, dos grandes sofrimentos havidos nessa meia metade de século.

Viuva de um oficial-médico da Armada, o doutor Luís Augusto Cappos Vidal, falecido no Camé, no inhóspito clima dessa insalubre colónia, em 1894, jamais lhe concederam a pensão a que tinha justíssimo, indiscutível direito. Assim procedeu a Monarquia, assim a República. O velho e novo regime, irmanados no ódio à mulher incorruptível, à federalista, à amiga de todos os humildes e desvalida instrutora de todas as ignorâncias, negaram-lhe o pão que os proletários, sem distinção orgânica ou sindical, unânimes, porfiados, lhe deram nas grandes crises de 1894 e 1901. No final, e quando evidente era que Angelina Vidal vivia os últimos dias da sua vida, nos primeiros meses de 1917, destródo o seu lar pela doença e pela crise económica, quando, nesse momento grave de incertezas, o Parlamento lia, aifim, conceder à mulher-sacerdotisa, à professora de muitos daqueles que se assentavam nos bancos das Cortes, pensão igual à concedida a Gomes Leal e a João Penha — a morte libertou-a da estafada missão de serem gratos.

Raúl Esteves dos Santos, o mais completo e eloquente dos seus biógrafos, confessa a sua impossibilidade de reconstituir uma lista, embora incompleta, dos variados, dispersos e naturalmente incompletos trabalhos. Angelina Vidal é um caso espantoso de poligrafia. Importa, pois, entranhar-se em inextricáveis



...ela vai escrever...

maciços arbóreos, para colher a sensação de andarmos numa floresta virgem, coalhada de silvestres aromas, penugentas flores e frutos. E, no entanto, a professora e escritora, cujos cantos, artigos, versos, alentaram uma variedade magnífica da nossa literatura, é bem uma jornalista proletária e uma divulgadora do ensino.

Ainda bem que o Município de Lisboa soube vincular o seu nome a uma artéria da capital. Na variedade infinita do seu talento, Angelina deixou à capital uma das mais curiosas obras de cultura ulissiponense publicadas: «Lisboa antiga e Lisboa moderna».

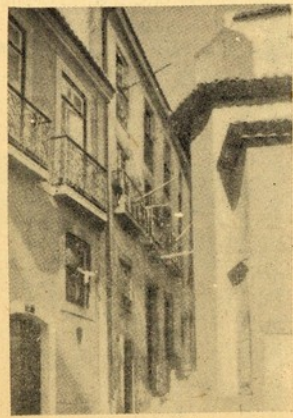
Em concursos internacionais, premiaram-lhe os poemas «A noite do Espírito» e «Icaros». Nos jornais, elevavam-se a dezenas os diários, semanários ou revistas a que prestou a sua colaboração ou direcção. Mas, sobre tudo isto, paira, sorridente, bondosa, enraizada na alma popular, que lhe sabe ser inalteravelmente grata, esta imagem de marfim, persuasiva, imaculada, avó de nós todos, guarda-avançada intrépida, incansável, guardando no brilho do seu talento a castidade das suas dores. Ela aqui está, e vai, uma vez reconstituída, pegar na pena, debruçar-se sobre a secretária, escrever...

CONSIGLIERI SÁ PEREIRA

A condição do manipulador dos tabacos até 1879

ALEM de todos os outros males que a afligiam e cuja recordação é inútil por odiosa e anacrónica, padecia a classe dos manipuladores de tabaco de uma instabilidade pavorosa. Costa Goodolfin, para definir a condição infernal humana desses infelizes, teve de recorrer a estas escaldantes palavras:

«...de todas, assim como a das minas, é a mais desgraçada. Os salários, pequeníssimos; a matéria com que trabalham, danifica-lhes horrosamente a saúde. Contemple-se a cara desses miseros, e ver-se-á a pálida sombra da morte debuxada nas suas faces».



...a casa do beco do Fróis, n.º 3, 1.ª, num recanto humilde de Lisboa velha...

Alguns pormenores: castigos corporais, má qualidade do rancho. As refeições, tomadas numa ponte-corredor de dez metros de comprimento por um de largo, sem bancos para colocarem a comida ou se sentarem. Por baixo dessa ponte, encontravam-se os depósitos onde se procedia à mistura do tabaco, andando sempre no ar nuvens de pó que, envolvendo-se na comida, lhes deteriorava a saúde.

Os homens eram apalados com os sapatos, o chapéu e o lenço na mão. Estavam, após um dia de febril actividade, horas inteiras sobre o lajeado. A visita às mulheres, a que só devia assistir a apaladeira, fazia-se, em algumas fábricas, na presença do director e outros homens, seus amigos. As fábricas, obedecendo a especulações, ora fechavam ora admitiam inúmeros operários, ora fechavam ou laboravam em enormes dificuldades, estabelecendo graves crises de trabalho.

— «Souberse eu escrever que não estava com demoras. Já há muito que tínhamos um jornal; o bem ou mal que se disser é a verdade; amanhã reúne a nossa Associação e hei-de propor que se publique um periódico que nos defenda a todos e mesmo aos nossos companheiros de outras classes».

De facto, no dia seguinte, Custódio Gomes propunha, na reunião da Associação Fraternal de Socorros Mútuos «A Voz do Operário», a fundação de um jornal que seria vendido ao público ao preço de dez réis. Para redactores foram nomeados Custódio Braz Pacheco, Júlio Maria

da Costa e José Bento de Oliveira.

No Beco do Fróis, ao antigo Largo do Menino de Deus, número três, primeiro andar, sede da que é hoje a Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário», ainda hoje as paredes podem gritar: hoje a Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário».

— «Trabalhadores que me escutais! Foi aqui neste obscuro recanto de Lisboa antiga, conhecido pela inexpressiva designação de Beco do Fróis, que teve o seu início um modesto jornal, que mais tarde, pela sua enorme tiragem, viria a tornar-se um dos mais poderosos órgãos da Imprensa».



Hoje, «A Voz do Operário» já tem amplas instalações — embora também não cheguem...

Xavier de Paiva, o «poeta dos cemitérios»

NÃO era um adventício nas letras Polcario Xavier de Paiva quando, pela primeira vez, numa noite de Abril de 1880, trepou ao Bêco do Fróis a levar à redacção do novo jornal do operariado, a esse semanário escrito, composto e vendido por operários dos tabacos nas ruas de Lisboa estepefacta, o seu artigo — o primeiro que oferecia a sua alma de poeta. Fora um dos fundadores da «Enciclopédia Republicana», colaborara no «Universo Ilustrado», e figurava como redactor principal do jornal «O Vulcano».

A sua amizade e relações literárias tinham estelões robustos, chamados Costa Goodolfin, Gomes Leal, Guedes de Oliveira, Angelina Vidal...

Algarvio de Santa Maria de Lagos, filho de um militar obscuro, crédulo e valente das campanhas da Liberdade, José António Xavier de Paiva, e de Maria do Sacramento Paiva, o poeta Xavier de Paiva morrera à volta dos 33 anos. Operário correio, construiu o seu eremitério de ilusões, fizera a sua cultura e manteve o seu carácter.

Federal — e republicano, consequentemente, como se usava dizer — era, de resto, como todos nessa época, de afirmações rectilíneas, insusceptíveis de tergiversar. Não nos compete aflorar, sequer, em torno da sua memória, os louros de um esboço biográfico. Ela, a biografia dessa vida curta e agitada, de há muito está feita e por quem de direito. Ali rebuscaremos a pálida memória desse génio e carácter.

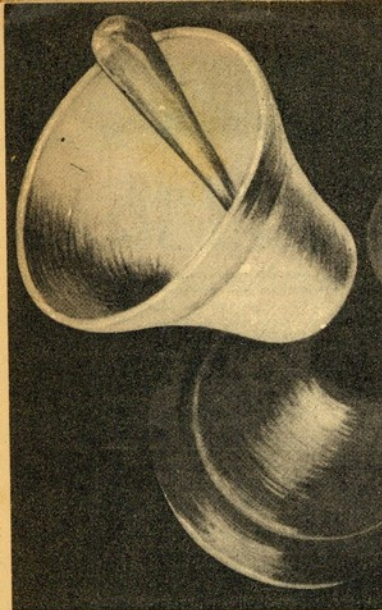
Reis Dámaso, em artigo dedicado à sua memória, escreve: «Nenhum poeta soube tão bem falar à classe operária a que é pertença. Conhecia e sabia perfeitamente quais as suas aspirações e os seus conhecimentos literários; e confessava ser ela, realmente, a menos instruída para a compreensão de uma certa ordem de trabalhos de propaganda. Para isso combatia denodadamente as instituições aduacas, sem ponto de vista filosófico, também sem ostentação erudita, e, quando muito, iluminava as suas concepções poéticas com uma página eloquente da História, escolhida de propósito para o efeito emocional».

Os seus discursos e composições literárias, aplaudidas com entusiasmo pelos trabalhadores a que se dedicavam, despertaram imensa simpatia àquela jovem pálida e triste. Morreu de miséria, alojado numa água-furtada de Alfama. Dessa época crepuscular, sentida, transpassada de dores e necessidades, é, entre outras, esta quadra que nos permitimos recortar:

«Como o eremita cristão, de faces amarelas,
Que só busca no azul a paz do coração,
Através da vidraça eu busco nas estrelas
Meus vagos ideais, a calma inspiração!»

A 11 de Janeiro de 1882, falecia na enfermaria de Santo Onofre o primeiro poeta proletário. Um ano decorrido, quinhentas pessoas saíam, em manifestação fúnebre, do Centro Republicano Democrata, na rua dos Mouros. Salientou-se o discurso de Gomes Leal. Em 1884, fundava-se o Centro Federal e Literário Xavier de Paiva, sob a presidência honoriária de Angelina Vidal e efectiva de Damásio da Graça. Funcionava no castiço bairro de São Vicente e inaugurava-se, oficialmente, em 1885. Anos passados, em 1892, o «Século» fez um apelo para a cedência de um lugar em jazigo que recolhesse os restos mortais do desventurado poeta do povo. Respondeu ao pedido do popular diário o conceituado republicano José Maria de Sousa. Em Maio daquele ano de 1892, fez-se a trasladação numa imponente romagem de saúde, constituída por seis a sete mil pessoas e, entre elas, algumas das personalidades mais em evidência na política republicana. Durante o longo trajecto, pois a trasladação fez-se do cemitério do Alto de São João para o dos Prazeres, vendeu-se profusamente o número único de um jornal intitulado «Xavier de Paiva».

Associado este nome à tradição da «Voz do Operário», desde o seu primeiro número, não podíamos deixar de o evocar ao lado de Angelina Vidal.



a PÁSCOA

A PROXIMA-SE

Seja prático comprando

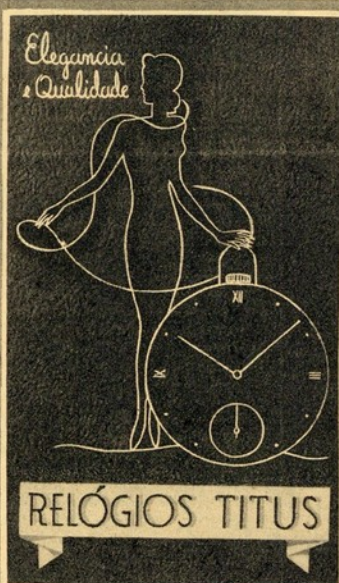
um

Brinde Util!

As joias inimitáveis



da OURIVESARIA-JOALHERIA
Barbosa Esteves & C.^a
293, Rua da Prata, 295



Vem aí a Páscoa...

...e todos nós temos pais, irmãos, espôsas ou noivas, amigos a quem oferecer as «amendoas» — uma palavra simbólica que hoje se traduz por um objecto de arte ou uma utilidade.

Simplesmente, nem todas as casas estarão em condições de pôr à disposição de cada um de nós, e dentro dos mais variados orçamentos, os presentes que as casas apontadas nesta página porão à nossa disposição, se as quisermos visitar. Aconselhamos-lhe, leitor, uma visita a qualquer dos estabelecimentos aqui indicados, porque eles constituem a melhor expressão de bom gosto do progressivo comércio da nossa capital. E porque a Páscoa realmente está perto e todos se precipitarão em breve no prazer das compras — é a si, em particular, que aconselhamos: não se demore...



AS JOIAS, OURO E PRATAS DA
OURIVESARIA DA GUIA
(CASA FUNDADA EM 1875)



SÃO
VALORES
QUE FICAM
PARA
TODA A
VIDA

Rua Martim Moniz, 2 a. 10 - Tel. 28336
(Junto à capela N.ª Senhora da Saúde)



FALA-SE ESTA SEMANA

Aquém e Além Mar

ANTÓNIO FERRO



Subiu a Secretário Nacional de Informação e Cultura Popular, o sr. António Ferro que, até há pouco, dirigiu o S. P. N., onde a sua acção tão notáveis linhas orientadoras definiu, para o bom nome do Governo que serve e do País que tanto lhe deve. Por esse motivo, António Ferro ascende de facto a um alto cargo que lhe pertenciam de direito e que ele vai, todos o sabem, colocar à altura da sua vasta obra já realizada.

DR. JOÃO DE BARROS



O Governo Brasileiro acaba de distinguir o ilustre escritor e nosso prezado amigo e colaborador, com a Grã-Cruz da Ordem do Cruzeiro do Sul, a mais alta homenagem oficial prestada no Brasil a estrangeiros e nacionais. O sr. Dr. João de Barros é o mais lido, mais constante — e, conquanto seja o primeiro — o mais jovem de quantos têm terçado palavras escritas ou verbais, pela amizade de portugueses e brasileiros. A homenagem é, portanto, das mais justas e com ela devem congratular-se todos os portugueses amigos do Brasil e, como nós, amigos de João de Barros.

JOSE OSÓRIO DE OLIVEIRA



O carinho de José Osório de Oliveira pelas coisas brasileiras levou-o a coligir este punhado de «Contos Brasileiros», para a Coleção Cruzeiro do Sul, prestando, assim, um alto serviço às letras da nossa terra e do Brasil. Não será — nem Osório de Oliveira pôde ou quis — tudo o que de bom existe neste vasto campo da literatura. Mas é, com certeza, do melhor e do mais representativo, não obstante o seleccionador dizer que não quis fazer uma antologia. De qualquer modo, a obra divulgadora de Osório de Oliveira, cujos objectivos são criteriosamente expostos em prefácio, merece aplausos.

JOÃO VERDADES



Este simpático camarada na Imprensa, decano de jornalistas, que se chama Tito Martins e usa o pseudónimo tão eloquente de João Verdades, escreveu e publicou mais um livro. O título — vamos lá — não será absolutamente eloquente: «Ab! Ab! Ab!». Mas as páginas falam-nos de tanta verdade eterna, de tanta crítica acertada, que bem se pode dizer: Tito Martins não é só João Verdades — é também João Bom Senso. Há no seu livro quadros vestidos pela nudez da vida moderna que a gente nova deve ler — e meditar, porque a voz da razão, expressa na linguagem viva e colorida do jornalista ilustre, tem, sem dúvida, um saboroso condimento

A PROPOSITO DE SCHOPENHAUER

HOUVE um tempo em que Schopenhauer foi uma espécie de coqueluche dos pessimistas e cínicos. Depois, foi crime falar de Schopenhauer. Os espíritos, as inteligências e os corpos passaram a fazer ginástica e toda a gente, dentro do seu mais belo e saudável optimismo, concluiu que Schopenhauer era uma espécie de micróbio inoportuno, qualquer coisa como um órgão doentio cujo melhor poiso deve ser o necrotério. Foi assim que se lhe fez autópsia. Dela me veio parar às mãos este fragmento de viscera, em que não deve ser perigoso já tocar, porque, morto o bicho, acaba a peçonha:

«O homem é um animal metafísico...»

A humanidade, com todos os seus erros e virtudes, poderia ainda caber neste pedaço de prosa, nesta frase em que o homem sinteticamente se coloca no plano excepcional da sua natureza. Mas a humanidade anda demasiado preocupada com os destinos da guerra, para que possa atender a especulações à volta do destino dos homens. Parecendo que ambas as faces do problema em si constituem uma só expressão do mesmo problema, a verdade é que não são solidários mas distintos.

E a razão principal dessa distinção deve ser a própria confusão produzida no espírito do homem, perante a série de interrogatórios que o mundo lhe oferece, nas suas inumeráveis expressões.

Assim, sabe-se porque há guerra, porque se pretende a paz, porque razão os homens são ambiciosos ou negligentes, porque ficam ou porque batem em retirada perante as realidades desoladoras a que a sua acção os conduz.

Mas o homem confunde-se mais se se pergunta porque existe, porque existe o mundo, porque existe alguma força superior à sua vontade que o faz nascer, viver e morrer, dentro de um princípio geral de organização de matéria de que ele, por mais que tente, não dá cabal definição explicativa.

Sem dúvida, perante os comunicados, notícias e contra-notícias da guerra, o homem confunde-se em congeniações dispareas. Mas, talvez porque é assim mesmo, nunca lhe sobrou tempo para sentir todo o alto poder da sua função humana, toda a dignidade da sua espécie, toda a grandiosa missão de que vem investido ao ser lançado ao mundo, por uma força que não é a sua. Criou-se, é certo, um código moral que já não se usa. Em milhares de milhares de anos, alguma coisa venceu no caminho pedregoso do seu destino. Mas, que é isso, senhores, que pouco vale perante a distância e o tempo, se olharmos para trás e repararmos na caminhada dos homens, desde que a palavra escrita o fixou como elemento intrínseco da natureza.

O seu progresso, a evolução dos seus costumes, das suas leis, dos seus princípios morais tem sido tão lenta, tão comensal, em relação ao que do homem se conhece — que bem poderemos colocar o homem século XX no ano de 2.000 antes de Cristo!...

Se o homem pensasse menos na guerra e se preocupasse algo com a sua vida espiritual, o mundo seria talvez melhor e o seu progresso humano ficaria a perder de vista do progresso material que nos rodeia. Mas ninguém sabe ainda porque existe, porque vive ou porque morre — mesmo aqueles que procuram a explicação da génese no divino se confundem — de modo que o homem ainda julga que vem à terra para ganhar uns patacos, comprar a leira da terra e mandar fazer o jazigo...

Schopenhauer já se não usa, desceu à sombra de onde veio com todas as angústias que o fizeram passar e sofrer perante a desorganização moral do mundo e a organização material do universo. O animal metafísico que ele foi, como poucos, afundou-se no nada para nos legar interrogações de manifesto desconcerto...

MANUELA DE AZEVEDO

Três artistas na S. N. B. A.

Gabriel Constant, Albino Armando e Bonifácio Lozano expuseram na Sociedade Nacional de Belas Artes os seus quadros de óleo, aguarela, desenho e água-forte. São três artistas de temperamento diferente e de igual mérito, na procura dos motivos de ar livre — principalmente — e na honestidade com que pintam. O público e a crítica distinguiram-nos — e bem merecem a distinção os três artistas ilustres. Nos seus quadros, a natureza morta como o retrato, a paisagem — o mar como os recantos bucólicos da terra — desvendam-se no mesmo recato perante os nossos olhos, dentro das linhas da verdade e do classicismo eternos.



Uma história da Carochinha ...contada ao contrário!

NO penúltimo número desta revista, deparámos com uma crónica... desportiva, da autoria de um jornalista que não conhecemos pessoalmente, mas cujo nome admiramos.

O título despertou-nos a atenção, não propriamente pelas reticências, mas porque nos fez pressupor ir encontrar matéria de finalidade construtiva, tanto mais de apreciar, uma vez que era exposta por nome alheio às coisas desportivas, portanto, contributo valioso de um estranho, que agora vinha sentenciar favoravelmente.

Afinal, enganamo-nos, infelizmente. O articulista declara que viu um ou dois jogos de futebol e que um espectáculo desportivo o deixa mais ou menos indiferente. Está no seu pleníssimo direito. Gostos não se discutem e muito menos se impõem. O que nos contristou, foi a afirmação de que o desporto é uma exploração de ingenuidades e apuro mais ou menos uma história da Carochinha. Ora não é bem assim.

O desporto é uma necessidade, cujos alicerces principiam na ginástica, na cultura física. É um complemento desta. Um indivíduo pode ser de natureza forte, bem constituído. Pode praticar desporto, disfrutando de vantagens físicas, quando em competição. Mas o facto, só por si, não o imuniza de um precalço, se abdicar de uma preparação adequada à modalidade que pratica. O Hércules cairá mais depressa, se pensar que é Hércules e que todos os esforços, por mais violentos, estão ao seu alcance. Há exemplos. Um óleto: Num clube, havia um moçoito, de aparência férrea. Nadava, remava, fazia atletismo, era enfim um eclético. Os mais ponderados, recomendavam-lhe que moderasse os seus entusiasmos, e durante uma temporada fizesse somente ginástica. Sorriu e não acreditou. Os seus músculos eram fortes, a caixa de ar ampla e a ginástica, nada mais poderia beneficiar o seu arcaico, dizia ele. E continuou. Um dia, porém, aconteceu um acidente, não de natureza física, e mais outra. Abandonou então todo o desporto. Do aspecto hercúleo nada restava. Salvou-se após aturados tratamentos. Isolando-se no ar serrano. E tempo de dizer que não tinha noitadas, comia bons bifes com batatas, e quanto a banhos, tomava os correspondentes aos exercícios que fazia...

Há também a inverso. Um indivíduo de natureza fraca, pode transformar-se por completo. Se, desde pequeno, os pais proporcionarem aos filhos a educação física conveniente, não só os tornam capazes para o exame médico — como hoje há se está fazendo nos clubes da escolaridade — aqueles que forem débeis, serão sem dúvida no futuro, úteis à sociedade e a si mesmos. Uma vez preparado o organismo, desenvolvidos e enrijados pela acção da ginástica todos os órgãos, pode depois praticar-se desporto, não esquecendo todavia, que o seu desoamento é sempre benéfico. Crianças raquíticas, enfraquecidas, têm sido mais tarde excelentes atletas: não falo em campees, porque isso é questão de somenos. Podiamos também citar exemplos, que os há a esmo.

Ramalho nunca tocou a bola nem o muro. Pois não. Mas naquele tempo, em que o desporto quasi não existia, Ramalho pugnavia pela necessidade de cultura física, com a veemência que todos conhecemos. Ele pontificava-a sendo uma fíera atléctica. Reconhecia-lhe, entre outros, os benefícios. Há até que reconhece-lo como um dos bons pioneiros, daquilo que em 1944 muita gente telma em não querer acreditar...

O autor da crónica parece confundir exercício físico puro com desporto de competição. A diferença é profunda. Aquêle pode e deve ser sacerdote de todos. Este é de uma consequência daquêle. Em todos os países civilizados, o Estado patrocina moral e materialmente a educação física. Considera-a justamente uma força nacional, uma vida sempre a renovar-se em bases sólidas. Em Portugal, a educação física e os desportos, também já estão regulamentados. Obedecem hoje a preceitos severíssimos de orientação pedagógica. Os campeonatos desportivos já desamoram há muito. Houve-os, é certo. Mas ninguém os verá mais, porque a tal se onorá a referida orientação pedagógica.

O desporto serve a todas as sociedades. Pensar que é privilégio de uma, é erro. Quem nasceu em berço de ouro, terá mais possibilidades, sob todos os aspectos. Tomará banho todos os dias, lavará os dentes após todas as refeições (e daí, talvez não lave...) e não deixará crescer as unhas. Fará a barba de manhã e dará o banho massagen à noite, antes de um espectáculo de gala, ou de uma recepção mundana. Será cortês, porque teve bons preceptores. Mas às vezes, também o não é, por temperamento... São portanto os únicos mortais, com direito a fazerem desporto? Por Deus, não se leve tão longe a desportofobia...

Então os outros, os que nasceram desprovidos de privilégios materiais também não têm direito à vida?

Nós vemos o problema precisamente ao contrário, pela experiência que temos dele.

Rabazes ou homens, sem cultura, sem noções higiénicas, que mal se lavariam, que desconheciam o que era uma escóva de dentes, que fariam a barba duas vezes por semana e levavam vida desregrada, têm encontrado no desporto, para onde foram de motu-próprio, ou arrastados, uma autêntica terra de Promissão, que os tem transformado radicalmente. Reducam-se, cultivam-se, abrem o pensamento a outros horizontes. São outros os homens, a obra e o pensamento, da tal história da Carochinha... Não terá ele, pois, uma alta função social?...

Quanto às «Sociedades bem ou mal comidas», temos conversado. É uma questão de ordem puramente económico-social, com a qual o desporto nada tem que ver. A origem do vírus, sabemos-lo todos, está noutra campo!

O desporto é uma escola de civilidade, de higiene e de cultura física, ainda que muito pese à sua incredulidade e desolador negativismo...

DOMINGOS LANÇA MOREIRA

A margem de um jogo que decidiu um título...

O último Benfica-Sporting reduziu num autêntico delírio entre o público. Uma vez mais ficou provado o prestígio do futebol, que é como quem diz, do desporto. Para ver o jogo, veio gente da província, arriscando-se a não conseguir bilhete, pelos motivos noutro lugar desta página, expostos.

Uma força poderosa, o desporto, que esmagava as infantilmente incrédulos!...

* * *

Venderam-se 27.000 pebes. Na bancada dos sócios do Sporting, lugares houve que foram vendidos por bom preço! Uma senha de camarote foi adquirida por 500800! Mas nada se compara a esta tresloucada oferta, de um entusiasta que não queria perder o espectáculo: mil escudos

por uma bancada! Mais tresloucada não parece ainda a resposta, do possuidor, que permitia a entrada: — «Vendo, se me der o dóbro!...».

A sloucuras, a fúria, não chegou, porém, a tal!...

* * *

A receita bruta do sensacional encontro cifrou-se em 192 contos. Confirma-se que se bateram todos os anteriores máximos, entre grupos nacionais. As apostas atingiram a linda verba de 250 contos, numa percentagem de vaticínios sensivelmente igual, para cada um dos contendores.

* * *

Que pensamento de tudo isto, os que desdenham da popularidade de um desporto, como o futebol? Não pensam nada, coitados...



QUE SERÁ A CAMPANHA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, segundo o cap. Celestino Marques Pereira

PRINCÍPIA depois de amanhã a Campanha Nacional de Educação Física, promovida pela respectiva Direcção dos Serviços da Mocidade Portuguesa. Todavia, pode dizer-se que a campanha já começou há quinze dias, com a larga propaganda que a Imprensa e a Rádio têm feito, da oportuníssima iniciativa da Mocidade Portuguesa.

Hoje, vem pronunciar-se o capitão Celestino Marques Pereira, director dos Serviços de Educação Física da M. P.

O capitão Marques Pereira é um nome consolidado no meio ginástico português. Tivemos o prazer e a honra de lhe obter a primeira entrevista, revelando-o ao nosso público, quando da sua chegada dos países nórdicos, onde, como bolsêiro do Estado, conquistou os mais altos postos, entre dezenas de competidores de todos os pontos do globo.

Rapidamente o cap. Marques Pereira se impôs, em Lisboa. Os esquemas que apresentou agitaram o meio e suscitaram grandes controvérsias. As classes que foi mostrando ao público confirmaram a sua indiscutível e valiosa bagagem.

O Lisboa Ginásio, a Escola do Exército, o Ginásio Clube Português, e diversos colégios, utilizaram os seus serviços. A M. P. nomeou-o director do departamento da Educação Física e nesse lugar, o cap. Marques Pereira teve ensaio para manifestar o seu espírito empreendedor, dinâmico, de realizações positivas, também com notável projecção na Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho.

É, enfim, um trabalhador incansável da ginástica, sendo de inteira justiça classificar-se a sua obra, com pouco mais de oito anos, de consistentemente construtiva.

Foi com visível satisfação que o cap. Marques Pereira pôde falar da campanha da ginástica.

«O grande interesse que a toda a Imprensa, de um modo geral, tem merecido o esclarecimento do problema da educação física da juventude e o real apoio que ela tem dado à Campanha Nacional que neste campo a M. P. val empreendeu é dos melhores sintomas da importância que esta faceta educacional da juventude se reveste, e, ainda, dos múltiplos aspectos em que a mesma se apresenta.

«A entrevista que o Comissário Nacional da M. P. concedeu à «Vida Mundial Ilustrada», na penúltima semana, deu ensejo a que se levasse ao conhecimento do público — desse público que nos países civilizados constitui, pela sua opinião consciente, factor imprescindível na resolução dos grandes problemas nacionais, porque ela não pode ser desconhecida ou desatendida, num futuro mais ou menos breve — o panorama actual da questão, isto é, o estado do problema da educação física da juventude, tanto no campo doutrinário, como ainda nos resultados práticos já obtidos e nas deficiências existentes.

Apraz-me salientar, desde já, o interesse especial que a questão mereceu à «Vida Mundial Ilustrada». Deste edifício magnífico que a M. P. quer pôr de pé, a bem do revigoramento físico nacional, vistos os alicerces da obra e a grandiosidade arquitectural do conjunto, se deseja já agora apreciar a divisão interna do edifício e julgar-se nesse trabalho se compreendeu o pensamento do conjunto.

— ? —

— A M. P. quer que a realidade prática da sua acção no campo da educação física seja de molde a

que os meios de que ela se serve, preencham por completo os fins educativos e nacionais, que a lei por um lado, a moderna orientação pedagógica do ensino e mesmo o elementar bom-senso, por outro, lhe apontam.

Uma pausa. O cap. Marques Pereira pensa um pouco e continua desfiando o seu raciocínio:

— Como toda a acção na M. P. é precedida de estudo profundo e total, não nos é difícil concretizar, senão todas as exigências que semelhante acção requiere, pelo menos as principais. Bem sabemos que um problema de formação como este, não pode ter, a exemplo dos problemas matemáticos, uma pronta solução; antes ela nos virá gradualmente, como fruto das sementes que ora lançamos à terra, mas essas exigências, as de importância vital ao menos, têm de ser apontadas, relembradas todos os dias, esclarecidas a todo o país — e, particularmente, aos que conhecem colaborar na formação da juventude e mais do que nós, são os seus primeiros obreiros: pais e mestres, família e escola, — até que sejam satisfeitas.

— Quere enumerá-las?

— Pois evidentemente. Se tal não fizesse, ficaria incompleto o meu pensamento.

E como remate de uma tese brilhante, o cap. Marques Pereira, resume assim as suas conclusões:

— Perfeito equilíbrio das facetas intelectual, moral e cívica da juventude, de acordo com o conceito integral que delas se tem e o velho aforismo: «corpus validum sub animo forti».

Unidade doutrinária, metodológica e técnica do ensino da educação física.

Justo aproveitamento dos seus meios diferenciados: ginástica, jogos e desportos, de acordo com as características psico-somáticas dos alunos e as características científicas, do próprio movimento a realizar;

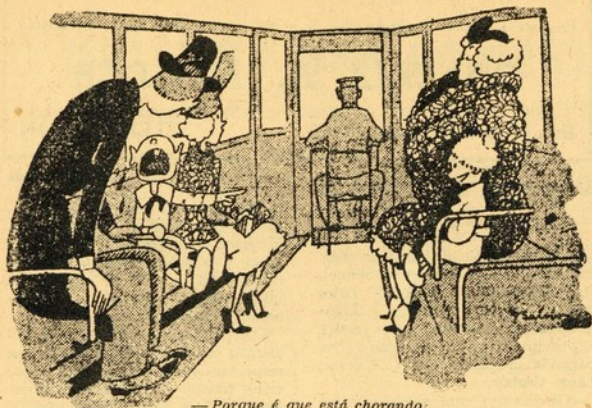
Reorganização do ensino, do modo a que com eficiência e carácter obrigatório, se preocupam as práticas de educação física, tanto do grau primário, secundário e técnico, como no grau superior do ensino, que em pé de igualdade com as disciplinas escolares, deverá ser elemento de classificação;

Estudo das instalações e material didáctico, criando-se onde não existam, por indispensáveis, e fazendo desaparecer os entranves que, hoje em dia, por vezes se verificam na utilização racional das instalações existentes. Porque é inconcebível e é bom que publicamente se saiba, que causas várias, como o desinteresse de alguns, uma mentalidade avessa a qualquer actividade física da juventude, por parte de outros, ocasionem que alguns dos poucos campos, ginásios ou piscinas existentes, não tenham o rendimento que seria de esperar;

Estudo da situação do professor de educação física, ao qual se devem exigir todas as habilitações que o ensino requiere, mas a quem não pode ser mantida a situação desprestigiosa duma categoria inferior à dos restantes professores.

Estávamos satisfeitos. Mas o cap. Marques Pereira, já na despedida, tem um desabafo, que pode ficar como uma profecia:

— Acredite: a Campanha Nacional de Educação Física, que ocupará os meses de Abril e Maio, será um êxito, que sobrelevará muitos acontecimentos notáveis, tem tão agitado a Nação».



— Porque é que está chorando.
— Ora, porque aquele menino tem uma mamã maior do que a minha.

(Il. Guerin Meschino)

CÚMULO . . .

Três perguntas de algibeira



— Calculem... Desta vez subi tão alto na estratosfera que trouxe esta auréola para que todos me acreditem.
(Settebello, Roma)

Pergunta — Qual é o cúmulo da paciência?

Resposta — Esperar que um mudo dê os bons dias.

* * *

Pergunta — Qual é a semelhança entre um eléctrico e um emprego público?

Resposta — É que os melhores lugares estão sempre ocupados.

* * *

Pergunta — Que diferença existe entre um homem e um burro?

Resposta — O homem pode ser «burro»... mas o burro não pode ser homem...

DESCONSOLAÇÃO



— Aquêlo que está chorando foi que comeu a tua perna?
— Não. Ele chora, decerto, por ter chegado tarde.

PONTOS DE VISTA . . .



— Eu sei, maridinho, eu sei... Mas não acha que este presente é um «pouco» íntimo para dar a uma secretária?...

Graças históricas

Molière e os médicos...

Molière não simpatizava com a classe médica e não perdia ocasião alguma para a ridicularizar. Assim, quando adoeceu gravemente e soube que tinham chamado um médico, de propósito, para o examinar, êle sentenciou, com decisão:

— Digam ao doutor que não posso receber ninguém. Estou doente...

Das duas, uma!

Polidoro Mauvant fôra um grande actor francês que sempre ambicionou a Legião de Honra. Contudo, esta não mais lhe era oferecida.

Então, uma vez, já desesperado, Maubant exclamou:

— Não me querem dar a Cruz de Honra? Pois bem, recuso-a!

A alma de Mazarino

Quando o Cardial Mazarino morreu e vieram dar a notícia ao rei, disseram-lhe:

— Sire, o Cardial Mazarino entregou a alma a Deus.

Irónico e mordaz, o rei comentou, como resposta:

— E possível... Mas aposto como Deus não a aceitou!

Oportunidade . . .

Jules Renard perguntou a uma senhora que acabara de tocar piano longamente:

— Gosta de música, minha senhora?

FÁBULAS DO NOSSO TEMPO

Novas histórias do Chico Bom

IGNORAMOS se sabem que o «Chico Bom» esteve empregado, durante algum tempo. É certo, êle não podia passar a vida na cadeia — o seu maior vício.

Assim, no interregno duma das suas férias habituais, êle empregou-se na loja do tio Vicêncio, ali, no Alto do Pina, uma loja que vende tudo e mais alguma coisa...

Pois é precisamente dessa fase da vida do nosso já conhecido «Chico Bom», que vamos contar mais alguns episódios, de curioso sabor humorístico.

Logo num dos primeiros dias de emprêgo, aconteceu que surgiu na loja uma velhota, muito velhota, que se dirigiu ao novo empregado:

— Senhor, os meus cabelos, estão a cair afluivamente... Pode arranjar-me alguma coisa para os conservar?

E sem hesitação alguma, «Chico Bom» respondeu:

— Guarde-os nesta caixa... Não os perderá!

Escusado será dizer que a senhora velhota, muito velhota, não mais voltou à loja do tio Vicêncio...

Uma vez, o patrão resolveu repreender o «Chico Bom» pela sua falta de atenção. E disse-lhe num ar de «meter medo»:

— Fique sabendo que aqui eu não admito nunca que os meus empregados assobiem enquanto trabalham.

Contudo, «Chico Bom» não teve medo das palavras do patrão.

Limitou-se a encolher os ombros e a dizer muito simplesmente:

— Mas eu não estou a trabalhar, patrão... Estou só a assobiar!

Mas a melhor do «Chico Bom», nesse tempo foi a seguinte:

O patrão uma vez deu uma pequena festa em sua casa e o «Chico Bom» ficou ao balcão para atender os clientes. Quando a festa chegou ao fim e se fizeram as contas, o patrão perguntou:

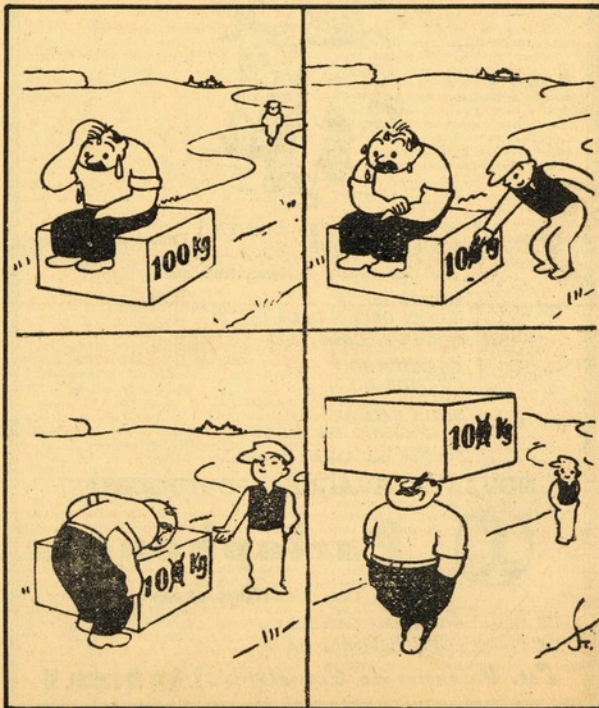
— Então vendeste muito?

O «Chico Bom» respondeu, a sorrir:

— Olá se vendi... Vendi tudo que estava na sala aqui ao lado...

O patrão teve uma síncope e ia morrendo. Na casa ao lado... era o vestiário, onde os convidados para a festa tinham deixado as suas coisas...

HISTORIETA MUDA



AQUI JAZEM
TODOS OS DENTES

que não tem sido lavados
com

PASTA MEDICINAL Couto

PASTAS
Há muitas
MEDICINAIS
capazes de
destruírem os
microbios da
boca, e há uma
EVITA
asomatites
mercuriais
ou bismuticas

TRATA
as gengivas dos
cariocas

Couto, Lda - Porto
L. 5 DORRIGOS - 106

PASTA MEDICINAL COUTO

Tubo 10\$50
Duplo 16\$00

PASTA COUTO VULGAR

Tubo 4\$00
Duplo 7\$00

Limpa os dentes e perfuma a boca

Uma redoma, contra as nódoas?



Como isso não é possível, res-
ta-nos o excelente

CASULO Limpa-Fatos

Este célebre produto, com-
posto milagroso de 8 substâncias
químicas inofensivas, suprime
por completo LUSTRO, NÓDOAS,
MAU CHEIRO e TORNA OS
FATOS COMO NOVOS e MAIS
DURÁVEIS.

Em todas as drogarias

Revenda:

**SCHROETER
& ALMEIDA**
R. da Madalena, 128, 2.
LISBOA



JÁ VISITOU A **EXPOSIÇÃO DA PRIMAVERA DA GALERIA A. MOLDER?**
Pregunte a opinião a alguém que já a viu e certamente depois a visitará!

GALERIA A. MOLDER

Rua 1.º de Dezembro, 101-3.º TELEFONE 2 1514

O drama na Hungria

(Continuação da pág. 9.)

Szasz; Comércio e Comunicações:
Finanças: Lajos Rementyi Schnel-
ler; Produção Industrial: Lajos
Antal Kunder; Agricultura e Abas-
tecimentos: Bela Yurczek; Justiça
e, provisoriamente, Educação e Pro-
paganda: Stephen Antal; e Guerra:
Lajos Czstay.

«Os dois governos aliados concor-
dam em que as medidas tomadas
contribuirão, de acordo com a tra-
dicional amizade e camaradagem
de armas dos povos húngaro e ale-
mão, para mobilizar todos os recur-
sos da Hungria para a vitória final
da causa comum».

Szotzjay, que conta actualmente
60 anos, é considerado um dos
maiores simpatizantes extremistas
pró-nazis. Desde 1935 que desem-
penhava as funções de ministro em
Berlín. Pertenceu durante muitos
anos ao Estado-Maior General e foi

adido militar em Berlim desde
1925-1933.

Mais tarde, a emissora de Buda-
peste, agora sob o controle nazi,
informou que o novo primeiro mi-
nistro e o governo tinham sido re-
cebidos no dia 22, às 5 horas da
tarde, pelo almirante, a quem tin-
ham prestado juramento.

O Dr. Schmidt, porta-voz do Mi-
nistério dos Estrangeiros alemão, ao
comentar a invasão, admitiu que
tinha havido a necessidade de re-
forçar o mais possível as defesas do
sudeste da Europa «contra as aspi-
rações soviéticas».

Porém, outra mensagem afirmava
sinceramente: «Há muito que se
sabia e notava em Berlim que cer-
tos círculos políticos húngaros esta-
vam inclinados a abandonar o com-
bóio... E também não é segredo
para ninguém que, devido a certas
questões políticas, aumentara recen-
tamente a tensão e o desacordo
entre alemães e húngaros».

JOSÉ CORREIA RIBEIRO

TELEF. - 2 C244
TELEG. - PAPELCAJ

Papelaria
Carlos
de Carlos Ferreira, 1.ª

SECCOES DE
VALORES/VELADO/
E TABACARIA

ESPECIALIDADE
EM LIVROS PARA
ESCRITURACAO
COMERCIAL

RUA DO OURO, 94
LISBOA

GRANDE NOBRIUM
DE ARQUIVOS PARA
DESENHO
E ESCRITURARIO

**CHAPELARIA E
CAMISARIA**

THETIS

O CHAPÉU
INCONFUNDIVEL

R. da Palma, 165-A - LISBOA

Peça lâmpadas

PHILIPS

A LÂMPADA ECONOMICA
E DURADOIRA

NOVIDADE

URCAPIL LOÇÃO PARA O CABELO A
BASE DE SUCO DE URTIGAS!

DESTROÍ A CASPA! PARA A QUEDA DO CABELO! FAVORECE O
CRESCIMENTO. ATRAZ A APARECIMENTO DOS CABELOS BRANCOS

Pedidos a **Paolo Cocco** RUA ANDRADE 4 r/c

4 novos discos portugueses
em pleno êxito

DP 20 — { **MELA VOLTA PRA DIREITA**
VIRA MALMEQUER } Danças populares
pela Orq. Popular Casanova (com canto)

DP 21 — { **MUDOU-SE**
COISAS DELE E DELA } Fados
por Maria do Carmo Tôres

DP 22 — { **CORRIDINHO I**
CORRIDINHO II }

DP 23 — { **ANDA BALHAR**
CORRIDINHO DE LAGOS }
Acordéon por António Mestre

NOVAS GRAVAÇÕES PORTUGUESAS

Parlophone

A MARCA DOS 2 ÚLTIMOS EXITOS

DP 18 — A COSTA DO CASTELO
DP 19 — A COSTUREIRINHA DA SE

Est. Valentim de Carvalho — R. Nova do Almada, 97

HELIGOLAND

A MALTA DO MAR DO NORTE

Vai ser evacuada pela população civil tal como em 1914

A Alemanha presta-se precipitadamente para se defender da provável invasão das tropas aliadas. Ao longo de todas as fronteiras marítimas continentais fazem-se preparativos tendentes a repelir os milhões de homens que numa avalanche de ferro e de fogo vão cair certamente sobre a chamada fortaleza europeia. Para reforçar esta, o marechal Rommel, tão conhecido pela sua acção na campanha de África, determinou que a ilha de Heligoland, no mar do Norte, fosse evacuada pela população civil, tal qual como se fez na passada Grande Guerra, a fim dela poder ser utilizada totalmente como baluarte de defesa da Alemanha do Norte.

A ilha de Heligoland, que o mar lentamente vai destruindo, foi uma antiga possessão dos senhores do mar, os vikings, e em 1714 foi sitiada e conquistada pelos dinamarqueses. Em 1807, após a batalha de Copenhague, os ingleses apossaram-se dela com o fim de dominarem as embocaduras dos dois grandes rios germânicos: o Elba e o Weser. O tratado de Kiel de 1814 confirmou-lhe a posse da pequenina ilha, da qual se desfilzaram em 1890, cedendo-a à Alemanha em troca da possessão de Zanzibar, em África. Logo que se viu na posse da ilha—posse tão ambicionada— a Alemanha tratou de a fortificar construindo quartéis, palácios e hospitais subterrâneos e transformando-a num terrível bastião do mar do Norte.

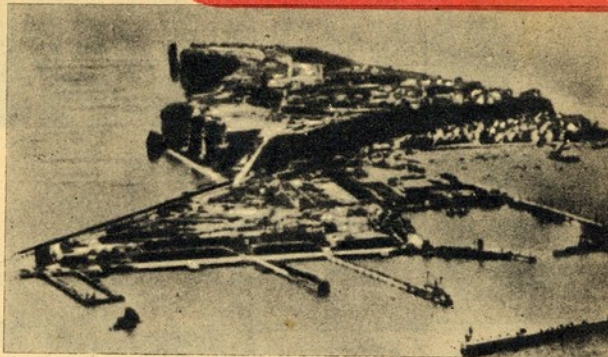
A ILHA TRICOLOR, TERRA SAGRADA DOS GERMANOS

Heligoland vista do largo apresenta-se com três cores: o branco das dunas, o vermelho das rochas e o verde dos prados, na parte mais alta. A ilha tem apenas 1.700 metros de comprimento por 600 de largura e um perímetro de quatro quilómetros. Pouco mais de uma hora se levaria a fazer o seu circuito a pé.

O número dos seus habitantes é pequeno: 2.800 a lotação de dois paquetes. Descendem todos de antigas famílias frisias que se estabeleceram na ilha há muitos séculos e que gostam de contar a história da sua pequenina terra insular. As Eddas, poema nórdico, já menciona a ilha com o nome de Helig-Lunn, que quer dizer Terra Sagrada, na qual se erguia o trono de um dos supremos Anses, Baldur, o deus da luz, o juízo divino dos povos germânicos. O tempo destruiu todos os vestígios, entre eles as colunas de prata do Templo Sagrado. Dois mil anos mais tarde, quando a ilha, depois de padecer os mais diversos destinos, foi parar às mãos dos alemães, estes, como já dissemos, transformaram-na numa fortaleza marítima inexpugnável e base marítima de primeira ordem, vanguarda de defesa da Alemanha.

FOI NA ILHA DE HELIGOLAND QUE UM POETA COMPOZ O HINO NACIONAL ALEMÃO

A população de Heligoland, que sob o domínio inglês tricolor, elevou-se de 600 a 1.600 almas, conserva os seus costumes patriarcal e o seu dialecto germano-escandinavo. Os seus hábitos são tão pacíficos que nunca ali—antes do regime nazista—se tinha efectuado uma prisão. Na época do domínio britânico o código do minúsculo país continha apenas catorze artigos, os suficientes para que houvesse paz, felicidade e trabalho. As despesas de cada ano eram fixadas por uma assembleia, na qual tinha o direito de falar todo o proprietário. O governador inglês era auxiliado por uma espécie de conselho executivo. A população vive exclusivamente da pesca, da navegação e da pilotagem. A agricultura é muito pobre, produzindo-se apenas cevada e aveia. Na cidade alta, entre casinhas de telhados vermelhos e azuis, vêem-se tam-



bém castanheiros, amoreiras e até figueiras atarracadinhas como aquelas que vegetam no extremo Barlavento do Algarve. No Prado, coberto de relva, eleva-se a torre do farol, traçada de branco e vermelho, a 82 metros de altura. Junto deste farol fica a conhecida estação para o estudo do vôo das aves migradoras que fazem sempre escala na ilha. Ainda não há muito tempo, quando o espaço o permitia, era vulgar ver nos nossos jornais notícias de aves que tinham sido abatidas e que eram portadoras de anilhas da estação de Heligoland.

Foi nesta ilha que Hofmann von Fallersleben escreveu, em 1841, o hino nacional alemão «Deutschland über alles». A estatura do poeta lá está em face ao mar.

APÓS A GRANDE GUERRA TODAS AS FORTIFICAÇÕES FORAM DESTRUÍDAS

Durante o famoso bloqueio continental, na época napoleónica, a ilha de Heligoland serviu de depósito de géneros que entravam de contrabando no norte da Alemanha.

Dá-se um caso curioso: o café, as bebidas alcoólicas e os tabacos eram mais baratos na pequenina ilha do que em qualquer outro ponto da Europa. Os seus visitantes, que eram muitos na época estival, ficavam impressionados com o facto, que aliás

tinha uma explicação comensal — Heligoland era pórtico franco.

Em 1914, logo que rebentou a guerra, o governo alemão mandou evacuar a ilha, tal como Rommel agora quer fazer, e transformou-a numa poderosa base naval e de submarinos.

Em 28 de Agosto daquele ano travou-se nas suas águas uma grande batalha naval. Já anteriormente, em Maio de 1894, ali se travara outro combate naval entre as esquadras dinamarquesa e austríaca, saindo esta última vitoriosa.

A guerra passada poucos danos causara na pequenina ilha, e em 1918 os seus habitantes regressaram aos seus lares.

O tratado de Versalhes exigiu da Alemanha a destruição de todas as fortificações e o restabelecimento do pórtico franco. Sob as vistas de oficiais britânicos, foram demolidos os túneis, os postos de metralhadoras e os fortes, assim como as instalações portuárias que pudessem ser utilizadas para fins guerreiros.

Ao cabo de três anos tudo tinha sido arrasado. Mas Hitler, ao denunciar o tratado de Versalhes, ordenou que a pequenina ilha voltasse a ser fortificada, o que se fez, estabelecendo-se nela uma poderosa base de submarinos. Como base aérea a sua eficiência, atendendo à sua pequena extensão, é relativamente precária;

(Continua na página 78)

OS CIGANOS ÊSSES ADIVINHOS QUE LÊEM NA PALMA DA MÃO O FUTURO DAS PESSOAS...



CABELOS e olhos negros, ou bem carregados, rosto castanho escuro, estatura média, rouparias estranhas, sons roucos de um dialecto áspero, expansões violentas de cólera, tudo isso caracteriza uma espécie de raça, que nunca teve conhecimentos de leis, e que, no passado, se chamou «atziganas». Entre si chamam-se «romas» (plural de «rom»), que significa «homens». Os ciganos negros têm o nome de «Kolas».

Vários escritores bizantinos julgaram poder identificar os «romas» com tribus que habitavam na Cilícia, em 835, de onde teriam emigrado, a seguir, para o Egipto, entre os séculos X e XIV espalhando-se, depois, pela África setentrional e pela Espanha.

Antigamente, os ciganos chamavam-se «atziganos», derivação de um vocábulo seu, «athinganos», que significa «não me toque». Por esta divisa orgulhosa, consideram-se descendentes de uma selta que se con-

sagrava à devoção e à penitência na Ásia Menor, e que fugia à convivência com os homens impuros. De resto, a sua linguagem, que parece derivada da antiga língua dos Brámanes, muito os aproxima dos indoeuropeus. A semelhança entre o seu idioma e o falado pelos hindus de Barigur e Correuas é tão apreciável que fundamenta a hipótese de eles procederem da Índia setentrional.

A vinda deste povo para a Europa teria sido forçada pelas crueldades praticadas contra os povos hindus por ocasião da conquista das Índias no século XV por Timour e Lenk, mais conhecido por Tamerlão, o grande conquistador oriental.

A presença destes povos no continente foi assinalada a primeira vez no século XV, mas existem documentos que provam a sua presença em datas anteriores como, por exemplo, a doação do convento de Tismania, na Eslovénia, em 1387, por Mircea, o Grande, a quarenta famílias de ciganos. Em 1427 apareceram em Itália percorrendo a península, chegando até Roma, onde o local do seu acampamento preferido ainda hoje se chama «Praça dos Ciganos».

Especialmente a seguir pela Europa inteira. De princípio tiveram grandes auxílios da parte dos povos que os hospedavam, pois passavam por pobres peregrinos egípcios, e assim recebiam ricos presentes sob a promessa de quando voltassem a Jerusalém, em 387, por Mircea, o Grande. Os ingleses, considerando-os originários do Egipto, denominaram-nos «gyptises», e os espanhóis, pelas mesmas razões, «gitanos».

Nos fins do século XV chegaram a alcançar protecção papal, e então foram os primeiros a serem chamados, envergando trajes de peregrinos, chegavam às portas das cidades chefiados por um «duque» e por um «conde» vestidos de roupas e mantos com desenhos de relevo, de ouro e

prata, e montando corséis fogosos. O chefe mostrava uma licença do Papa autorizando-o a receber de cada paróquia, ou bispado, a importância de dez libras «para o Serviço de Nosso Senhor»...

Naquela época, como ainda hoje, os ciganos eram adivinhos e liam na palma das mãos o futuro das pessoas, fabricavam pós e remédios para todas as espécies de males, vendiam receitas de amor e amuletos contra o «mau olhado», e para o aparecimento de prole. Todas estas práticas, que eles rodeavam de um certo mistério, combinadas com o seu aspecto e, certamente, alguns actos de pilhagem, levantaram certas suspeitas, dizendo-se que eles tinham relações com o demónio e que em segredo realizavam ritos espantosos. Acusaram-nos de raptos de crianças que sacrificavam nas suas cerimónias religiosas, comendo-as em seguida. Foi então que o povo e as autoridades dos diversos países começaram a dar-lhes caça e uma feroz perseguição, como se se tratasse de uma raça maldita, e publicaram-se leis severas nos fins dos séculos XVI e XVII, que lhes impunham retirar-se dos vários países em que se encontravam, sob pena de morte pela força ou pela fogueira.

A partir dos fins do século XVIII até aos nossos dias a situação dos ciganos melhorou muito. Nos países onde haviam sido reduzidos à escravidão foram postos em liberdade e quasi por toda a parte foi-lhes reconhecido o livre direito de se deslocarem e o exercício de profissões que se tornaram típicas da sua raça, como as de caldeiros, de ferradores, etc. desde que observem com respeito as leis do país que os hospeda.

Conforme o seu modo de viver os ciganos dividem-se em sedentários e giramundos. Os primeiros perderam muitas características da raça ori-

ginária. Habitam de preferência a Espanha meridional onde se abrigam em cavernas naturais ou em habitações construídas de barro. Na Roménia, Hungria e Checo-Eslóvaquia exercem profissões manuais ou ocupam-se na agricultura. Na Austrália a Imperatriz Maria Teresa procurou educar essa gente insociável, mandando construir uma escola especial que nunca chegou a ter alunos.

O Arquiduque José também procurou ajudá-los dando-lhes propriedades rurais, mas os novos colonos, um belo dia partiram em massa e nunca mais foram vistos. Na Checo-Eslóvaquia onde também existe uma minoria cigana promulgou-se uma lei que os obrigava à adopção de um estado civil normal, uma outra lei tornava obrigatório a todos os ciganos a terem a instrução primária, lei que deveria dar os seus primeiros frutos dentro de poucos anos. Mas aquéle país está atravessando dificuldades de tal ordem que não deixam prever possibilidades de reforma daquela raça que mais nada reinvidica que uma auréola de romantismo.

Os ciganos giramundos que usam os cabelos muito compridos vivem em grupos guiados por um chefe que exerce funções de sacerdote, juiz e representante da tribo perante as autoridades, e têm a «mãe-cigana» que goza de grande autoridade como guardiã dos costumes da casta. Vestem-se de trapos e andrajões preferindo as cores vivas, como o encarnado. Acampam perto das cidades e das aldeias. São excelentes apreciadores e vendedores de cavalos. Entre os ciganos, existem também extraordinários e as orquestras procedentes da Hungria e da Roménia já deram a volta ao mundo, vivamente aplaudidas por toda a parte.

SEBASTIAO DE SOTTO-MAYOR

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXIV - as forças equilibram-se



O príncipe Bulow, antigo chanceler alemão, grande defensor das opiniões de Tirpitz.

as alternativas da luta e as suas vicissitudes fossem de vária ordem.

Para as Nações Unidas, e especialmente para o grupo de potências anglo-saxónicas, tratava-se de transformar, o mais rapidamente possível, os seus recursos em matérias primas, a sua utensilagem industrial e as suas possibilidades técnicas, em armas, em equipamentos, em munições. Para os países signatários do pacto tripartido, tratava-se de impedir, colocando-as fora de combate sem grandes demoras, que essa transformação se fizesse.

Porque, com ela, se operaria outra mutação que não deixaria de influir poderosamente no curso ulterior das operações. A Grã-Bretanha só iniciara a incorporação dos seus filhos nas fileiras em Abril de 1939, quatro meses antes do início das hostilidades. Em Dunkerque, o exército que conseguira recrutar até essa data não atingia a cifra de meio milhão de homens, dos quais dois terços haviam sido enviados para o continente. Esse país podia ainda proceder à mobilização de mais um milhão de homens constituindo um exército que ficaria em condições de desempenhar um papel de indiscutível influência na guerra terrestre.

Os Estados Unidos estavam em condições porventura mais salientes ainda sob esse ponto de vista. Tendo uma população de cento e trinta milhões de habitantes, não seria difícil recrutar um exército de oito ou dez milhões de norte-americanos desde que, para isso, houvesse o tempo necessário. Era portanto

A sensação de equilíbrio entre as forças em presença, que começou a fazer-se sentir em seguida ao termo da ofensiva de Wehrmacht na frente leste entre Junho e Dezembro de 1941, acentuou-se, depois desta última data e prolongou-se ao longo do ano de 1942 até que, em Outubro, os Aliados passaram à ofensiva em todas as frentes, tendo-se operado uma mutação no panorama geral do conflito.

Mas, com o termo da ofensiva alemã a leste, sem uma decisão e com a entrada na luta de duas novas potências de significação mundial, o Japão e os Estados Unidos, era evidente que se estabeleceria uma corrida de velocidade entre a capacidade de produção das Nações Unidas e a preparação militar dos seus adversários. Essa corrida de velocidade devia prolongar-se ao longo de dez meses que representaram o período em que as forças dos blocos beligerantes se equilibraram, embora

todo o problema essencial do potencial humano que aparecia posto com a extensão da guerra.

O TEMPO E O ESPAÇO

O tempo e o espaço passavam a ter, a partir de Dezembro de 1941, uma influência capital na elaboração dos planos estratégicos dos beligerantes e na elaboração dos seus cálculos. A batalha de Inglaterra, a ofensiva de verão e de outono na frente leste e o ataque a Pearl Harbour demonstravam que a preparação militar, minuciosamente realizada, não bastava, em determinadas circunstâncias, para dar a vitória contra um inimigo que estivesse decidido a resistir.

Tratava-se, evidentemente, de operações executadas com uma impecável perfeição técnica mas que entravam em linha de conta, igualmente, com factores morais e psicológicos de indiscutível importância. Na batalha de Inglaterra era a capacidade de resistência da nação britânica que estava posta à prova. Na ofensiva da frente leste era a rapidez com que o ataque inicial realizasse os seus objectivos. No golpe de Pearl Harbour era a vontade dos Estados Unidos suportarem um conflito que não deixaria de ser certamente demorado e exaustivo, prescindindo, pelo menos temporariamente, das vantagens e comodidades que tinham constituído, durante muitos anos, o fundo da vida nacional nos Estados Unidos.

Nos três casos, a acção fulminante não se tinha traduzido por um resultado decisivo. Era o tempo que passava a jogar, sob o aspecto da preparação intensificada dos dois grupos beligerantes para novos e mais duros golpes. Ao mesmo tempo, o factor espaço começava igualmente a exercer uma acção preponderante. Porque, ao mesmo tempo que se arrastava, a guerra se alargava. Iniciada na Europa, estendeu-se primeiro à África. Agora era a Ásia, a América e a Austrália que a sentiam e que a faziam, com todas as suas exigências e com todos os sacrifícios que a sua realização implicava.

O FACTOR AMERICANO

Considerando esses dois factores essenciais, o tempo e o espaço, a intervenção dos Estados Unidos na guerra, isto é a intervenção duma potência fortemente industrializada e imunizada pela distância contra os ataques do adversário pelo mar ou pelo ar, representava um benefício de incalculável valor para o grupo das Nações Unidas. É certo que ela era, em parte pelo menos, compensada pela entrada do Japão na guerra ao lado das potências europeias do Eixo. Mas bastaria esta última intervenção, desde que os seus efeitos não conduzissem a uma decisão imediata no Extremo Oriente e na área do Pacífico, para contrabalançar a entrada dos Estados Unidos na guerra ao lado da Grã-Bretanha?

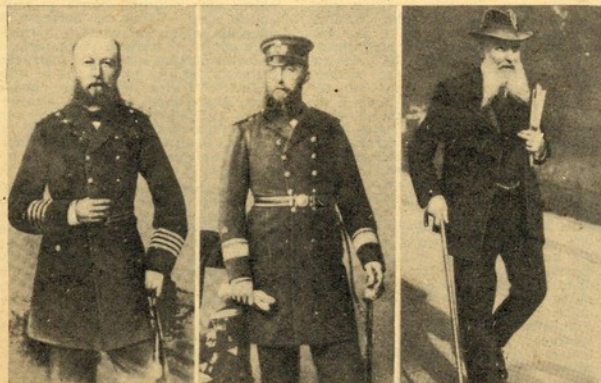
Insensivelmente, as recordações do que se passara na conflagração anterior afluam ao espírito, quando se tratava de apreciar o valor da intervenção americana no conflito actual. Mais uma vez estava posto um problema idêntico àquêle que se pusera para os dirigentes dos Impérios Centrais vinte e cinco anos antes.

Entre 1914 e 1918, o problema da intervenção americana estivera directamente relacionado com o problema da guerra submarina. Os chefes da marinha de guerra alemã tinham hesitado, durante muito tempo, em desencadear a guerra submarina sem restrições por estarem convencidos de que esse facto se traduziria, cedo ou tarde, e certamente mais cedo do que tarde, pela intervenção dos Estados Unidos no conflito. Considerando a verdadeira extensão dessa intervenção, procuraram evitá-la pelo preço duma renúncia e até do sacrifício de alguns dos homens mais categorizados da Alemanha Imperial.

A sua opinião, de resto, não fazia mais do que apoiar os pontos de vista incansavelmente defendidos pelos homens de Estado que se encontravam à frente dos destinos do Império alemão, o mais categorizado dos quais era o próprio chanceler. O conflito de opiniões, que então se verificou, constituiu uma das páginas mais curiosas, e certamente das mais reveladoras, da história da primeira conflagração mundial. Referiremos alguns textos autorizados para recordar um pouco dessa história.

DEPOIMENTOS AUTORIZADOS

Nas suas «Memórias», que continuam a constituir o mais completo e o mais literário repositório de factos sobre a vida da Europa de há um quarto de século,



Três idades de Tirpitz, o homem que precipitou a Alemanha nos inconvenientes da batalha submarina, durante a outra guerra: em 1889, em 1896 e em 1924, em Berlim, já reformado.

o príncipe de Bulow, antigo chanceler do Império alemão, refere o que, a esse respeito, se passou nos seguintes termos:

«Eram evidentes as razões gravíssimas que levaram a desaconselhar a guerra submarina (era à intervenção americana que o príncipe de Bulow se referia). Mas, se estavam decididos a desencadeá-la, era pelo menos necessário que confiassem a sua direcção ao grande almirante von Tirpitz, a nossa primeira autoridade em assuntos navais. Em vez de proceder assim, o chanceler Bethmann Holwegg, auxiliado pelos almirantes Muller e Holtzendorff, iniciou contra o grande almirante von Tirpitz uma campanha dissimulada que teve o seu epítogo no afastamento daquele chefe militar. Este facto deu-se quando nós nos encontramos no mais acedo da guerra, por meio dum simples telegrama enviado ao criador da nossa marinha de guerra pelo Imperador.

Tinham deixado passar o momento propício para se desencadear a guerra submarina e, quando se decidiram a isso, fizeram-no dum forma lamentável e tardiamente. Foi numa reunião realizada no castelo de Plessen que foi decidido iniciar a guerra submarina «à outrance». A essa reunião não assistiu o chanceler Bethmann Holwegg. Este só mais tarde foi informado da decisão tomada, e ofereceu a sua demissão ao Imperador que a não aceitou.»

Como se verifica do depoimento do príncipe de Bulow, que no decurso de toda a sua obra revela a antipatia profunda que nutria por Bethmann Holwegg, seu sucessor no posto da chancelaria e na amizade do soberano, este último tinha em dois dos mais categorizados chefes da Armada alemã, os almirantes Muller e Holtzendorff, dois valiosos colaboradores. Ambos eram de opinião que a guerra submarina acarretaria a intervenção americana e que esta última faria pender a balança das forças em presença para o lado dos Aliados, dados os extraordinários recursos deste país e as suas possibilidades para mobilizar e adestrar grandes massas de soldados, fazendo-as intervir no teatro de operações europeu.

O TESTEMUNHO DO ALMIRANTE TIRPITZ

Nas suas «Memórias», o grande almirante von Tirpitz conta igualmente, com grande cópia de pormenores, o que se passou com a declaração de guerra submarina e com a intervenção dos Estados Unidos na guerra contra a Alemanha Imperial. O almirante, que era uma personalidade de primeiro plano a quem se devia a construção dum poderosa marinha de guerra alemã, não tinha em menos conta do que qualquer dos seus compatriotas a importância da intervenção americana. Simplesmente a sua opinião era a de que, se a guerra submarina fôsse desencadeada desde o início das hostilidades ou pouco depois de estas se haverem iniciado, nem a Grã-Bretanha nem os Estados Unidos teriam tempo de se preparar convenientemente para a luta.

Por isso, não tendo conseguido, por virtude da intervenção do chanceler do Império e dos seus camaradas Muller e Holtzendorff, pôr em prática os seus pontos de vista logo que começaram as operações militares no verão de 1914, decidiu-se a fazer um esforço definitivo para esse efeito logo que, em 1916, se convenceu de que a Grã-Bretanha estava decidida a fazer a guerra até ao fim.

Nos dias 11 e 12 de Fevereiro de 1916, o almirante Tirpitz encarregou o seu mais directo e mais fiel colaborador, o capitão de mar e guerra Widenmann, de ir ao Grande Quartel General a fim de expor a sua opinião ao comandante chefe



Fardado, o chanceler Bethmann Holwegg, outra figura da guerra de 1914-1918, conversa com von Jacov, que se vê ao centro da foto.



A produção americana era em série e sempre em maior escala...

dos exércitos em operações, general Falkenhayn, conseguindo deste a sua aprovação a fim de que a guerra submarina fôsse imediatamente aberta.

As palavras empregadas pelo enviado do almirante em nome deste foram as seguintes: «Todos agora estamos de acordo em que a Grã-Bretanha combaterá até alcançar uma decisão vitoriosa nesta guerra. Só temos um dos dois caminhos a seguir: ou dar, de novo, a independência à Bélgica, pois é isso que fundamentalmente a Grã-Bretanha quer, ou iniciar, sem restrições, a luta dos nossos submarinos contra a navegação inglesa. Foi por esta última que eu me decidi e estou convencido de que ela chegará a bom termo. Farei tudo o que estiver ao meu alcance para conseguir que ela seja declarada.»

UM MEMORANDO HISTÓRICO

Foi em obediência a esta convicção profunda que o almirante von Tirpitz, em seguimento da diligência a que nos referimos, enviou ao Imperador um memorando circunstanciado em que expunha a necessidade de desencadear a guerra submarina nos primeiros meses de 1916, do qual constavam as seguintes passagens:

«É absolutamente necessário recorrer, sem demora e sem quaisquer restrições, ao emprego da arma submarina. Retardar, por mais tempo, a guerra submarina «à outrance» seria deixar à Inglaterra tempo para tomar novas medidas militares e económicas a fim de assegurar a sua defesa. As nossas perdas não fariam senão aumentar, depois disso, e o êxito da guerra ficaria rapidamente comprometido. Quanto mais depressa a guerra submarina começar, mais depressa o êxito coroarà o nosso esforço e mais depressa a Inglaterra verá aniquiladas as suas esperanças. No fundo, a Inglaterra quer abater-nos por uma luta de desgaste. Para nós, abater a Inglaterra é abater a alma da coligação inimiga.»

Mas, em 1916 como em 1940, era evidente que os Estados Unidos não veriam com indiferença a Inglaterra abatida e o domínio do Atlântico em risco de passar para outras mãos. «É certo — reconhece Tirpitz nas suas «Memórias» — que a América não aceitará nunca uma derrota completa da Grã-Bretanha. Mas se a intervenção americana tinha de se produzir, como efectivamente se produziu, era preferível que isso acontecesse em 1916, quando nós ainda estávamos fortes e unidos. A guerra submarina, desencadeada nessa altura, teria conduzido a um resultado seguro: evitar uma derrota total da Alemanha. Além de diminuirmos, consideravelmente, a força de resistência da Inglaterra, teríamos, no conjunto, conseguido um êxito político incontestável.»

Tirpitz pensava que, se o exército não estava em condições a partir da batalha do Marne de dar à Alemanha uma vitória completa, este resultado poderia ter sido alcançado se, desde o início, houvesse sido tomada a decisão de envolver no conflito a totalidade da esquadra alemã, tanto a de superfície como a submarina.

UMA HIPÓTESE DE TIRPITZ

Para o almirante não oferecia, porém, a mais pequena dúvida, como já vimos, que a guerra submarina acabaria por provocar a intervenção americana e que esta, se não fôsse limitada a tempo, acabaria por fazer pender a balança de forças, dada a grandeza dos recursos deste país, para o lado dos Aliados. Por isso ele pretendia diminuir o valor dessa intervenção, precipitando-a e evitando, pelo emprego maciço da arma submarina, que o auxílio decisivo dos americanos em homens e em material se fizesse sentir nos campos de batalha europeus, pois, uma vez este resultado atingido, nenhuma dúvida podia existir quanto à decisão da luta.

«Dir-se-á — pode ler-se nas suas «Memórias» — que começando em 1916 a guerra submarina, nós correríamos o risco de trazer, com um ano de antecipação, para os campos de batalha da Europa as torrentes de soldados americanos que começaram a chegar em 1917. Foram êsses soldados que, em 1918, comprometeram irremediavelmente.

(Continua na pág. 30)



Um grande acontecimento literário

«O JAPÃO»

NA HISTÓRIA, NA LITERATURA E NA LENDA»

um livro notável de CÉSAR DOS SANTOS

«O Estudo mais completo que até hoje se tem escrito sobre aquêlê país».

(«Diário de Lisboa»)

Tôda a história das ambições imperialistas do Japão — A literatura e a psicologia dos japoneses — A influência dos portugueses e de outros povos na civilização nipônica — A odisséia de cristãos e missionários — O drama do inglês Lafcádio Hearn e de Wenceslau de Moraes, etc.

Um grande livro que deve figurar em tôdas as bibliotecas!

Um grosso volume de cêrca de 500 páginas — Esc. 20\$00

À venda em tôdas as livrarias

Pedidos directos:

VIDA MUNDIAL EDITORA, L.^{da}

Rua da Emenda, 69, 2.^o Lisboa



ESTÁ À VENDA EM TODO O PAÍS O NOVO E APAIXONANTE ROMANCE

DE

METZNER LEONE

Os dois Maridos de Madame

UM CASO HUMANO, PROFUNDO, DESENEROLADO ATRAVEZ DE UMA AÇÃO INTENSA, PLENO DE DRAMATISMO E VERDADE

Uma magnífica edição de 320 páginas

PREÇO 15\$00 ESC.

Argo editora — Rua do Ferregial de Baixo, 31, 2.^o — LISBOA

Telefone 2 5220

PELES

A primeira casa especializada do país.

APRESENTA:

Preciosos modelos e peles para a primavera.

Os seus ateliers, onde se trabalha exclusivamente em peles, são dirigidos por técnicos estrangeiros especializados.

Apesar da categoria de CASA DE PRIMEIRA ORDEM vende a preços acessíveis.

RUA RODRIGUES SAMPAIO, 160
Telefone 40961

A CONFISSÃO

(Continuação da pág. 32)

mais frequentes, alargando assim as minhas relações.

Uma tarde levei meia dúzia de contos, para fazer umas compras. Na manhã seguinte, porém, voltei aqui sem dinheiro e sem ter feito qualquer transacção. Na véspera, à noite, um rapaz conhecido arrastara-me a uma dessas casas onde se perde tudo. Ao sentir-me resvalar nesse primeiro degrau, quis evitar a queda. Dias depois, tinha que pagar uma letra. Mas não possuía a quantia suficiente. Lembrei-me do pai da Maria Manuela. Ocultando o que se passava, pedi-lhe para me avaliar um aceite meu. Embora com certa relutância, pôs a sua assinatura na letra.

A tentação e a ilusão do salvatério levaram-me, de novo, à capital. E como o naufrago que cai no lodaçal e se esforça por sair do sorvedouro, eu mais me afundava nele. Reflecti, examinei a minha situação, e uma vez ainda recorri ao meu futuro sogro. A sua negativa foi formal, perentória. Não dormi nem comi durante vinte e quatro horas. Ardia em febre. Então, concebi uma ideia ignóbil, miserável. Meti-me no escritório e ao cabo de várias tentativas consegui imitar, com perfeição, a assinatura do pai de Maria Manuela. Tinha diante de mim — pensava eu — sessenta dias, tempo bastante para reunir a quantia necessária. A fatalidade não quis, porém, que assim fosse.

O meu «aceite» vence-se daqui a três dias, e eu não o posso pagar. Ah! Quanto tenho sofrido, ao reconhecer a degradação e a baixa moral a que descí. Para me salvar da deshonra e do descrédito, só tinha um recurso. Fui falar com meu tio, e, sem coragem para o olhar de frente, contei-lhe tudo friamente, com todos os pormenores, apre-

sentando-lhe uma proposta. Ele emprestar-me-ia o dinheiro para resgatar a letra e eu entregar-lhe-ia tudo, para ele gerir e administrar.

Sabes qual foi a sua resposta? Que não se prestava a poucas vergonhas e que me arranjasse como pudesse!

Poderia eu sobreviver a tal deshonra? Não! E ainda que tivesse coragem para isso, estou certo de que minha mãe morreria de vergonha. Prefiro antes ser eu próprio a terminar com isto!

Acabo de escrever aquêlê que estava para ser meu sogro, contando-lhe tudo e enviando-lhe uma declaração de dívida. Ao menos tenho a certeza de que guardará segredo. Os homens são todos assim!

Depois vou deitar as duas cartas no correio. E quando o dia romper, recolherei a casa para dar o último beijo à minha santa velhinha e repousar na eterna tranqüilidade do nada. E que Deus me perdoe esta última loucura.

Tem amigo

Já lá vão dezoito anos.

E ainda estou a vê-lo, estendido na cama, meio vestido, o rosto de uma transparente serenidade. Do frontal direito, a macular a brancura da face, saía um delgado fio de sangue, que corria numa curva até o canto da boca.

Só ali estavam duas pessoas.

Uma era o tio, frio e impassível, que ao ver-me murmurou:

— Que coisa tão estúpida! Quando poderia salvar-se ainda!...

A outra, mal a via. Estava ajoelhada, com a cabeça pendida para a frente, a esconder o rosto sobre a roupa da cama.

Era a pobre velha que chorava, em silêncio, convulsivamente o filho perdido sem remédio...

HELIGOLAND

(Continuação da pág. 25)

no entanto, pode desempenhar-se bem da sua função essencial: a defesa das embocaduras do Elba e do Weser. É claro que nem de longe, como o desejariam os alemães, pode desempenhar o papel heróico que coube a Malta nas terríveis lutas mediterrâneas.

O MAR VAI DESTRUINDO LENTAMENTE AS FALÉSIAS DE HELIGOLAND

A pequena ilha de Heligoland está condenada a desaparecer. Lentamente, o mar vai destruindo as suas falésias vermelhas. Desde o século XI a sua superfície foi reduzida a quatro quintas partes, ao mesmo tempo que o mar a isola mais da terra pela supressão de uma parte do rosário de ilhotas que prolongavam para nordeste as ilhas do litoral frisio. A partir de 1770 a ilha primitiva foi cortada em duas partes: Sandy-Island e Heligoland. Em 1925 desloçou-se do promontório oriental um bloco de 12.000 metros cúbicos; em 1926

outro de 7.000 metros; e em 1933 uma massa rochosa de 6.000 metros. Frequentemente, sobretudo quando a região gela, desaparegam-se grandes bordos de rocha que vão sepultar-se no seio da água. É provável que os bombardeamentos aéreos, iniciados a semana passada pela aviação inglesa, contribuíam também para abalar a massa rochosa, apressando o seu inevitável desaparecimento.

Entretanto, por via da guerra, os pacíficos insulares vão ter que abandonar as suas casinhas de telhados vermelhos e azues, aguardando, cheios de saúde, não se sabe por quanto tempo, a hora apetecida de voltar a disfrutar a paz da sua ilha pequenina.

JOSE BARAO

SABE RESPONDER?

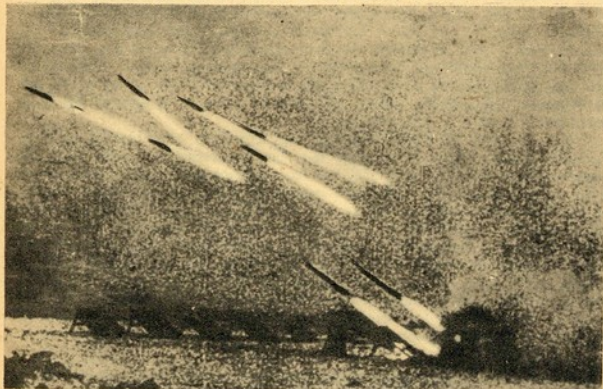
(Respostas da pág. 27)

1 — Plutão; 2 — Champollion e Grotefend; 3 — A vitamina B ou antiberbérica; 4 — Swift; 5 — Na Bíblia; 6 — Disraéli.

NOTAS DE GUERRA



Um novo tremor de terra abalou a Turquia e o Vesúvio está em convulsões lançando lavas, matando vidas, destruindo aglomerações. É a guerra — não dos homens — mas dos elementos. Na região situada ao norte de Ankara, sobre o Mar Negro, perto das minas de carvão de Aregli, as ruas ficaram assim e as últimas estatísticas falam-nos de 6.600 mortos, 2.800 feridos, 3.639 casas completamente destruídas e 1.598 quasi no mesmo estado...



Eis a «arma secreta» que apareceu ultimamente na campanha de Leste, contra os exércitos alemães. Quando dos combates pela posse de Leninegrado, foram empregados foguetões-obuses a que deram o nome de «Katuchkas». Aqui os vemos em explosão, correndo sobre a noite como fantasmas luminosos.



Que lhes parecem estes mascarados? Todavia, ninguém gostaria de estar na pele destes fantasmas... Trata-se da camuflagem usada pelos soldados da «Wehrmacht» na campanha da Rússia. As máscaras protegem contra o frio e são pintadas de acordo com a cor do terreno em que vão ser usados.

FIGURA DA VIDA MUNDIAL



HENRY STIMSON — Ou melhor, o dr. Henry L. Stimson, advogado de profissão, político de vocação e ministro da Guerra norte-americano por nomeação do Presidente Roosevelt. A sua carreira governamental, entretanto, não principia aqui. Já em 1911, no governo de Taft, foi ministro da Guerra, deixando aquela pasta com a subida de Wilson ao poder. Esse velho rijo, que durante a outra guerra tomou parte nas operações americanas em França, comandando uma unidade de artilharia, foi enviado pelo Presidente Coolidge a Nicarágua para selar a paz e a ordem em 1927. Este e outros factos de não menos importância fizeram-no depois governador geral das Filipinas, servindo ainda como secretário de Estado durante a administração de Hoover. Há menos de um ano esteve na Grã-Bretanha, onde realizou importantes conferências e — disse-se — os assuntos russos, no campo de batalha, passaram para um plano mais eficiente, decerto porque das conversações navidas muito se discutiu o problema de auxílio à Rússia, em questões de material de guerra.



**EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS
EM LINGUA PORTUGUESA**

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas	Estações	Ondas
12,45	WRUA	25	WRUS	19	WGEO	19		
13,45	WRUA	25	WRUS	19	WRUW	25	WBOS	19
14,45	WRUA	25	WRUS	10	WRUW	25		
17,45	WRUA	25	WRUS	19	WRUL	19		
18,45	WRUA	25	WRUS	19	WRUL	19		
19,45	WRUA	25	WRUS	19	WGEA	25	WCDA	26
20,45	WRUA	25	WRUS	19	WGEO	31		
(Meia hora de programa especial)								
21,45	WRUA	39	WRUS	31				
22,45	WRUA	39	WRUS	31	WKLJ	30		
23,45					WKLJ	30		

«A VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser também escutada por intermédio da «B. B. C.» das 19,45 às 20

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA**

Atenção!

V. Ex. deseja uma boa gravura?

FIXE BEM ESTE NOME:

BERTRAND
IRMÃOS, L. D. A.
OS MAIORES ATELIERS GRÁFICOS DO PAÍS

Executam com a máxima perfeição todos os trabalhos de Fotogravura, Tipografia, Offset e Desenho

Travessa da Condessa do Rio, 27 — LISBOA — Telefones P.B.X. 2 1227 - 2 1368

HISTORIA DA GUERRA

(Continuação da pág. 27)

mente a nossa situação. O nosso comando ficou surpreso com a grandeza desses contingentes e, sem o avaliar no seu verdadeiro valor, consentiu que, em várias tarefas, fossem empregados a leste da Europa mais dum milhão de alemães.»

Mas, para o almirante, a solução do problema devia ser dada em 1916, pois em 1917 era demasiado tarde para isso. Trata-se, evidentemente, de uma hipótese a respeito da qual todos os juízos são lícitos. Tirpitz tinha a opinião de que em 1916 não chegariam à Europa tantos soldados americanos como chegaram no ano seguinte. Mas, ao mesmo tempo, acrescenta que, se esses soldados chegassem com as suas armas produzidas em quantidades quase inverosímeis, a decisão da luta não deixaria de ser alcançada num prazo de tempo relativamente curto. «Em 1916, diz ele, o envio de tropas americanas parecia menos provável do que no ano seguinte. Por outro lado, estávamos então em condições de afundar uma tal percentagem de navegação inimiga que as forças expedicionárias americanas só em quantidades relativamente pequenas poderiam chegar à Europa.»

A HISTÓRIA REPETE-SE

O problema da intervenção americana na primeira conflagração mundial mereceu sempre um interesse compreensível e o seu estudo, bem como o estudo das causas que o determinaram por bem se avaliar a extensão dos efeitos que produziu, foi feito cuidadosamente pelos dirigentes dos países interessados. Em 1940, repetia-se a história que se verificara em 1914. A Grã-Bretanha estava ameaçada duma derrota total, a qual poria em causa a questão do domínio do Atlântico. A guerra submarina, ao contrário do que acontecera quando da primeira conflagração, fôra desencadeada simultaneamente com o início das hostilidades em terra.

Mas os dois blocos beligerantes procuravam, beneficiando da experiência adquirida, evitar ou precipitar a intervenção americana, com a convicção de que essa intervenção seria de importância primordial para a decisão da luta. Em 1940, como em 1914, havia nos Estados Unidos uma poderosa corrente isolacionista. Das duas vezes estava no poder um presidente favorável à intervenção do seu país na contenda, depois de haver feito esforços para a evitar. A história repetia-se, portanto.

Mas em 1940, ao contrário do que acontecera em 1914 com os Impérios Centrais, o bloco tripartido tinha no seu jôgo um trunfo para opôr ao trunfo americano: a intervenção do Japão. Por isso, enquanto na primeira conflagração a intervenção dos Estados Unidos foi seguida de perto pela vitória dos Aliados, na segunda conflagração essa intervenção veio prolongar a luta e prolongar, antes que a iniciativa mudasse de campo nos vários teatros de operações, o período em que as forças dos dois blocos beligerantes se equilibraram. Esse período de transição foi, como temos dito, o que se iniciou com o termo da ofensiva alemã na Rússia, em 1941, e terminou com o início da ofensiva das Nações Unidas em África, em fins de 1942. Durou cerca de dez meses, entre 7 de Dezembro de 1941 e 23 de Outubro de 1942, desde que os alemães se detiveram em frente de Moscovo até que Montgomery começou a batalha de Alamein. (Continua)

Composição: Mentolum 8 grs. - Methylum Salicylicum 8 grs. - Lanolinum Anhydricum 16 grs.

BAUME BENGUE
ANALGÉSICO
GÔTA, REUMATISMOS
E NEURALGIAS

Dr. BENGUE, Farmacêutico de 1ª classe pela Faculdade de Paris

**O mais antigo Analgésico
de resultados seguros**

Um medicamento que deve existir em tôdas as casas.
Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em tôdas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

PAPYRUS

PAPYRUS — O melhor papel para escrever
 PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
 PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
 PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
 PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
 PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
 PAPYRUS — O melhor papel para cartas

À venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:
Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)
 Rua dos Correiros, 70
 LISBOA
 End. telegráfico PAPIRO — Telefone 25854

PAPYRUS
Extra Strong

PASSATEMPO

DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES

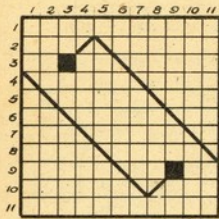
TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA À R. MARQUEZ SÁ DA BANDEIRA, 108-3.º — LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS • DAMAS • XADREZ • CHARADAS

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 21

Por Jerónimo Pinteus de Sousa
(Lisboa)



Enunciado.

HORIZONTAIS: 1 — Limparem. 2 — Segulas; avistado. 3 — Nota de música; art. (pl.); ardor. 4 — Enfeitam; rale. 5 — Deixas de fazer no dia marcado; brota. 6 — Prep. e art.; terrenos em volta das igrejas; partir. 7 — Abrev. de senhor; de cheiro activo (pl.). 8 — Nome de peixe (inv.); despachar. 9 — Tinjam; art. (plur.); art. (plur.). 10 — Terrenos circulares onde se lidam totos; arma branca. 11 — Ressuscitaram.

VERTICAIS: 1 — Duplicação; encher chouriços. 2 — Taisca; lance a âncora. 3 — Art. (plur.); batráquio; escarnecer. 4 — Percorre; virtudes. 5 — Exportação; novio. 6 — Numeral cardinal; sinal; senhor. 7 — Tenha ciúmes (inv.); fruto da sorveira. 8 — Trata a terra; algarismo. 9 — Aparentes; sádia; viração. 10 — Sua-vizal (fig.); sementeira entre mato. 11 — Apelido; eco.

Solução do problema n.º 20

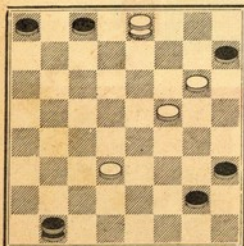
HORIZONTAIS: 1 — Mestre; arca; 2 — Amaro; areara. 3 — Bati; pedi; A. C. 4 — Ena; pode; amo. 5 — Lo; solo; umes. 6 — Mero; anos. 7 — Paço; asar. 8 — Mono; ovas; ar. 9 — Aio; aços; ale. 10 — Ra; elas; idas. 11 — Aiolas; árido. 12 — Ossos; doaras.

VERTICAIS: 1 — Mabela; Marão. 2 — Emamo; polais. 3 — Sata; mano; os. 4 — Tri; sêco; elo. 5 — Ro; poro; alas. 6 — Polo; ôcas. 7 — Aedo; avós. 8 — Arde; asas; ao. 9 — Rei; umas; iria. 10 — Ca; amor; adir. 11 — Arazes; alada. 12 — Sacos; presos.

DAMAS

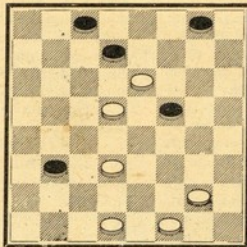
PROBLEMA N.º 17 (Concurso)

Por Domingos A. da Silva
(Lisboa)



Jogam as brancas e ganham.

PROBLEMA N.º 18 (Concurso)
Por Adamastor Manuel Pereira
da Costa (Pôrto)



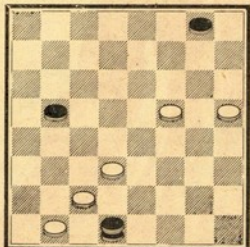
Jogam as brancas e ganham.

JOGO N.º 6
(Ano de 1944)

Este jogo foi disputado nos salões do Café da Brasileira, do Rossio, entre os exímios «damistas» David Fernando Martins (actual campeão de Lisboa) e Júlio César Mourão Patrício:

10-14	1.º	23-19
14-23	2.º	28-19
9-13	3.º	32-28
13-17	4.º	28-23
5-10	5.º	21-18
1-5	6.º	18-14
11-18	7.º	22-13
12-15	8.º	19-12
8-15	9.º	26-22
10-14	10.º	13-9
7-11	11.º	22-18
14-21	12.º	25-18
3-7	13.º	30-26
5-10	14.º	18-13
10-14	15.º	9-6
2-18	16.º	24-20
15-24	17.º	31-28
24-31 (D)	18.º	23-20
31-22	19.º	26-3 (D)

Posição do jogo ao 19.º lance das pretas



17-21	20.º	3-12
4-7	21.º	12-3
18-22	22.º	3-7
22-28	23.º	7-25
26-30 (D)	24.º	20-16
30-23	25.º	Empatado

OVAR

1.º Campeonato de «Damas»

Findou o 1.º Campeonato de «Damas» de Ovar. A segunda fase, a mais interessante, foi bem disputada, porque todos os jogadores estavam então na plena posse dos seus recursos.

Houve algumas modificações nos primeiros lugares da classificação, que foi a seguinte:

1.º, José Polónia Figueiredo; 2.º, António Lopes; 3.º, Dr. José Augusto Carvalho da Silva; 4.º, David Godinho; 5.º, António Alberto Valente; 6.º, Manuel Antunes; 7.º, Manuel Silva; 8.º, Eng.º Fernando Moura; 9.º, José Flávio da Silva Ribeiro; 10.º, Joaquim Belo Correia Dias; 11.º, José de Oliveira Soares; 12.º, António Laranjeira.

Éis o que nos disse sobre o torneio o seu orientador, sr. António Carvalho de Moura, velho «damista», que dirigiu com muito acerto e boa visão este campeonato:

«O torneio disputou-se num

ambiente de franca compreensão, sempre em boa harmonia e cheio de interesse, devendo anotar-se a lealdade e desportivismo de todos.

A parte técnica foi regular, e partidas houve que deliciarão pela beleza dos lances, demonstrando faculdades de imaginação dos contendores, e dando-me o direito de afirmar que em Ovar há jogadores de classe.

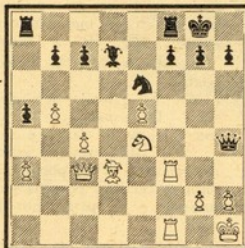
As «damas» estão em franco desenvolvimento, e muito há que esperar dos que agora começam. É este torneio veio animar novos e velhos, que, satisfeitos, resolveram organizar outro brevemente com a inclusão de valores impossibilitados de tomar parte neste, que, decerto, lhe trará maior animação.

A sua realização deve-se a António Lopes, exímio jogador, que obteve, com todo o merecimento, o segundo lugar, e o seu êxito incitou-o a organizar outras diversões desportivas, como seja um torneio de xadrez e um campeonato de bilhar, que se realizam na sede dos Bombeiros Voluntários de Ovar, cuja direcção é crêdora do agradecimento de todos pelo bom acolhimento dispensado.

XADREZ

MOMENTO CRÍTICO N.º 6

Que jogaria nesta ocasião?



Jogam as brancas.

Solução do momento crítico n.º 5
Partida Mross-Caspers: A x P1.

JOSÉ RODRIGUES CORREIA

(Viseu)

Este nosso amigo e distinto colaborador da secção de «Passatempo» da «Vida Mundial Ilustrada», teve a gentileza de, aproveitando a sua passagem por Lisboa, nos visitar, o que muito nos sensibilizou. José Rodrigues Correia, cotado odontologista, e que exerce a sua profissão na Rua Direita, 13, em Viseu, dedica as poucas horas livres de que dispõe à confecção de Palavras Cruzadas e Charadas, em que é mestre.

Ao nosso bom amigo desejamos muitas felicidades e que volte dentro em breve a Lisboa, afim de o podermos abraçar.

CORRESPONDENCIA

Comandante Luis Cais (Lisboa) — Agradeço as suas amáveis palavras e acompanhamento sinceramente na sua dor.

Jorge Galamba Marques (Castanheira de Pera) — Muito obrigado pelos elogios à secção. Dentro de meses farei um torneio de «damas» e um concurso de palavras cruzadas.

Fernando de Araújo (Lisboa) — A sua morada ficou ilegível por causa do carimbo dos correios. É favor enviar-ma novamente.

João Manuel Henriques Carolino (Pôrto) — Os desenhos têm que vir a tinta da China preta. A solução num diagrama feito com qualquer tinta. É preciso indicar os dicionários de que se serviu para a confecção do problema.

Ventura
a postos...

Por ZÉCO



Para mais facilmente poder levantar a minha carta de racionamento e afim de que me não incomodem nessas enormíssimas bichas — de rabiar — entendi ir defendido consoante vos indico nestes modelos.

Não são reservados os direitos de autor...

A CONFISSÃO

Uma novela de Edmundo Motrena

Desenho de Rudy

ERA domingo — um domingo luminoso e transparente de primavera. Resolvido a não sair de casa, sentei-me à secretária, junto da janela. Aos meus ouvidos chegava, coado pela distância o yago e o confuso "brouhahá" da cidade que nesse dia acordara tarde. O largo golfeão do rio, formado pela estreita península, assemelhava-se, com as suas águas tranquilas, a um grande lago adormecido.

Para além da Troia, o mar azul, o mar sem fim, donde parecia subir uma vaporosa serenidade, que se diluísse, num tom de creme e rosa, pela atmosfera.

Peguei ao acaso num livro. Era um volume de contos, dos mais impressionantes, de Edgar Poë. Depois, tentei escrever. Foi-me impossível. Nenhuma ideia me acudia ao cérebro, como se as suas células, sob um influxo misterioso, vindo não sei donde, estivessem insensíveis.

Então — recordo-me perfeitamente — ao cabo de algum tempo, deu-se qualquer coisa dentro de mim, como um choque que se repercutisse do cérebro aos nervos, ao mesmo tempo que julguei ouvir murmurar o meu nome.

Eu bem sabia que estava sózinho. Apesar disso, levantei-me e fui abrir a porta do corredor. Uma aragem fresca bateu-me no rosto. Olhei para o fundo, como à espera que surgisse alguém. Mas não. No interior da casa reinava profundo silêncio, desses silêncios que encham as criptas sepulcrais.

Eu que nunca fôra supersticioso, que descreia de tudo e que ria, por vezes, de um camarada que apregoava convicto as suas doutrinas psíquicas, estava nesse instante sob uma impressão nervosa, que me povoava o espírito de visões extravagantes.

De repente, ouvi alguém na escada gritar o meu nome. Era o correio, que me trazia uma carta. Assim que ele voltou as costas fechei a porta e olhei o sobrescrito. O endereço estava dactilografado, sem qualquer indicação do remetente.

Rasguei o sobrescrito e tirei de dentro três folhas de papel amassado, cheias de uma prosa estudada, mas sincera.

Era uma confissão dolorosa que dir-se-ia vir de além-túmulo.

Eis a carta:

«Vasco, meu bom amigo.

«Acaba de dar a meia noite, lá fora. Conte as horas da primeira à última. Ressoaram lugubremente, parecendo pairar no espaço, por algum tempo. Dizem que esta é a hora das almas errantes. A minha não erra por regiões fantásticas. Está concentrada e fixa, neste momento, como presa por invisível fio aos bicos da pena, desfibrando-se lentamente, à medida que as palavras vão caindo sobre a branquidão do papel.

Tu sabes, melhor que ninguém, a minha vida. E no entanto, não a conheces inteiramente. É essa circunstância que me leva a escrever-te, para te fazer uma confissão. Não sei se obterei a absolvição d'Aquêle que rege os nossos destinos. Contudo, peço-a fervorosamente pelo crime que, dentro de poucas horas, irei cometer.

A minha vida não tem sido feliz e tranqüila, como eu desejaria. Porquê? Tem sido, porventura, minha a culpa? Não! Então, de quem? Não ousa nesta hora, a mais angustiada da minha existência, atribuir as culpas aquêles que me atiraram para o mundo. O êrro vem de

longe. Eles é que, na sua ignorância, não viam isso. Com o seu amor exagerado, com o orgulho que o dinheiro lhes dera, meu pai quis fazer de mim aquilo que eu não devia ser.

Na pequena vila eu era o menino-rico, que fazia a inveja dos outros, o menino-prodígio que era o assombro de todos. As lições papagueadas, com facilidade, eram para a gente entendida da vila a demonstração de uma «inteligência precoce». O dia do meu exame ficou memorável. Passearam-me pela vila, como um animal raro, fui rodeado por o menino entre os doutores, festejado com louvaminhas que só envaideciam o meu espírito de criança.

Meus pais — pobres dêles! — desdenharam fazer-me ombrear com os outros rapazes, que começavam bem cedo a amargar o pão que comiam, com o sacho na mão ou tocando os rebanhos que guardavam. E mandaram-me para o liceu, na capital do distrito, entregue aos cuidados de um parente afastado. Apesar da minha «inteligência», tirei o primeiro ano com certa dificuldade. No segundo, os apertos foram maiores. O meu papagueado irritava os professores, que exigiam que lhes dissesse as coisas à minha maneira. Todos os meus esforços e canseiras foram inúteis. E perdi o segundo ano. Gastei nisto, fui rodeado por seis anos, para aproveitar apenas três. Meu pai devia ter gasto bastante dinheiro. As suas cartas, escritas pelo boticário, eram claras a êsse respeito, citando a propósito que, em dois anos seguidos, as sementeiras tinham sido desastrosas. Se bem me lembro, dizia-me que o trigo *fundira a duas sementes*. Isto era a ruína.

Um dia recebi uma notícia fatal.

Meu pai falecera dois dias antes. Degostosa com tudo, com a morte do marido e com o meu afastamento, minha mãe adoeceu, a tal ponto que resolveu vender a pequena propriedade e vir para junto de mim.

Uma vez instalada na cidade e a conselho de um cunhado, minha mãe fez-me ver que seria melhor deixar os estudos e arranjar um emprego. Essa decisão era para mim, como que a carta de alforria daquela vida que me torturava.

Procuraram-me uma colocação compatível com as minhas aptidões. Mas que aptidões tinha eu aos catorze anos, nada sabendo de aproveitável? Sem ninguém que me orientasse, corri quatro empregos.

Uma noite, à hora da ceia, minha mãe disse-me:

— Meu filho! Tens que pensar, a sério, na vida, e procurar outro rumo. É certo que me resta ainda algum dinheiro e que estou velha! Mas repara que tu não ganhas o suficiente. Dessa forma, o dinheiro desaparece rapidamente. E depois, mais dia, mo-

nos dia, tens que casar. É a ordem do mundo. Teu pai foi sempre trabalhador, bom marido e um homem honrado. Só numa coisa é que procedeu mal. Foi em querer fazer de ti um homem de estudos. Se te levasse para o campo, a trabalhar ao seu lado, ainda lá estaríamos, com certeza!

Eu não compreendia aonde queria minha mãe chegar. E perguntei-lhe hesitante:

— Mas que queres a mãe que eu faça?

— Falei hoje com teu tio e êle deu-me uma opinião que não me pareceu má!

Que opinião seria essa?

Meu tio falava às vezes comigo, com um ar paternal, aconselhando-me e contando-me, por alto, a sua vida de negócios, na qual adquirira rapidamente bom peçúlio, sem o auxílio de ninguém. Eu não conhecia os pormenores e, portanto, não tinha motivos para duvidar do que êle me dizia. Mas, não sei porquê, por vezes, notava nele um ar impenetrável e glacial.

— Que opinião foi essa, minha mãe? — arrisquei eu.

— Com o dinheiro que temos, abre-se uma loja de comércio. Teu tio sabe dessas coisas e auxilia-te no que fôr preciso.

A proposta sorria-me. Via-me, novo ainda, feito comerciante, dispondo de mim, livremente. E assim se fez.

Foi há cinco anos. Lembras-te? Montei uma loja de móveis, comércio fácil e de transações de vulto. Acredita-me trabalhei com vontade e firmeza. Os negócios pareciam prosperar o que me levou — não sei porque inspiração — a comprar em nome de minha mãe o pequeno prédio que habitamos. Meu tio que aparecia na loja de vez em quando, procurou-me uma tarde. Tinha um pagamento a fazer, dois contos e duzentos. Pedi-me para lhe aceitar uma letra que êle avalizaria. Como eu conseguira um bom crédito numa agência bancária, o desconto foi autorizado. E isto repetiu-se quatro ou cinco vezes.

Ah! Nunca êle me tivesse feito tal pedido!

As minhas viagens à capital haviam-se tor-

(Continua na pág. 28)



VIDA MUNDIAL ILUSTRADA

DIRECTOR: JOSÉ CANDIDO GODINHO

EDITOR: JOAQUIM PEDROSA MARTINS

PROPRIEDADE DE VIDA MUNDIAL EDITORA, LIMITADA

REDACÇÃO E ADMINIST.: R. DA EMENDA, 69, 2.º — LISBOA — TEL. P. B. X. — 25844